



A PRAÇA DO TAUAPE

Identidade através do Desenho Urbano

Yuri Bravos

Fotos

Bairro do São João do Tauape

Fonte

Acervo Pessoal e Pedro Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

A PRAÇA DO TAUAPE

Identidade através do Desenho Urbano

por
YURI ANÍBAL BRAVOS

orientação
PROF. DR. RICARDO BEZERRA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B836p Bravos, Yuri Aníbal.

A praça do Tauape : identidade através do desenho urbano / Yuri Aníbal Bravos. – 2017.
115 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia,
Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2017.

Orientação: Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Bezerra.

1. Praça. 2. São João do Tauape. 3. Desenho Urbano. 4. Paisagismo. I. Título.

CDD 720

YURI ANÍBAL BRAVOS

A PRAÇA DO TAUAPE

Identidade através do Desenho Urbano

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Figueiredo Bezerra
ORIENTADOR

Profa. Dra. Zilsa Maria Pinto Santiago
PROFESSORA CONVIDADA

Prof. Dr. Newton Célio Becker de Moura
ARQUITETO CONVIDADO

Fortaleza, 09 de janeiro de 2017

Agradecimentos

Ao Senhor, que é Bom, e me sustentou todos os dias entre as várias frustrações e desgostos da faculdade. Jo 16, 33.

A minha mãe, por ser quem é e por ter me criado e me ensinado a ser quem eu sou.

Aos amigos, da comunidade e - principalmente - da faculdade: Alana, Isadora, Raíssa, Raíssa, Raquel, Renata, Victor. Que a faculdade acabe, mas a amizade não.

À menina Gabriela, que me acompanhou nessa reta final e me encorajou diante dos vários obstáculos, sonhando ao meu lado e tornando tudo mais leve.

A todos os funcionários e professores do DAU, pelo que pude aprender com cada um.

Aos que me ajudaram a finalizar esse trabalho seja batendo fotos, relendo textos, dando idéias, elogiando ou reclamando.

Muito obrigado. Luz e Paz.

Sumário

Capítulo 1

Histórico e Caracterização do Bairro

1.1 Breve introdutória	10
1.2 O bairro sem praça	11
1.3 Análise cognitiva	20
1.4 Quaisquer dados relevantes	32

Capítulo 2

Escolha pelo Desenho Urbano

2.1 Desenho Urbano x Planejamento Urbano	40
2.2 Hayek e Jacobs	45
2.3 Acupuntura Urbana	50

Capítulo 3

Projeto

3.1 Escolha do Terreno e Justificativas	56
3.2 Princípios e Objetivos de Projeto	60
3.3 Projeto Urbano	60

A Praça do Tauape

Panorama Geral	72
Paginação	75
Acessibilidade	79
Escolha das Espécies	83
Micro-Espaços	92
Outros Detalhes	101

Conclusão

Considerações e Referências	111
-----------------------------	-----

“ Parece até que estão implicando com a gente. Será que nós não merecemos uma única praça?”

Proprietário da Merceria Targino, 1981

“ nem a Igreja tem praça...”

Dona Ieda, moradora, 2016.

Histórico e Caracterização do Bairro

Capítulo 1

Histórico e Caracterização do Bairro

1.1 Breve introdutória

1.2 O bairro sem praça

1.3 Análise cognitiva

1.4 Quaisquer dados relevantes

Dentro da cidade de Fortaleza, o São João do Tauape não é um dos bairros mais aclamados nem mais conhecidos. Na perspectiva histórica, então, pouco se tem reunido acerca do bairro ou como ele se formou. Havendo, entretanto, a necessidade de se aproximar do São João como objeto de estudo, para depois poder intervir nele de modo benéfico ao espaço urbano e seus moradores, fez-se o intento de reunir algumas informações históricas, de fontes variadas; de analisar a estrutura urbana de forma cognitiva; e, por fim, de reunir dados demográficos relevantes, capazes de incorporar algum conhecimento do perfil dos moradores do bairro.

Tudo isso com o objetivo único e prático de estabelecer a proximidade mínima que é necessária para a concepção de um projeto urbano como o que será aqui proposto. Fica ressaltado que esse estudo não é, nem pretende ser, um compilado definitivo sobre o bairro e muitos outros dados, relevantes para outros tipos de projetos ou de atividades, deixarão de ser contemplados, a fim de termos um texto breve e eficiente.



Visita da torre da Igreja na rua Monsenhor Salazar, a cerca de 200m. (Foto: Acervo Pessoal)

É difícil achar informações históricas acerca do São João do Tauape. Chamado assim por causa da Igreja de São João Batista e por causa do rio Tauape, que passa numa das fronteiras do bairro, sua consolidação da cidade ocorreu de modo desordenado e fora dos holofotes. Ele é ainda dividido informalmente em Pio XII e na comunidade do Lagamar, que se estende até bairros vizinhos como a Aerolândia e Alto da Balança.

Para tentar organizar uma mínima linha do tempo, capaz de elucidar como o bairro cresceu e como era visto durante seu crescimento, buscou-se duas fontes principais: o acervo de um dos jornais locais com maior circulação e entrevistas informais com antigos moradores do bairro, a contar sua história no próprio bairro. As informações conseguidas em entrevista servirão para corroborar as manchetes e trechos colhidos e para deslindá-los, quando assim for necessário.

1.1 Breve introdutória

1.2 O bairro sem praça

1.3 Análise cognitiva

1.4 Quaisquer dados relevantes

Organizar-se-á da seguinte maneira esse estudo: a cada década serão apresentada as principais manchetes e pequenos trechos de reportagem e tecidos comentários sobre o que se pode apreender deles. O acervo disponibilizado pelo jornal OPovo, desde a sua fundação, remonta de 1928 até os dias atuais. Como o principal objetivo desta pesquisa era averiguar a consolidação da bairro, foram esmiuçados os arquivos de 1928 até 1990.

Década por década

Década de 40

A primeira vez que o bairro é citado no acervo do jornal é em 1940, embora o acervo detenha publicações de doze anos antes. Na realidade, não se trata sequer de uma notícia, mas de um anúncio de venda de um “grande parque em São João do Tauape”. Tira-se daí que, até então, pouca era sua relevância como bairro na cidade e era uma área ainda com pouca urbanização. Oito anos depois, noticia-se animadas quermesses, que já denota a proximidade dos moradores com a igreja local e com a religiosidade.

Nessa mesma reportagem, cita-se a empresa de ônibus São Francisco, que era e foi responsável durante anos pela linha chamada Ana Gonçalves/Parque Pio XII, existente até hoje. Essa linha deu nome a uma porção do bairro mal delimitada, mas que é, muitas vezes, reconhecida como bairro Pio XII. Um ano depois, em 1949, noticia-se a ida de uma senhora chamada Ozita, dita ‘santa de Pernambuco’, desde o bairro até o Palácio da Luz, acompanhada dos moradores, reforçando o caráter devoto dos moradores.

1951

03 de outubro

Linha de ônibus do São João do Tauape sofre reajuste.

1940

31 de dezembro

Venda de terreno: “Grande Parque em São João do Tauape”.

1948

15 de outubro

Animadas Quermesses. no São João do Tauape”.

1949

02 de junho

Ozita ‘santa de Pernambuco’ vai do bairro ao Palácio da Luz.

Década de 50

Em 1951, cita-se mais uma vez a linha de ônibus do São João do Tauape, que leva do bairro até o Centro. Nesta reportagem, fala sobre o aumento da passagem de sessenta para oitenta centavos, enquanto as demais linhas da cidade permaneceram nesse valor. Pode-se concluir daí que ainda na década de 50 o bairro era considerado distante do Centro da cidade, embora hoje tenha uma localização privilegiada de acesso aos bairros mais importantes, inclusive o Centro.

1954

20 de agosto

Paulo Sarasate
saudado no São
João do Tauape.

1958

23 de julho

Matança de Gado
Clandestina.

1959

03 de setembro

Show beneficente
para Igreja Matriz.

Em 1954, um ano antes de eleger-se governador do estado, Paulo Sarasate é saudado no bairro. Em 1958, uma reportagem falava dos matadouros clandestinos de gado. Havia, na época, matadores modelos, de onde poderia se comprar carne com os devidos tratamentos de higiene, contudo, a reportagem afirma que esses só eram capazes de fornecer trinta gramas de carne por fortalezense. Proliferavam, então, matadouros clandestinos, que não contavam com a devida higiene. A notícia aponta o São João como um dos bairros com maior número de matadouros. Observa-se daí que o bairro ainda tinha uma característica de **parca urbanização**. Através das entrevistas informais com moradores, confirma-se que a presença de matadouros e vacarias durou pelo menos mais uma ou duas décadas.

Um ano depois, o jornal relata um show beneficente em prol da arrecadação de fundos para a atual Igreja Matriz, que começava a ser construída em 1957. A paróquia, criada por Dom Antônio de Almeida Lustosa em 1951, como desmembramento da antiga Paróquia de Santa Teresinha, tinha lugar onde atualmente é o Salão Paroquial.

Década de 60

Em 1962, é citada pela primeira vez a comunidade do Lagamar, tratando dos alagamentos recorrentes que a atingiam através de dragagens no rio São João do Tauape. Esse rio é atualmente canalizado em grande parte e liga a lagoa do Porangabussu ao rio Cocó. A comunidade do Lagamar começou a se instalar na década de 50, decorrente de uma grande seca no interior do estado, e como explica Silva, “o Lagamar tinha um quinto de seus duzentos hectares sujeitos às inundações do Rio Cocó” (2015). A mesma autora afirma em sua pesquisa que vinte anos depois, o Lagamar era a maior favela da cidade.

Naquele mesmo ano, o jornal OPovo cita um time dos bairros São João do Tauape e Pio XII. Observa-se duas características importantes, a primeira, e que resiste até hoje, é a suposta diferenciação entre Tauape e Pio XII, embora fossem bairros próximos o bastante para ter um time único. A segunda é a tradição de times do bairro, um costume duradouro e relevante da história do bairro.

Dois anos depois, em 1964, é noticiada a inauguração de uma escola profissionalizante no bairro, aos cuidados dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus, que desde 51 até os dias de hoje se responsabilizam pela paróquia. Em funcionamento até hoje, porém com ensino fundamental e médio, a EEFM Noel Hugnen é um dos marcos¹ do bairro.

1962

05 de junho

Dragagem no Rio São João do Tauape.

1962

28 de setembro

Real Sport Club: Time do Tauape e Pio XII.

1964

03 de janeiro

Inauguração de Escola Profissionalizante.

1. Marcos aqui tratados segundo os elementos estruturantes da imagem da cidade de Kevin Lynch. Isso será melhor desenvolvido no próximo item desse capítulo: ‘análise cognitiva’.

1966

11 de novembro

Primeira Dama
(Netinha Castelo)
visita patronato.

1967

21 de março

Igreja do Tauape
apta ao culto.

Em 1966, a primeira dama visita o **Patronato**, outros dos referenciais do bairro, escola primária cuidada pelas freiras Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. Nessa reportagem, o jornal se refere ao Tauape como “aquele proletário bairro”. Característica relevante ao ver que até nos dias de hoje um dos agentes de cidadania e controle social² do bairro o considera um bairro-dormitório. Um ano depois, noticia-se que a Igreja Matriz está apta ao culto, erguida ao lado da Igreja originária da paróquia, após dez anos de construção.

Relação do Patronato - hoje fechado - com a Igreja Matriz. (Foto: Acervo Pessoal)



2. Agentes de Cidadania e Controle Social são lideranças eleitas pela população e capacitadas pela Prefeitura para o acompanhamento de aplicações dos recursos públicos nos bairros através da Lei Orçamentária Anual.

Década de 70

Os anos 70 mostram-se como período de intensa urbanização. Anteriormente, mesmo ruas importantes careciam de qualquer tratamento urbanístico e eram em terra batida. A notícia de 1972 descrevia a avenida Sabino Monte como tomada pelo mato e sem nenhum calçamento, que só veio a ser feito quase três anos e meio depois, em 1976. Essa situação era também a da maior parte do bairro. Em 1978 é inaugurada uma outra escola profissionalizante, que reforça a idéia de **bairro proletário**, uma vez que os cursos oferecidos eram sobretudo manuais.

Um ano depois o bairro é citado, num contexto de melhorias urbanas, como parte das zonas periféricas da cidade. Contudo, nesse mesmo ano é anunciado no jornal a concessão de financiamento para construção de apartamentos na rua Escrivão Pinheiro, 4195. Isso sugere que, apesar de considerado periférico, era uma opção plausível de moradia.

1972

18 de outubro

Urbanização da avenida Sabino Monte.

1976

17 de fevereiro

Calçamento das ruas Prof. Carvalho e Sabino Monte.

1978

25 de junho

Inauguração de Escola Profissionalizante Lions Club.

1979

19 de julho

"Zonas periféricas tais como o São João do Tauape":



Ed. Alipo Gomes, empreendimento dos anos 80. (Foto: Acervo Pessoal)



Mesmo sendo regular a coleta, ainda existe muito lixo. O bairro é muito grande.

São João do Tauape, um bairro sem praça

Década de 80

1981

03 de maio

Sagra-se a Igreja do São João do Tauape.

1982

02 de fevereiro

Foi citado pela primeira vez o time 'Venturoso'.

Em 1981 a Igreja Matriz é, enfim, sagrada por **Dom Aloísio Lorscheider**, com a presença de outros bispos do nordeste. Desde então se celebra no dia 02 de maio a festa da dedicação da igreja. Nesse mesmo ano, a manchete é a mesma que intitula esse subcapítulo: bairro sem praça. Responsabiliza-se o crescimento desordenado do bairro e o engavetamento de um projeto na Câmara Municipal que solicitava a desapropriação de um terreno em frente à Igreja do São João. Entrevistados esclarecem que havia ainda, naquele tempo, inúmeros terrenos disponíveis para desapropriação e reclama-se que “enquanto o bairro não dispõe de uma praça e de parques infantis, a juventude está procurando outros meios para ocupar o tempo vazio: o vício da maconha”.

Um ano depois é citado pela primeira vez um outro time de bairro além do Real Sport Club, chamado 'Venturoso', que completou em 2016, no dia 15 de agosto, 80 anos de existência. Três anos depois, em 1985, anuncia-se o projeto do **Parque Rio Branco**, localizado no Joaquim Távora e lindeiro ao Tauape. A notícia esclarece que o projeto tem também o objetivo de auxiliar na drenagem dos bairros próximos. Ainda neste ano, cita-se a rua Missão Velha, localizando-a no Pio XII, e o cruzamento das ruas Escrivão Pinheiro e Monsenhor Salazar, no São João do Tauape. Os locais citados, entretanto, não distam sequer trezentos metros um do outro, reforçando a idéia que essa divisão de nomenclatura não se rebate num claro limite territorial.

Em **1988**, noticia-se medidas para evitar construções desordenadas, referindo-se à comunidade do Lagamar, que no entanto já ocupava aquela área há aproximadamente trinta anos. Observa-se certa morosidade de reação do poder público para com o bairro, confirmada pela ausência de praça até hoje. Um ano depois, uma reportagem cita a área do bairro como uma área de lençol freático alto, informação relevante para concepção do projeto.

1985

04 de junho

Projeto do Parque
Rio Branco.

1985

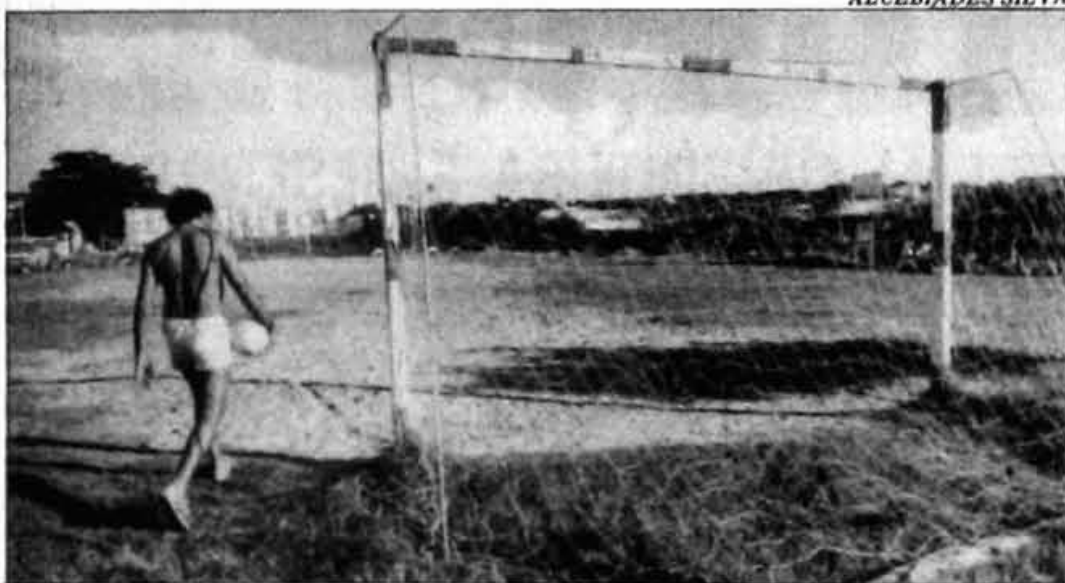
30 de setembro

Ruas Missão Velha
e cruzamento
Escrivão Pinheiro
e Mons. Salazar.

1988

05 de junho

Medidas para
evitar construções
desordenadas.



No campo, será instalada a chaminé do emissário terrestre

Cagece deixará Tauape sem o campo de futebol

Década de 90

A única notícia da década de 90, em 1990, referente ao bairro, expressa mais uma vez o problema decorrente da **ausência de espaços livres para lazer**. Uma obra da Cagece afetaria um campo de futebol, desprovendo o bairro do seu único espaço para esportes. Os moradores declaram que eles mesmos, através de mutirões, limpam o terreno, que é usado não só pelos times do bairro, mas para outras equipes que disputam torneios ali. Além de ser usado aos finais de semana para churrascos e confraternizações.

A ausência de um espaço para lazer no bairro é tão forte que ainda hoje é reclamação recorrente. Nas entrevistas informais, quando questionados **o que faltava no bairro**, a primeira resposta era, frequentemente, **'uma praça'**, **'uma área de lazer'**. A problemática se agrava com a ocupação do bairro e a diminuição de terrenos disponíveis, diminuindo ainda mais a probabilidade que ele um dia venha a contar com uma praça. Ao mesmo tempo, alguns entrevistados se preocupavam que a praça viesse a se tornar um espaço de transgressão. Ainda assim, esses se admiravam com a ausência desse tipo de equipamento público: **'nem a igreja tem'**.

1.1 Breve introdutória

1.2 O bairro sem praça

1.3 Análise cognitiva

1.4 Quaisquer dados relevantes

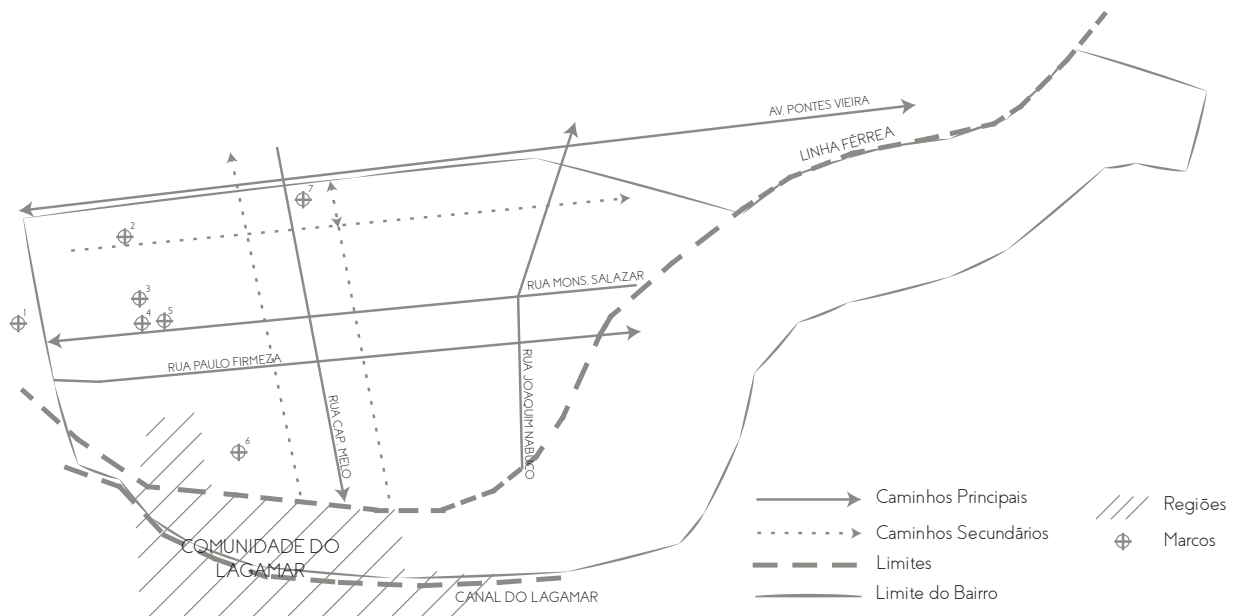


Feito o recorrido histórico que foi apresentado na parte anterior deste capítulo e tendo elucidado, na medida do possível, o processo de consolidação do bairro, passamos agora para uma **análise imagética do tecido urbano** do São João do Tauape. Para fazê-lo, buscou-se os elementos delineados por **Kevin Lynch** em seu livro 'A Imagem da Cidade'(1997). Objetiva-se assim, identificar os principais elementos estruturantes do bairro e compor uma imagem geral que possa torná-lo inteligível aos leitores e, de certo, auxiliar no projeto aqui proposto.

Convém salientar que o trabalho de Lynch refere-se sobretudo às cidades, sendo porém aplicável às mais diversas escalas. Para adequar a nomenclatura à escala do bairro, tratar-se-á os elementos como caminhos (Lynch os chama de vias), limites, regiões (bairros), nós (pontos nodais) e marcos. Embora sejam mudanças de nomenclatura sutis e facilmente identificáveis, para que não haja dúvidas, antes de dissertar sobre cada um desses elementos do bairro, será feito um pequeno esclarecimento do que é considerado cada um.

Uma vez identificados esses elementos, voltaremos aos conceitos de Lynch para falar de **legibilidade** e **identidade** e como a ausência disto tem afetado o bairro do Tauape de uma maneira negativa. Como no capítulo anterior, buscou-se apoiar nas entrevistas informais com moradores do bairro para identificar alguns desses elementos e assim ratificar e complementar a leitura do autor deste trabalho.

Um dos vários bares 'só para íntimos' do bairro. (Foto: Pedro Santos)



Análise Cognitiva do São João do Tauape.

Caminhos

Caminhos são canais por onde o observador se movimenta usualmente, ocasionalmente ou possivelmente. Podem ser calçadas, ruas, estradas de ferro, canais, etc. Normalmente, são os **elementos mais importantes para o observador** e são **estruturantes** da sua imagem da cidade, uma vez que “as pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos organizam-se e relacionam-se ao longo dessas vias [caminhos]” (LYNCH, 1997, p. 58). Sua importância pode se dar por serem acessos principais, por características físicas ou pelas atividades ali desenvolvidas.

Foram constatados caminhos principais e secundários no bairro. Como principais, quatro ruas importantes para a **movimentação intrabairro**, sendo também as principais vias de **entrada e saída do Tauape**: na direção norte-sul, as **ruas Joaquim Nabuco** - continuação da rua Escrivão Pinheiro - e **Capitão Melo** - continuação da avenida Rui Barbosa; na direção leste-oeste, o binário natural do bairro, **Paulo Firmeza e Monsenhor Salazar**. As duas primeiras contam com um fluxo de veículo mais importante, pois são as que levam e trazem de bairros como Aldeota, Dionísio Torres, Centro, etc. As duas últimas contam com igual relevância de fluxo de carros, pedestres e bicicletas. Além destas, a **avenida Pontes Viera** como um todo constitui um importante caminho e limite virtual do bairro.

Como caminhos secundários, três ruas foram ressaltadas: a **avenida Sabino Monte**, por seu relevante fluxo de pedestres oriundo das paradas de ônibus do SERPRO e as próximas, que são servidas de muitas linhas, com um alcance bastante relevante; a **rua Professor Carvalho**, que funciona também como uma saída do bairro, contando atualmente com uma ciclofaixa; e a **rua Eduardo Bezerra**, paralela à Pontes Vieira, ganhou importância quando tornou-se preferencial e uma alternativa possível nos horários de trânsito intenso.



Canal do Tauape, um dos limites do bairro. (Foto: Pedro Santos)

Limites

Lynch define limites como “elementos lineares não usados nem considerados pelos habitantes como vias” (1997). São **interrupções na continuidade** e podem aparecer de diversas maneiras, como elementos aquíferos, muros erguidos, entre outros. Não necessariamente são barreiras intransponíveis, podendo ser mais ou menos permeáveis. Servem especialmente como **referências secundárias na imagem da cidade**.

Um dos únicos limites físicos do bairro é o **trilho** que o corta na direção leste-oeste. Claramente, ao vencer esse obstáculo físico, em algumas ruas, bastante mais alto que a via carroçável, nota-se uma diminuição da renda dos moradores. Grande parte da porção do bairro que está mais ao sul dos trilhos compõe a **comunidade do Lagamar**. Esse limite é responsável também, paradoxalmente, por separar do bairro uma área com lotes maiores e de residências mais abastadas, próximas ao **Parque Adail Barreto**, além de segregar o parque do bairro ao qual pertence - poucas pessoas identificam esse parque como pertencente ao São João do Tauape. Ressalta-se aqui o quanto é impactante a presença de trilhos de trem dentro da cidade: não só na área do bairro, mas por toda a cidade. **Onde a linha ferroviária passa constitui-se um forte limite**, dificultando, sobretudo, o acesso das comunidades que usualmente se aglomeram ao longo dela.

O outro limite identificável é o **canal do Lagamar**, que dá continuidade ao rio Cocó. Diferente do trilho, o canal não atravessa todo o bairro, estando presente somente até a avenida Raul Barbosa, sendo portanto um elemento importante principalmente para a comunidade do Lagamar. Uma vez que atravessa esta avenida, o rio Cocó perde-se dentro do parque Adail Barreto que, como já explicado, imagetivamente está desvinculado do Tauape, não constituindo, portanto, um limite. Nem o parque, nem o rio, somente o canal, entendido aqui como construção humana, e não elemento aquífero.

A comunidade do Lagamar constitui-se uma região bastante característica do São João do Tauape. Com **tipologias residenciais e de ocupação diferentes**, suas características destoam da quase homogeneidade do restante do bairro. Além disso, o **histórico de luta dos moradores** para permanecerem em suas casas e, mais recentemente para engendrar a ZEIS do Lagamar, acentua essa diferenciação, não só do espaço físico e urbano, mas também do perfil do morador. De certa forma, **o morador do Lagamar não é um morador do São João do Tauape**, pois sua **pertença** não está ligada a esse bairro e sim **a sua comunidade**, que se estende também pela Aerolândia e pelo Alto da Balança.

Regiões

Outro importante elemento, as regiões, assim como os caminhos, estruturam a imagem da cidade:

Os bairros [regiões] são áreas citadinas relativamente grandes, em que o observador pode **penetrar mentalmente**, e que têm alguns aspectos comuns. Podem estar organizados do ponto de vista interno e, ocasionalmente, podem servir de ponto de referência externo, quando alguém por eles passa ou atravessa. (LYNCH, 1997, p. 78)

A organização interna das regiões difere, de maneira sensível, do espaço urbano que a cerca, seja por sua textura, sua forma, seus costumes, seus tipos de edifícios, seus habitantes, sua topografia, etc. O autor ressalta ainda que a importância das regiões varia de cidade a cidade de acordo com a sua heterogeneidade.

O Lagamar e seus moradores. Pertença. (Foto: Pedro Santos)





Poucos cruzamentos são realmente relevantes, deixando todos mais ou menos iguais. Cruzamento av. Sabino Monte e rua Monsenhor Salazar. (Foto: Acervo Pessoal/Pedro Santos)

Nós

Pontos estratégicos que constituem focos intensos **para os quais ou dos quais o observador se desloca**. Podem ser ajuntamento de vias ou simples cruzamentos de ruas, grandes ou pequenos, mas que são núcleos polarizadores, alguns sendo um verdadeiro 'resumo' da região que estão inseridos. Os nós muitas vezes funcionam como os limites, sendo referenciais secundários, e outras como ponto de tomada de decisões: que caminho seguir, notadamente.

Não foram encontrados no bairro verdadeiros nós de circulação. Alguns cruzamentos mais importantes poderiam ser confundidos com a definição mais superficial de Lynch sobre o que viriam a ser nós - cruzamentos de caminhos com intenso fluxo -, porém, nenhum deles corresponde de fato ao que o autor precisa.

A ausência desse tipo de estrutura no bairro colabora para que, aos olhos dos visitantes e transeuntes, esse seja um bairro 'amorfo' ou, em outras palavras 'todo igual'. Isso não só afeta ao transeunte eventual, também os moradores sentem a falta desse tipo de elemento. A monotonia do bairro, que por toda parte parece igual, dificulta o discernimento de uma identidade para o bairro.

Marcos

São marcos visuais **elementos memoráveis e únicos no contexto**. Variáveis no tamanho e na forma, os marcos servem de pontos de referência externos ao observador e são tanto mais úteis quanto mais especializados e originais. Lynch (op. cit.) constata que os **observadores mais familiarizados** com o espaço os utiliza com completa segurança, por vezes, mais que os caminhos, e os utilizam nas mais variadas escalas.

Os marcos dos Tauape são edificações importantes pela sua **relevância na história do bairro**, ou no cenário da cidade. Dos oito encontrados, três deles são distinguíveis visualmente, constituindo verdadeiros marcos. Os demais se enquadram num tipo mais específico, **discernível apenas pelos moradores**, que vivenciaram ou conhecem a consolidação do bairro, e que passam despercebidos para o visitante esporádico.

1- Hospital da Unimed

Na delimitação oeste do bairro, o hospital é referencial não somente pela sua função e alcance de atendimento, como também por seu gabarito: seus dez andares diante da pouca verticalização do bairro são o bastante para torná-lo um marco visual. Talvez apenas quatro edifícios o vençam em altura, estes, contudo, encontram-se a quase um quilômetro do hospital e não contam com nenhum diferencial arquitetônico, sendo quatro torres como outras quaisquer.



Hospital Regional Unimed. (Foto: Acervo Pessoal)



Colégio Joviniano Barreto. (Foto: Pedro Santos)

2 - Colégio Monsenhor Joviniano Barreto

Um dos colégios particulares do bairro, com mais de 50 anos de atuação, o Joviniano Barreto é o destino natural de grande parte das crianças que saem das escolinhas de ensino primário e fundamental I distribuídas nas redondezas. Por contar com ensino de fundamental II e com ensino médio e ter preços acessíveis aos moradores, é a opção daqueles que não podem pagar uma escola particular de ponta, mas não querem ou não podem deixar os filhos nas escolas públicas, muitas vezes carentes na sua educação ou limitadas no número de vagas.

3- Patronato

O Patronato era cuidado pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo. As freiras ofereciam ensino primário e durante muito tempo atuaram na educação das crianças do bairro. Com a diminuição do número de irmãs e o natural envelhecimento das que ali já estavam, o Patronato do São João do Tauape deixou de operar. Restou hoje apenas a referência, sobretudo no conjunto 'religioso' formado pelo próprio Patronato, o Colégio Noel Hugnen e a Igreja Matriz. Atualmente, não se é capaz de distinguir o Patronato, mas a localização permanece na imagem que os moradores tem do bairro.

4- EEFM Noel Hugnen de Oliveira Paiva

Iniciado como uma escola profissionalizante em 1951, aos cuidados dos padres Missionários do Sagrado Coração, o Noel Hugnen adaptou-se e hoje abriga uma escola de ensino médio e fundamental. Contíguo à Igreja Matriz, não perdeu seus laços com a paróquia, sendo utilizado até hoje para os encontros de catequese para Primeira Eucaristia daquela comunidade. Embora não conte com uma especial beleza, suas arcadas que emolduram dois lados do vasto pátio, hoje desgraçadamente dividido em estacionamento e uma pequena quadra, poderiam ser fonte de um forte marco também visual, porém, estão escondidos atrás dos muros da escola.



Patronato, hoje desativado. (Foto: Acervo Pessoal)



As arcadas que poderiam servir como marco visual. (Foto: Acervo Pessoal)



Igreja Matriz. (Foto: Acervo Pessoal)



Colégio Erotides. (Foto: Pedro Santos)

5 - Igreja Matriz de São João Batista - Tauape

Tão mesclada ao nome do bairro está a igreja, que em seu letreiro principal, consta também o nome 'Tauape', para que não seja tomada erroneamente como outra igreja. Dado o gabarito reduzido do bairro e a tipologia inconfundível de igreja católica, esta edificação constitui-se num dos poucos verdadeiros marcos visuais do bairro. Embora não tenha uma torre excepcionalmente alta, ela pode ser vista de uma distância razoável. A Igreja Matriz é também um edifício com um porte respeitável, com mais de quarenta metros da porta à abside e com cerca de vinte metros de largura, é possível vê-la ao nível dos olhos a quase duzentos metros.

6- Colégio Erotides Melo Lima

Antigo Educandário São João, o Colégio Erotides - ou Erotildes, na corruptela popular - não funciona mais e seu edifício ficou abandonado por quase dez anos. Porém, entre os anos 1970 e 1980, esse colégio particular teve especial relevância no bairro, sendo inúmeras vezes veiculado como anúncio no Jornal OPovo. Mesmo depois de desativado em suas funções, seu espaço era usado como local de votação, guardando sua relevância na memória dos moradores de meia idade do bairro.

7- Serpro

Serviço Federal de Processamento de Dados, o Serpro, é uma empresa pública vinculada com o Ministério da Fazenda com o objetivo de modernizar e agilizar a administração pública. Envolvido na área de Tecnologia da Informação, basicamente busca controlar e explicitar as receitas e gastos públicos. Sua função, porém, é pouco conhecida e sua importância no bairro é mais referencial, servindo especialmente para indicar a localização em relação à avenida Pontes Viera. Por ocupar quase um quarteirão inteiro e por sua torre, ele se torna o terceiro marco realmente visual.



Serpro (Foto: Pedro Santos)

Legibilidade e Identidade do São João do Tauape

Embora tenha caminhos, limites e regiões importantes que estruturam o bairro, o São João do Tauape **carece de nós e marcos visuais** realmente efetivos. Como visto, os caminhos são os elementos mais importantes para constituir uma imagem aos olhos do observador e os limites e regiões agem como referências secundárias capazes de solidificar essa imagem. Acontece que a ausência de nós e marcos visuais relevantes torna o Tauape um **bairro amorfo** para os transeuntes ocasionais ou visitantes fortuitos. Essa característica é facilmente identificável quando em conversas se escutam frases como 'pra mim parece tudo igual', 'não faço ideia de onde estou' ou quando eventualmente a pessoa está localizada, ao dobrar numa rua diferente, solta 'agora não sei mais'.

A compreensão do espaço urbano e, conseqüentemente, a formação de uma imagem do ambiente passa pelo conceito de **legibilidade**: a capacidade de reconhecer e organizar as partes numa estrutura coerente. Isto é, reconhecendo aqueles elementos estruturantes, - caminhos, limites, regiões, nós e marcos - compreendê-los espacialmente e criar um mapa mental do espaço urbano. Lynch fala sobre a importância de apreender e compreender o espaço:

“No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem do meio ambiente, a imagem mental generalizada do mundo exterior que o indivíduo retém. Esta imagem é o **produto da percepção imediata e da memória da experiência passada (...)**. A necessidade de conhecer e estruturar o nosso meio ambiente é tão importante e tão enraizada no passado que esta **imagem tem uma grande relevância prática e emocional no indivíduo**”. (1997, p. 14)

Observa-se daí que a imagem do bairro é desfalcada pela ausência dos elementos já citados e isso o torna também **ininteligível para o observador mais eventual**. Ter transeuntes perdidos não é, nem de longe, a vontade de nenhum anfitrião. “A própria palavra ‘perdido’, na nossa língua, significa muito mais do que a incerteza geográfica, acumulam-se nela cargas de extrema desventura” (LYNCH, 1997, p. 14). De tal modo que, sendo o Tauape já considerado um bairro ‘perigoso’, ‘violento’, ele se torne ainda mais aversivo pela constante desorientação que sofrem os visitantes. Aqui se ressalta a relevância prática e emocional, citada por Lynch, da imagem do ambiente na compreensão do bairro como um bairro perigoso: sentir-se perdido colabora ativamente para se sentir acuado no espaço urbano. Sobre índices de violência, trataremos no decorrer desse capítulo.

Contudo, o problema não afeta somente os transeuntes eventuais, também os moradores padecem da falta de legibilidade do bairro.

Falando sobre uma cidade - no nosso caso, bairro - legível (ou imaginável, ou visível, no sentido figurado), Lynch explica: “Uma cidade [Um bairro] altamente imaginável (...) nesse sentido particular, pareceria muito bem formada, distinta, notável: como que convidaria os olhos e os ouvidos a uma maior atenção e participação”. Embora os moradores do Tauape sejam bastante ligados ao bairro, e muitos não gostariam de sair dele por motivo algum, **falta uma identificação mais estreita com o bairro nas gerações mais novas**. Basicamente o bairro é composto por moradores antigos e pelos filhos que permanecem. Ocorre que as gerações mais recentes não tem a mesma ligação histórica com o bairro, não o viram crescer e se consolidar e não tem as **ligações emocionais** com esse espaço urbano. Se o espaço não é capaz de convidá-las a participar e apropriar-se, abre-se a prerrogativa para ser indiferente para com ele. Em outras palavras, a falta de legibilidade do São João do Tauape afeta a identidade do bairro e sem uma identidade bem delineada, não há como os moradores mais novos se identifiquem com ele.

Lynch também trabalha os conceitos de identidade, estrutura e significado. Esses conceitos, intimamente ligados, dependem um dos outros. No caso do Tauape, a falta de elementos estruturais - nós e marcos - fere e deixa incompleta a identidade do bairro. Essa incompletude **dificulta que cada observador crie seu próprio significado para o espaço urbano**. Daí que o São João se torne uma espécie de máscara sem expressão, incapaz de apresentar uma identidade completa e **difícil de ser compreendido por quem quer que se aventure a olhar**.



Supostas diferenciações de áreas dentro do bairro do São João do Tauape

- Limite do Bairro
- Tauape
- Pio XII
- Lagamar
- ▨ Áreas de fraca identidade

São João do Tauape e Pio XII

Para ilustrar a dificuldade encontrada de se ler e organizar o bairro numa imagem coerente, analisaremos a suposta divisão entre Tauape e Pio XII. Esta diferenciação **não tem valor administrativo** para o poder público, sendo tudo considerado unicamente como São João do Tauape. A denominação de Pio XII se deve à linha de transporte público que leva do bairro ao Centro, atualmente denominada Parque Pio XII/ Ana Gonçalves. Para tentar delimitar de uma forma mais ou menos precisa o que viria a ser um e o que viria a ser outro, buscou-se balizadores através de endereços, cruzamentos citados em notícias e a gestão pastoral da paróquia.

Iniciando com o Pio XII, sua área está atrelada à linha de ônibus, sendo portanto, localizado mais ao sul do bairro. Além disso, encontraram-se quatro balizadores importantes: o primeiro, o posto de saúde na rua Belisário Távora, que no próprio site da Prefeitura consta no endereço 'Pio XII'; o segundo, um depósito de material de construção na esquina das ruas Monseñor Salazar e Missão Velha, o depósito se chama Pio XII e uma matéria de jornal, já citada, localiza a rua Missão Velha na referida área; o terceiro, a Igreja da Sagrada Família, na Raul Barbosa, que a paróquia a descreve como pertencente à comunidade do Pio XII; por fim, a própria casa do autor, que durante anos endereçou-se como tal.



Rua Nunes Valente/José Justa - Tauape ou Pio XII? (Foto: Pedro Santos)

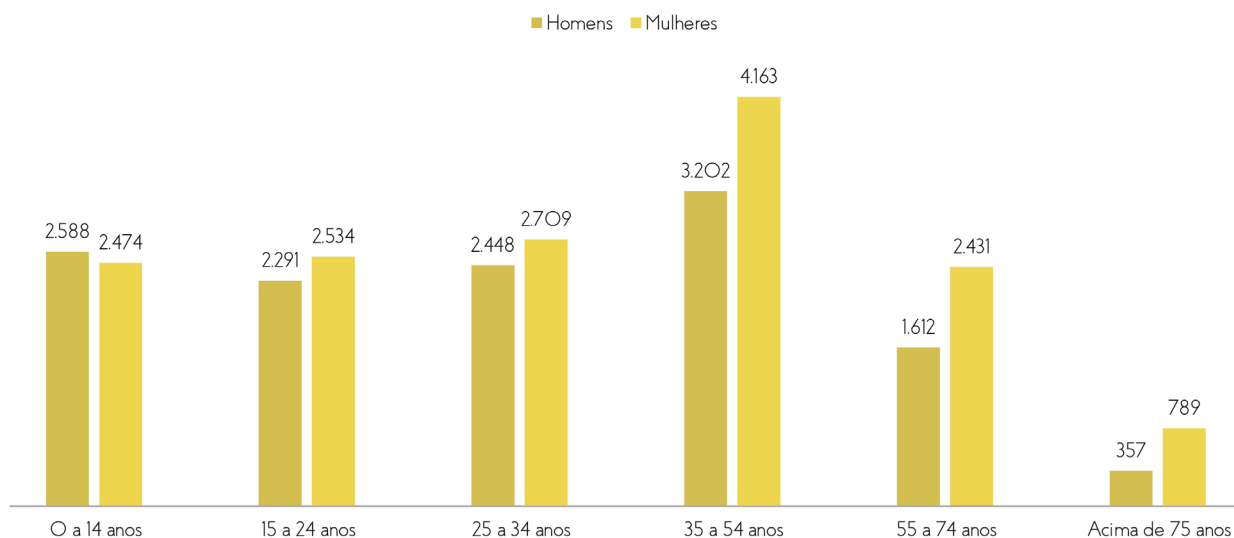
No caso do São João do Tauape, da mesma maneira: a rua Fiscal Vieira é sempre citada como pertencente a essa área; o posto de saúde Irmã Hercília, no mesmo sítio da Prefeitura, consta como Tauape; a Igreja Matriz, chamada Igreja de São João Batista, tem na sua fachada atrelado o nome 'Tauape'; por fim, o cruzamento das ruas Escrivão Pinheiro e Monsenhor Salazar é citada como Tauape.

Além dessas duas áreas, o Lagamar se configura com a melhor delimitação, tendo um balizador central, o Santuário de São Francisco, também aos cuidados da paróquia. Com essas informações, é possível dizer que algumas áreas são Tauape, sem dúvidas, e algumas outras são Pio XII. Contudo, grandes áreas ainda **não se pode dizer com certeza se é um ou outro**. Alguns cruzamentos são citados ora como um, ora como outro, e ainda assim há cruzamentos que contradizem o que foi delimitado. De forma que nesse rápido estudo constata-se a deficiência de legibilidade do bairro.

A partir dessa análise, tomou-se como necessidade de projeto procurar criar um nó no bairro, capaz de colaborar na sua identidade, a partir de seu histórico e de suas características, buscando assim amenizar o problema dessas ausências para moradores principalmente, mas também para seus transeuntes. Um espaço urbano legível permite aos moradores delinear e reforçar sua identificação como comunidade.

A fim de traçarmos um perfil dos moradores do São João do Tauape, com intuito projetual, avaliaremos alguns dados demográficos do bairro na próxima parte deste capítulo.

População Residente por Sexo e Idade



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010

1.1 Breve introdutória

1.2 O bairro sem praça

1.3 Análise cognitiva

1.4 Quaisquer dados relevantes

Para arrematar essa primeira parte deste trabalho, complementando a análise histórica e cognitiva do bairro, buscaremos pinçar alguns dados relevantes de demografia e de índices urbanos, traçando assim o perfil dos moradores.

Dados Demográficos

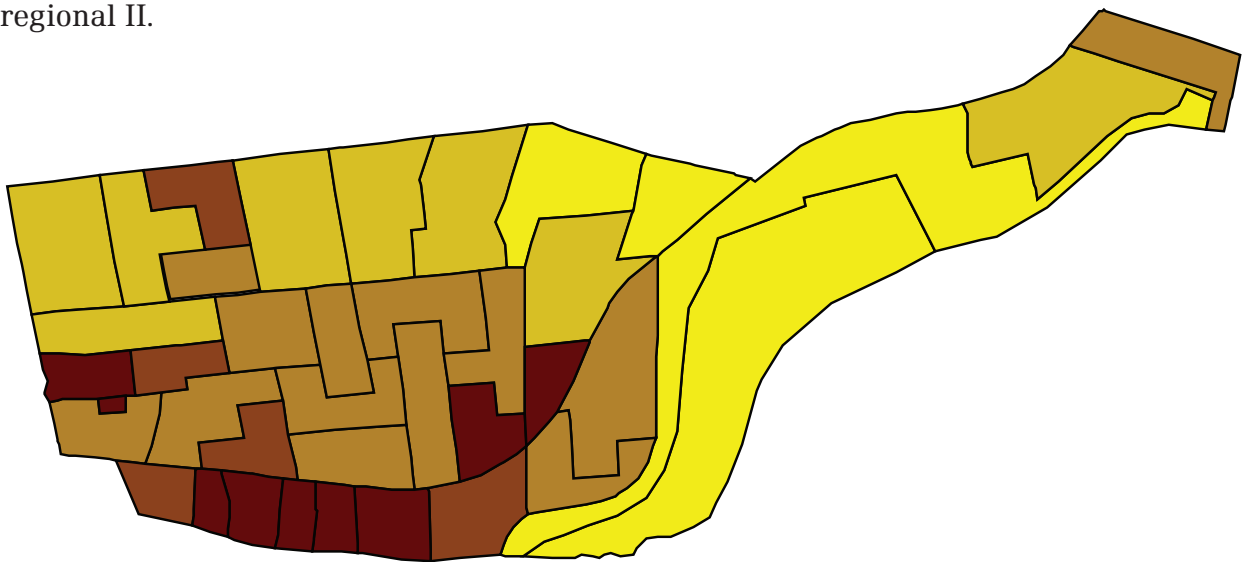
Iniciaremos a partir dos levantamentos demográficos feitos nos últimos anos. O bairro conta com 27.567 habitantes (SEFIN/PMF, 2015) distribuídos numa área de 2,49km². Calculando-se daí a densidade demográfica do bairro, chegamos ao valor de 110,71 hab./ha (habitantes por hectare). O intuito do cálculo desse dado é relacioná-lo com as densidades da regional II e do município, como podemos ver na tabela seguinte.

Densidades Demográficas Comparadas

	(em Hab./Ha)
Fortaleza	78
SER II	74
São João do Tauape	110.71

Nota-se, portanto, que o Tauape é um bairro mais **denso** que a regional em que está inserido e, também, que a cidade como um todo. Convém, porém, lembrar que dentro do bairro está uma parte da **comunidade do Lagamar** e também o que a paróquia chama de '**comunidade do Pio XII**', ambas próximas ao trilho, que têm uma tipologia de ocupação muito mais densa que as outras áreas do bairro, que mais se assemelham à regional II.

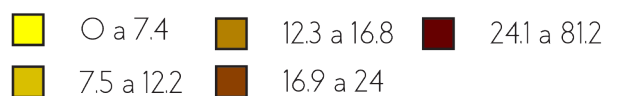
Observando a densidade demográfica preliminar do Censo de 2010 confirmamos que os setores censitários mais densos coincidem com as regiões citadas. Percebe-se daí que a maior densidade observada decorre em parte desse tipo de ocupação do solo, mas que o bairro como um todo se apresenta bem adensado.



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010

Sinopse do Censo 2010

Densidade Demográfica Preliminar (Hab./ha)



Ainda detendo-se nos dados demográficos, o bairro conta com 8.301 domicílios fixados (IBGE, 2010), totalizando uma área residencial construída de 719.937,14m² (SEFIN/PMF, 2015). Para fins comparativos, nesta tabela colocamos os mesmos dados para alguns bairros vizinhos:

Domicílios Fix. e Área Residencial Constr.

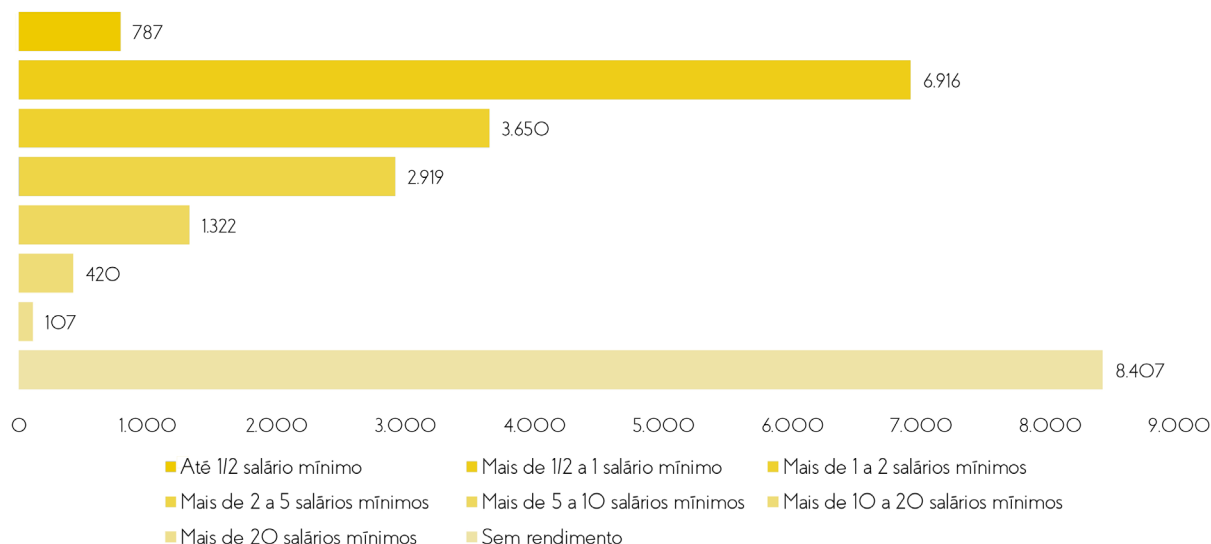
	Número de Domicílios	Área Residencial Construída
Alto da Balança	4.089	209.206,37m ²
Bairro de Fátima	8.280	1.186.677,11m ²
Cocó	7.244	1.525.268,19m ²
Dionísio Torres	5.434	997.687,67m ²
Joaquim Távora	8.303	956.095,00m ²
Salinas	1.296	147.481,55m ²
São João do Tauape	8.301	719.937,14m ²

Observa-se que o Tauape tem um **número de domicílios fixados semelhantes** à de bairros como Joaquim Távora e de Fátima, tendo, porém uma **área residencial consideravelmente menor**. Conclui-se daí que no São João as residências são menores, conotando um **menor poder aquisitivo** da população. Por outro lado, seu adensamento é maior que de outros bairros da regional II, como Salinas, Dionísio Torres e Cocó. Ratificando a conclusão que chegamos a pouco, esses dois últimos bairros têm áreas residenciais edificadas maiores, condizente com o poder aquisitivo de seus moradores.



Do Tauape pode-se ver o estádio Arena Castelão. Rua Osvaldo Cruz. (Foto: Acervo Pessoal)

Renda Nominal Mensal



Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010

Segundo o mesmo censo, a média de renda do bairro era de R\$890,75, o que, para aquele ano, queria dizer uma renda entre 1 e 2 salários mínimos; enquanto a média de renda da regional II era de R\$1850,10, entre 2 e 5 salários, mais de 3, especificamente. A partir da população total do bairro, o gráfico acima ilustra a renda nominal mensal dos moradores.

Tomando o Índice de Desenvolvimento Humano, o IDH Base do São João do Tauape é 0,4915 (IBGE, 2010). Sendo o **31º lugar da cidade**, num ranking que totaliza 119 posições. Contudo, em relação aos mesmos bairros já relacionados, o Tauape tem um desempenho tímido: Dionísio Torres (3º), Cocó (6º), Fátima (9º) e Joaquim Távora (10º) então entre os 10 melhores IDH da cidade. Salinas (32º) e o Alto da Balança (59º) são os bairros vizinhos que estão em posições mais baixas.

Também se considerando o IDH Renda, IDH Educação e IDH Longevidade, o São João figura com um **desempenho razoável**, sendo respectivamente o 35º, o 49º e o 21º, porém, **abaixo da maioria dos bairros vizinhos**.

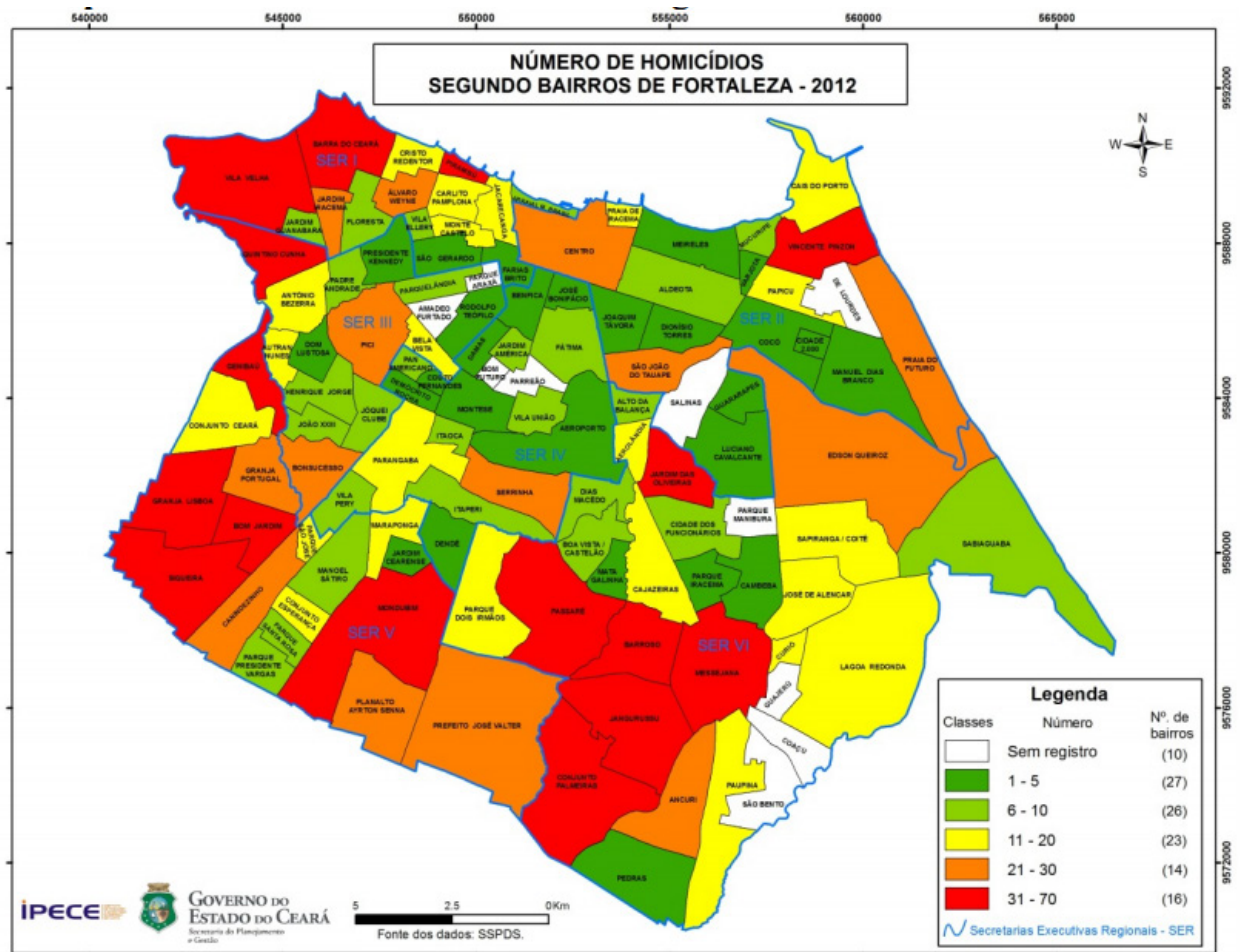
Índices de Violência

O Tauape é conhecido e considerado pelos seus moradores como um **bairro violento**. Não é incomum relatos de assaltos ou de mortes a rondar pela boca do povo. A presença de comunidades de baixa renda e o histórico de tráfico de drogas nessas comunidades reforça a **sensação de insegurança**. Buscando os dados mais relevantes, nota-se uma situação complicada no São João: embora apareça “**com registros inexpressivos no total de ocorrências**”(IPECE, 2013), o bairro conta com **números altos nas ocorrências mais graves**, como mortes violentas e homicídios - trataremos homicídios separadamente por sua gravidade, embora esteja incluído no número de mortes violentas.

Considera-se morte violenta os casos de homicídios, lesão corporal seguida de morte, infanticídio, aborto provocado e/ou induzido, suicídio, induzimento ao suicídio, morte no trânsito, outras mortes acidentais e outros crimes contra a vida. Na regional II, na qual está inserido o São João do Tauape, junto de outros 20 bairros, o bairro com maior número de registros é o Centro, com 82 mortes violentas em 2009, seguido do Papicu, 29 mortes; e Praia do Futuro I, 21 mortes. O Tauape figura com **média de 20 mortes por ano**, numa escala progressiva considerando os dois anos anteriores (2008 e 2007). Um número similar aos dos bairros com maior número de mortes violentas.

Historicamente, o bairro foi citado muitas vezes pelo Jornal OPovo por causa dos **acidentes de trânsito** ali acontecidos. Provavelmente decorrida da fraca sinalização nas ruas menos importantes. Contudo, embora os acidentes de trânsito colaborem para o número de mortes violentas, considerando apenas os registros de homicídio, o bairro contou com 11 casos em 2009, figurando em 5º na regional. Num dado mais recente, em 2012, o São João teve 24 casos de homicídios dolosos, isto é, com intenção de matar, tendo mais que o dobro de casos dos bairros vizinhos, como se pode notar neste mapa na página seguinte.

Dentro da SER II, o bairro aparece como o 7º em número de registros de roubo, atrás de outros bairros que normalmente não são considerados tão perigosos como o Tauape: Centro, com 2460 ocorrências em 2009; Aldeota, 1204; Papicu, 901; e ainda Praia do Futuro I, Meireles e Vicente Pizón. Em 2009, o São João contava com uma média de 400 ocorrências de roubo.



Fonte: IPECE/Informe 66

Concluindo...

Observa-se que o São João do Tauape é um dos **mais pobres e menos desenvolvidos da regional II**, tendo, porém, um desempenho razoável em comparação ao resto da cidade. Seus índices de violência são preocupantes no que se refere às mortes violentas e homicídios, contudo, **nas ocorrências menos graves o bairro se mostra bastante tranquilo em comparação a outros.**

Encerramos aqui este primeiro capítulo dedicado à traçar um perfil histórico-cultural do bairro e de seus moradores, bem como da relação de ambos. Um bairro de gente, digamos, **simples**, sem muitas opulências e com **costumes ainda interioranos**, como sentar na calçada para conversar e observar o movimento da rua, embora haja a **sensação de insegurança constante, reforçada pela falta de legibilidade de seu espaço urbano.**

Traçado esse panorama, no próximo capítulo nos deteremos no como intervir para atingir os objetivos do projeto aqui proposto, finalizando o escopo de atuação a ser utilizado.

“Mas acima de tudo, caminhe por cidades durante horas e olhe ao seu redor, perguntando “por que este edifício está aqui? Por que ele foi construído desta forma?”. Nada em uma cidade é aleatório ou ao acaso.”

Alain Bertaud, urbanista.

Escolha pelo Desenho Urbano

Capítulo 2

Escolha pelo Desenho Urbano

2.1 Desenho Urbano x Planejamento Urbano

2.2 Hayek e Jacobs

2.3 Acupuntura Urbana

Para o desenvolvimento deste projeto foi tomado como partido a perspectiva do desenho urbano em detrimento do planejamento urbano. Este capítulo tem como intuito esclarecer o porquê dessa decisão e elencar os principais subsídios teóricos que sustentam esta escolha. Inicialmente, definir-se-á o que aqui se entende por cada um desses conceitos e sumariamente como eles podem se relacionar.

A conceituação e a relação entre desenho urbano e planejamento urbano são entendidas de modo desigual por diversos autores. Usualmente, cada autor define e conceitua bem um destes termos e aborda superficialmente o outro, de acordo com sua preferência pessoal. É o que nota Teixeira, no artigo [‘Conceitos Contemporâneos sobre Planejamento Urbano, Desenho Urbano e sua relação’](#) (2013). Analisando o posicionamento de diversos autores, a autora sintetiza os diversos entendimentos definindo esses conceitos entre **processo** e **produto**, que por sua vez são **conscientes** ou **inconscientes**.

Teixeira nota que o desenho urbano pode ser tanto **processo** quanto **produto**. Quando se fala de desenho urbano como **produto**, “o termo (...) expressa as características de uma determinada forma urbana concretizada ou idealizada” (TEIXEIRA, 2013). A autora exemplifica o desenho urbano de Ouro Preto com sua topografia. Localmente, poderíamos citar a grelha xadrez levantada por Adolfo Herbster do centro da cidade e os bulevares no plano de expansão. Como **processo**, o desenho urbano pode ser tanto **consciente** quanto **inconsciente**. Segundo Lang¹, “as cidades evoluem nas mãos de uma miríade de designers buscando, consciente ou inconscientemente, satisfazer seus próprios interesses” (2005 apud TEIXEIRA, 2013, p. 76, tradução TEIXEIRA). Como **processo inconsciente**, o desenho urbano é uma sobreposição de decisões isoladas, sem seguir nenhum intento único, mas atingindo diversos intentos particulares. A maioria das cidades toma forma dessa maneira, um produto que não é nem intencional, nem acidental. Para que o desenho urbano seja um **processo consciente** é preciso que haja uma concepção anterior à concretização no espaço, objetivando direcionar a forma urbana àquela idealizada. Comumente, coexistem na cidade processos conscientes e inconscientes de desenho urbano.



Ciclofaixas: planejamento urbano que leva em conta o local? (Foto: Pedro Santos)

O planejamento urbano, por sua vez, não pode ser entendido senão como **processo** e, restringindo-se ao termo planejamento, só pode ser tido como **consciente** (TEIXEIRA, 2013). Pode-se talvez compreender os planos resultantes do planejamento como um produto, entretanto, para que seja um **produto** tal como o utilizamos aqui, é preciso que eles se concretizem no espaço.

1. Jon Lang é professor de urbanismo estadunidense, teoriza sobre a prática do desenho urbano. Seu principal livro sobre o assunto chama-se ‘*Urban Design*’, no qual faz estudo de 50 casos internacionais para identificar os processos de desenho e produtos urbanos.

Compreendidas essas primeiras distinções, nota-se ainda outras diferenciações relevantes: enquanto o desenho urbano ainda é mais restrito aos profissionais de arquitetura, urbanismo e paisagismo, o planejamento urbano é uma atividade multidisciplinar agregando sociólogos, economistas, geógrafos, assim por diante. Convém destacar ainda que o desenho urbano engloba grupos distintos de processos e o planejamento urbano, idealmente, atinge quatro escalas de planos. Lang (apud TEIXEIRA, 2013), define os quatro processos nos quais as intervenções de desenho urbano normalmente podem se classificar: *total urban design*, *all-of-a-piece urban design*, *piece-by-piece urban design* e *plug-in urban design*. Sucintamente:

Total Urban Design: o mais incomum dos quatro processos, são projetos de grande escala, **para toda uma cidade ou parte dela**. Exemplifica-se o Plano-Piloto de Brasília, de Lúcio Costa, ou os projetos de vilas e orlas olímpicas realizados para a cidade do Rio de Janeiro para as Olimpíadas de 2016.

All-of-a-piece urban design: quanto o empreendedor, seja o Estado ou investidor privado, não tem a capacidade de investimento total para o projeto, é concretizado um fragmento dele, que estabelece as **diretrizes de forma ideal** para o espaço, e cada interessado vem posteriormente inserir a parte que lhe compete. Lang (apud TEIXEIRA, 2013, p.80) cita como exemplo o Battery Park City, em Nova Iorque.

Piece-by-piece urban design: o processo que mais se aproxima do planejamento urbano, tem normalmente a escala de bairros, e parte do poder público que incentiva a implementação de projetos, a fim de atingir objetivos ou diretrizes de políticas públicas, **flexibilizando parâmetros urbanísticos** como recuos, coeficientes de aproveitamento, gabaritos máximos, etc.

Plug-in urban design: projetos mais ou menos pontuais com objetivo de “obter uma reação catalítica” (LANG apud TEIXEIRA, 2013, p. 80). Esse tipo de processo é o que mais se aproxima do que Lerner chama de **Acupuntura Urbana**, e é o processo utilizado no projeto apresentado neste trabalho. Como exemplo nacional, podemos tomar a infraestrutura viária de Curitiba para o transporte público.



Vila Olímpica Rio 2016 - *Total Urban Design* (Foto: André Motta/brasil2016.gov.br).



Battery Park City - *All-of-a-piece urban design* (Foto: freshindependence.com).



BRT Curitiba - *Plun-in urban design* (Foto: museumofthecity.org).

Quanto ao planejamento urbano, Edmund Bacon (apud TEIXEIRA, 2013) entende que ele deve ser um planejamento contínuo, que vai saindo da escala macro para a micro, gerando **planos compreensivos**, **planos funcionais**, **planos de área** e então **planos de projeto**. Cada um desses aproximando-se mais dos detalhes. Os planos de área e os planos de projeto seriam aqueles que trariam **propostas tridimensionais** para cada zona, enquanto os dois primeiros tratariam ainda de forma bidimensional, sendo, contudo, necessários para todo o processo.

As formas que o desenho e o planejamento urbano podem se relacionar diferem. Os diversos autores analisados por Teixeira constatam, sobretudo, relações de **dominação** de um campo sobre outro. Aqui, nos restringiremos a comentar que atualmente, na cidade de Fortaleza, temos uma relação de **independência** entre o processo consciente de desenho urbano e o planejamento urbano. Isso se dá, sobretudo, porque nossos **planos urbanos não passam da escala de planos funcionais**: estabelecendo zonas bidimensionais, que não chegam a se aprofundar em planos de áreas e de projeto. Por outro lado, intervenções importantes no desenho urbano, com reconfigurações de praças e construções de túneis e elevados, são concretizadas com rapidez. Não entramos no mérito da qualidade dessas intervenções, apenas a tomamos como exemplo para constatar a independência entre o processo consciente de desenho urbano e o planejamento urbano.



Senhora atravessando um cruzamento bastante movimentado. Nenhum tranquilizador de tráfego foi pensado para esse cruzamento. (Foto: Pedro Santos)

Feita essa análise - a priori neutra -, começamos a justificar a opção pelo desenho urbano. Teixeira afirma que, com base na abordagem de Lang,

“a relação entre planejamento urbano e desenho urbano pode ocorrer segundo uma hierarquia de escalas, possível em ambas as direções e determinada segundo a opção por um ponto de partida na escala mais abrangente (mais frequentemente associada ao planejamento urbano) ou mais detalhada (mais frequentemente associada ao desenho urbano)”. (TEIXEIRA, 2013)

De forma que, a opção pelo desenho urbano é, ao mesmo tempo, uma opção por uma escala mais detalhada, o que, neste trabalho, dará o tom do projeto. Notadamente, o desenho urbano tem um viés mais pragmático e concreto que o planejamento urbano, usualmente dominado pelo poder público. O que coloca o desenho urbano ao alcance de iniciativas livres, até mesmo de pessoas físicas, que podem colaborar para cidade na medida de suas capacidades.

Vale ainda salientar que “embora a qualidade da forma urbana resultante não seja, necessariamente, fruto de um processo consciente de desenho urbano, há uma tendência no sentido de estabelecer tal vínculo” (TEIXEIRA, 2013). Frequentemente, nos processos conscientes de desenho urbano, procura-se mimetizar formas urbanas resultantes de processos inconscientes, pois estes por vezes favorecem características desejáveis, tais como vitalidade urbana, respeito à escala humana, espaços pitorescos, etc.

Essas primeiras qualidades do desenho urbano, a saber, o caráter pragmático, a pequena escala, e o favorecimento de características desejáveis para o projeto; são por si só, suficientemente justificantes para escolha deste ponto de partida. Obviamente, é uma escolha pessoal do autor deste trabalho, a ser mais esclarecida nos tópicos seguintes deste capítulo.

2.1 Desenho Urbano x Planejamento Urbano

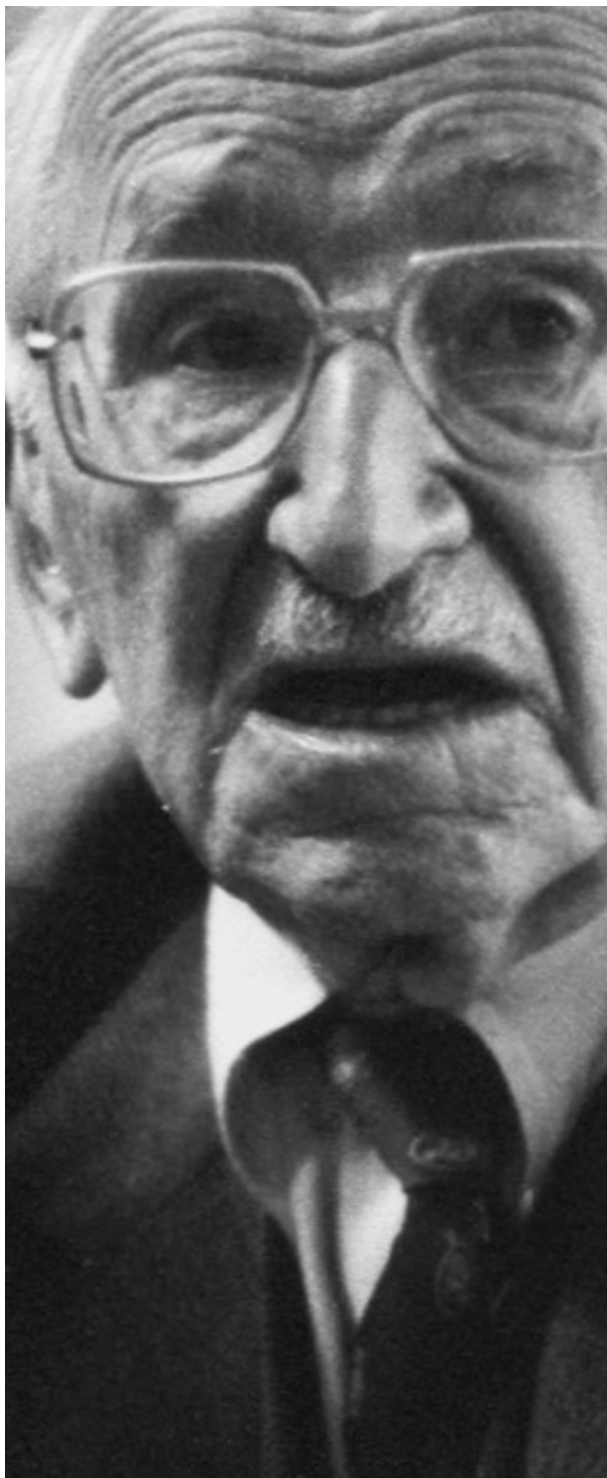
2.2 Hayek e Jacobs

2.3 Acupuntura Urbana

A fim de dar bases teóricas para escolha pelo desenho urbano, nos deteremos sobre as similaridades do pensamento da jornalista **Jane Jacobs** e do economista **Friedrich Hayek**. Ambos fazem críticas ao planejamento tal como ele é usualmente feito. Hayek trata do planejamento econômico e Jacobs do planejamento urbano, mas ambos identificam um problema comum a todo tipo de planejamento: o **uso do conhecimento**.

Quanto à Jacobs, sua apresentação é dispensável para a maioria de potenciais leitores, portanto, economizaremos nesse ponto. Hayek, no entanto, precisa de algumas linhas para ser introduzido. **Filósofo e economista** austríaco, esteve vinculado à **Escola Austríaca** de pensamento econômico, recebeu o Nobel de Economia em 1969 e entre suas principais idéias estão as questões do **Conhecimento Disperso**, na qual trataremos aqui, e a **Ordem Espontânea**. Por questões de metodologia, será apresentado primeiro o pensamento de Hayek a respeito do planejamento como um todo, e em seguida, o de Jacobs, especificando-o ao urbanismo.

Em seu artigo mais célebre, ‘[O Uso do Conhecimento na Sociedade](#)’ (1945), Hayek observa que os planejadores nunca detêm a totalidade de informações das quais eles precisariam para elaborar um plano de longo prazo eficiente. O problema reside no fato que “[o conhecimento das circunstâncias nas quais precisamos agir nunca existe de forma concentrada e integrada](#), mas apenas como [pedaços dispersos](#) de conhecimento incompleto e frequentemente contraditório, distribuído por diversos indivíduos independentes” (HAYEK, 1945). De forma que notamos aqui o primeiro empecilho para que os planejamentos, tais como são feitos atualmente, ou seja, centralizados, sejam capazes de efetivamente resolverem os problemas que se propõem. Mesmo que os grupos responsáveis pelo planejamento, seja do que for, contassem com os melhores especialistas da área, faltaria a eles um tipo de conhecimento específico que não pode ser suprido pelo conhecimento técnico ou científico. Esse conhecimento, embora desorganizado, é importantíssimo, e Hayek o chama de “[conhecimento de certas circunstâncias particulares de tempo e lugar](#)”(1945). Esse tipo de conhecimento [não está disponível às autoridades e não podem ser massificados em dados estatísticos](#) (HAYEK, 1945), porque dizem respeito apenas um determinado lugar, num determinado tempo.



Friedrich Hayek (Foto: newstatesman.com).

Poder-se-ia argumentar que a transmissão dessas informações à autoridade responsável a deixaria a par de tudo e capaz então de emitir um parecer. No entanto, essas informações rapidamente podem mudar e constantemente mudam de um dia para outro, o que colocaria em cheque o plano de longo prazo emitido.

“Evidentemente, se fosse possível fazer previamente planos econômicos detalhados para períodos significativamente longos, e depois segui-los à risca, de modo que nenhuma outra decisão econômica importante fosse necessária, a tarefa de elaborar um planejamento completo para toda a atividade econômica não seria algo tão inatingível”. (HAYEK, 1945)

Vale lembrar que Hayek fala de economia, mas seu questionamento continua válido a qualquer planejamento feito de maneira centralizada. Em sua fala, o economista esclarece ainda que **é imprescindível valer-se prontamente do conhecimento das condições locais**, enquanto ainda são válidos. Isso implica na **necessidade de adaptar-se rapidamente** às mudanças das circunstâncias de tempo e lugar. O que nos faz concluir que é desejável que as decisões devem ser tomadas por alguém familiarizado com essas circunstâncias, pois assim pode prontamente utilizar-se delas.



De dia, mercado. De noite, churrasquinho. Conhecimento do local.(Foto: Acervo Pessoal).

Não se trata, portanto, de reportar todas as informações a um planejador central, mas sim de **disponibilizar aos indivíduos um conhecimento adicional** suficiente para que eles possam **integrar seus planos a outros planos existentes**. “Não está em discussão se se deve planejar ou não, mas sim se o planejamento deve ser feito de forma centralizada, por uma autoridade única (...), ou se ele deve ser dividido entre vários indivíduos” (Hayek, 1945). De forma que, através da **interação entre vários indivíduos** que possuem conhecimentos parciais, se obtém um **plano descentralizado e menor, porém mais eficiente** em suas assertivas e, portanto, adequado às circunstâncias locais e temporais.

Entre o pensamento do economista austríaco e o da jornalista americana há muitas semelhanças. O que Hayek constata a partir de elucubrações abstratas, Jacobs constata através de uma série de exemplos que ela apresenta em seu livro '**Morte e Vida de Grandes Cidades**'. Já na introdução, a autora demonstra como **o planejamento urbano tem se distanciado da realidade da cidade:**

“As **idades são um imenso laboratório** de tentativa e erro, fracasso e sucesso, em termos de construção e desenho urbano. É nesse laboratório que **o planejamento urbano deveria aprender, elaborar e testar suas teorias**. Ao contrário, os especialistas e os professores dessa disciplina (...) têm **ignorado o estudo do sucesso e do fracasso na vida real**, não têm tido curiosidade a respeito das razões do sucesso inesperado e **pautam-se por princípios derivados do comportamento e da aparência de cidade (...)** imaginárias e perfeitas - **qualquer coisa que não as cidades reais**”. (JACOBS, 2000, p. 5)

No sexto capítulo do livro, Jacobs trata do uso dos bairros. Ela explica que **as grandes cidades são grandes e complexas demais** para que sejam apreendidas pelos “responsáveis que estão no topo”. Os planos feitos de modo centralizado olham a cidade em **zonas bidimensionais** e **carecem de muitas informações locais** para que as políticas e metas públicas façam sentido na vivência real dos bairros. Mesmo quando há boa vontade do poder público, “sem uma compreensão real nas ruas (...) ele estaria em certa medida de **mãos atadas**. Por causa dessa lacuna, **uma grande dose de boa intenção nos altos escalões tem poucos resultados lá embaixo**, e vice-versa” (JACOBS, 2000 p. 135).



Jane Jacobs (Foto: newyorker.com).

Jacobs de fato observa que, o planejamento urbano centralizado, tornar-se ineficiente por uma **deficiência invencível**: a ausência do conhecimento das circunstâncias. Na última parte de seu livro, quando trata das unidades de gestão e planejamento, a jornalista reforça que o intento de criar um planejamento a partir de um órgão vertical é inalcançável:

“Nesse tipo de planejamento, não basta que os administradores de várias áreas conheçam serviços e técnicas específicas. Eles precisam conhecer, e **conhecer a fundo, lugares específicos**.”

São super-homens conseguiriam entender uma cidade grande por inteiro, ou como um grupo de bairros, com o detalhamento necessário para orientar medidas construtivas e evitar medidas impensadas, gratuitas, destrutivas”. (JACOBS, 2000, p.456)

Mesmo comissões de planejamento mais específicas **repetem os mesmos erros**: criam órgãos que se responsabilizam por todo o território sob um determinado viés e mesmo quando se juntam todos os estudos de todos os vieses, não são capazes de suprir o conhecimento local. A autora dá diversos exemplos de petições populares que ou contestavam ou demandavam posicionamentos do poder público, baseadas no simples desconhecimento da área em que se intervinha. Finalizando esse breve comparativo do pensamento desses dois autores, uma frase de Jacobs que poderia ter sido dita por Hayek: **“Não há conhecimento que substitua o conhecimento do local no planejamento. não importa se ele é criativo, coordenado ou antecipatório”**. (JACOBS, 2000, p.465).

A jornalista devota inúmeras páginas de seu livro a discutir a forma de planejamento que ela acha mais adequado. Neste trabalho não nos deteremos nessa discussão, restringindo-se a apresentar essas críticas ao planejamento urbano centralizado, que é o que usualmente ocorre e o que ocorre na cidade de Fortaleza. Aqui concluímos que o fato dos planos não evoluírem de planos funcionais para planos de área ou de projeto - como visto na seção anterior deste capítulo - deve-se à incapacidade do planejamento central utilizar o conhecimento difuso das circunstâncias de lugar e tempo. Tornando, portanto, uma **escolha do planejamento urbano como ponto de partida** para uma intervenção projetual, **inócua**. Sendo impossível propor um desenho de projeto responsável sem inserir-se na localidade, tomando conhecimento das circunstâncias comumente inacessíveis para os planejadores centrais, **reforça-se**, assim, **a escolha pelo desenho urbano**, aproveitando-se de suas qualidades para propor um **projeto mais concreto e eficiente para os principais interessados: os moradores**.

2.1 Desenho Urbano x Planejamento Urbano

2.2 Hayek e Jacobs

2.3 Acupuntura Urbana

O conceito de acupuntura urbana foi introduzido no Brasil através do arquiteto e urbanista **Jaime Lerner**, com sua prática na cidade de Curitiba, enquanto prefeito, e com o livro homônimo publicado posteriormente. Consiste em **pequenas intervenções** que são **capazes de gerar uma melhoria sistêmica** às cidades. Esse conceito se aproxima do grupo de intervenções de desenho urbano que Lang chama de *Plug-in urban design*, como já foi dito, embora nem toda acupuntura urbana implique em desenho urbano.

Com este conceito, objetiva-se ratificar a escolha pelo desenho urbano, não só por suas qualidades iniciais, nem somente pela crítica ao planejamento urbano, mas adicionando a **precisão**, a **rapidez** e os **menores ônus** na proposta de projeto. “Não se pode imaginar acupuntura com uma agulha sendo introduzida com pressões demoradas e dolorosas. Logo, a acupuntura exige rapidez na picada precisa” (LERNER, 2011, p. 95). Já começando, assim, a **justificar a escala do projeto**, propositalmente pequena, e a elencar alguns pontos que Lerner cita em seu livro, como objetivos a serem alcançados.



Jaime Lerner (Foto: jaimelerner.com).

Uma das coisas mais relevantes que Lerner observa é que pessoas atraem pessoas, mais do que um programa espetacular, é preciso dar **espaços para encontro**. “Uma boa acupuntura é ajudar a trazer gente pra rua, criar pontos de encontro, e, principalmente, fazer com que cada função urbana catalise bem o encontro entre as pessoas” (LERNER, 2011, p. 45). No bairro em questão, ou melhor, na vizinhança em questão as pessoas já estão lá, apenas carecem desse lugar onde se encontrarem, excetuado - é claro - os vários bares existentes. E são essas pessoas que já estão lá que serão motivo de atração para os outros moradores do bairro.



Pontos de Jogo se tornam pontos de encontro. (Foto: Acervo Pessoal).

A mazela do bairro quanto a sua identidade também pode ser tratada por esse conceito, auxiliando, sobretudo a autoestima dos moradores. Uma vez atendidos na sua demanda de 35 anos por uma praça, os moradores mais antigos podem **revitalizar seu apreço pelo bairro**, e os mais novos, terão a oportunidade de se afeiçoar e **iniciar um processo de identificação** com o mesmo. A possibilidade de se identificar com 'a cara do bairro' está intrinsecamente ligada ao encontro.

O primeiro nível de encontro, já citado, é de encontrar pessoas quaisquer e ser atraído por aquela aglomeração. Um segundo nível que pode ser trabalhado é encontrar pessoas específicas. Explico: criar lugares que se tornem ponto de encontro. Uma praça por si só pode ser grande demais para servir de ponto de encontro. Já 'o caramanchão da monguba', ou 'o banco ao lado da floricultura' são verdadeiros pontos de encontro, que não permitem confusão, por não haver outros similares. Mais que encontrar pessoas, é preciso também encontrar uma pessoa.

Outras 'agulhadas' ainda serão abordadas no próximo e último capítulo, as que são mais relacionadas ao programa. As apresentadas aqui servem como exemplos de problemas importantes que podem ser resolvidos ou amenizados com pequenas intervenções.

Finaliza-se aqui este segundo capítulo, concluindo a explanação sobre a escolha pelo desenho urbano. Sua atuação mais direta, mais eficiente e menos invasiva, torna-o habilitado a ser tomado como ponto de partida para um projeto urbano, longe da ineficiência usual do planejamento urbano, tal como ele é concebido hoje. O projeto, por mais que decorra de um processo consciente de desenho urbano, obviamente não resolverá todos os problemas do bairro. Nem é essa sua intenção, mas sim colaborar para a resolução do principal problema urbano do São João do Tauape: a identidade do bairro e a identificação dos moradores com ele. Sem contar com programas complexos de cultura ou educação ou outros ‘trunfos’ normalmente apresentados pelas ações urbanas, o projeto aqui proposto objetiva dar espaço aos moradores para se encontrarem, conversarem, gastarem seu tempo num ócio saudável, etc. Pois será a partir desses encontros que se formarão comunidades com interesses comuns, capazes de gerar demandas reais e locais de um ou outro equipamento de cultura ou de educação. Sendo, portanto, uma das maiores virtudes deste projeto. não dar passos maiores que as pernas e colaborar de modo eficaz e discreto para a comunidade do Tauape.

“ Isto diz o Senhor dos exércitos:
Velhos e velhas ainda se sentarão
nas praças de Jerusalém, cada
qual com seu bastão na mão,
devido à seus muitos dias; as
ruas da cidade se encherão
de meninos e meninas a
brincar em suas praças.”

Zc 8, 4-5.

Projeto

Capítulo 3

Projeto

3.1 Escolha do Terreno e Justificativas

3.2 Princípios e Objetivos de Projeto

3.3 Projeto Urbano

Como um todo, o São João do Tauape não dispõe de um grande número de terrenos não-edificados. Para o projeto de uma praça, era preciso de um terreno com medidas relevantes e os terrenos imediatamente disponíveis assim eram demasiadamente deslocados dentro do próprio bairro: em locais periféricos demais para despertar interesses fortuitos, de difícil acesso, ou próximos demais de outras praças e parques de bairros vizinhos.

Optou-se então pela remoção do Motel Shanadu e a utilização do lote ocupado por ele para desenvolvimento do projeto. Essa decisão pauta-se em duas constatações: a primeira, de que o motel não agrega nenhum valor específico ao bairro, especialmente no que tange à identidade; a segunda, que os principais usuários do motel não são os moradores, visto que a maior parte desses não possuem boas condições financeiras condizentes com uso desse tipo de serviço. Havendo ainda objeções, existem outros motéis próximos ao bairros capazes de suprir a demanda de moradores do próprio bairro.

O terreno escolhido possui 0,45 ha (hectare) aproximadamente, contando com 45m de frente por 98m de fundo. Seu acesso atual se dá pela rua Silva Paulet, que praticamente termina nele. Além da área adequada ao programa de uma praça, o terreno tem **posição central no bairro**, especialmente ao que se compreende por 'São João do Tauape' (ver São João do Tauape e Pio XII, no capítulo 1). Distância aproximadamente 200m da avenida Pontes Vieira, 90m da rua Eduardo Bezerra, 160m da rua Monsenhor Salazar, 280m da rua Paulo Firmeza, 500m da rua Joaquim Nabuco e 180m da rua Capitão Melo, - os principais eixos do bairro - todas **distâncias facilmente percorríveis**, seja a pé, bicicleta ou carro, não obstante estar lindeiro à avenida Sabino Monte, que tem **grande tráfego de pedestres**.

Jacobs ao falar dos usos de parques de bairros ressalta a importância da centralidade para o sucesso desse tipo de espaço. "As pessoas se esforçam por criar um centro (...). Às vezes é impossível" (JACOBS, 2000, p.114). Aproveita-se aqui da **centralidade já existente** do terreno, além do fato de não haver próximo nenhum espaço livre similar, garantindo que a **raridade** desse tipo de espaço lhe dê a **vantagem da não-concorrência** (JACOBS, Ibid, p.111).

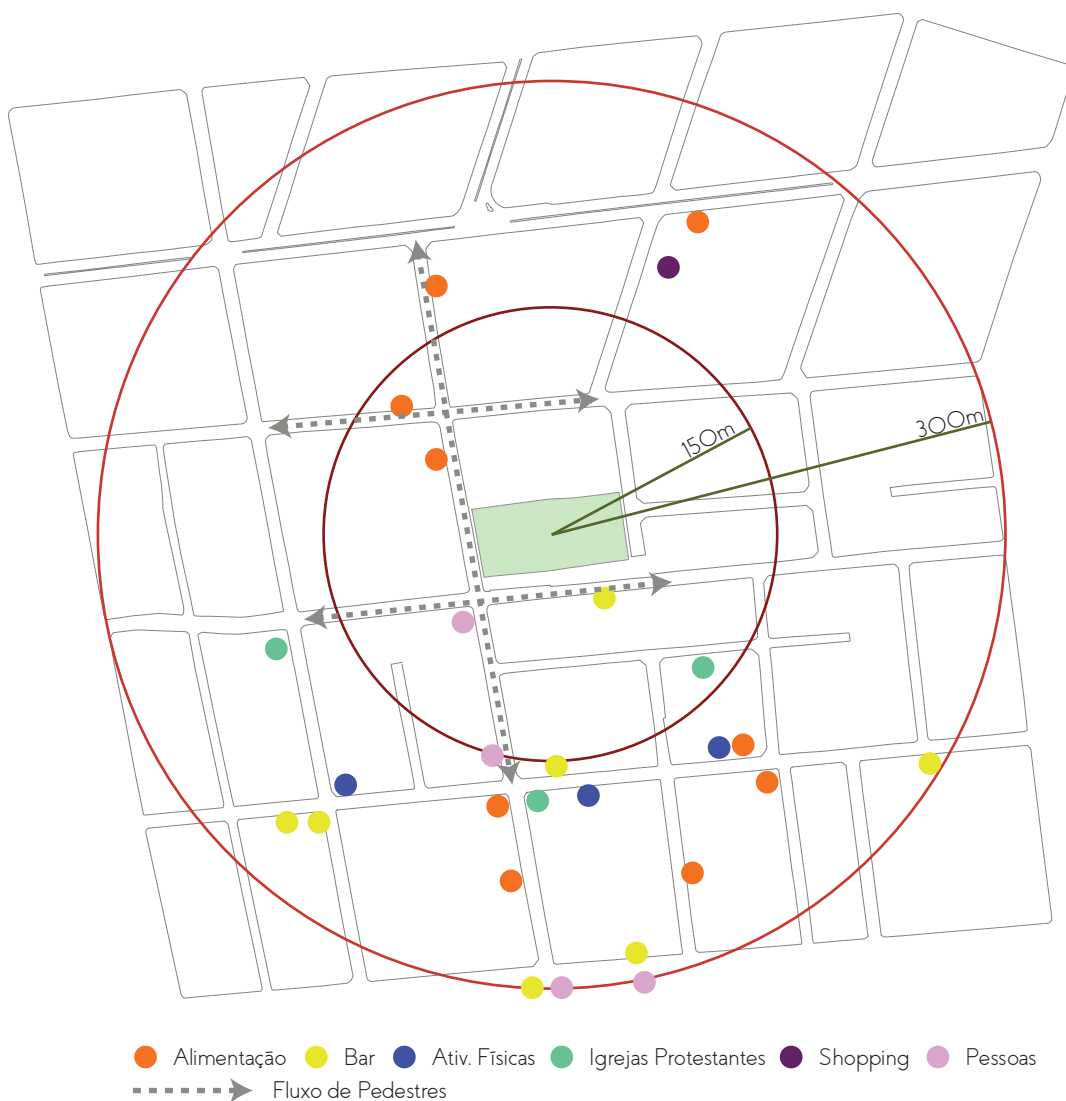


Implantação do terreno e vias próximas.

- Terreno
- Via Coletora Leste-Oeste
- Via Principal
- Via Coletora Norte-Sul

Ainda como **virtude do terreno** escolhido, as pessoas já estão lá, falta-lhes apenas um espaço para se encontrarem. Há muitos **serviços e atividades** que **aglomeram pessoas** ao redor do terreno, numa distância adequada para ser percorrida a pé. Tomou-se 150m como entorno imediato e 300m como entorno próximo, que se entende aqui como estar perto o bastante para valer a pena uma visita.

Mapa Humano



Justificativas da Escolha do Programa

O problema chave do bairro reside na **ilegibilidade de seu espaço urbano**, que afeta diretamente a identidade do mesmo. Para atacar esse problema e no intuito de amenizá-lo com uma **intervenção pontual** é que se escolheu fazer isso por meio de uma **praça**. Além, claro, de suprir a demanda de anos dos moradores, como foi explicado no capítulo 1. Depreende-se que, visto ser um **anseio da população** tão antigo, esse tipo de programa seja capaz de estreitar os **laços de identidade e identificação** dos moradores com o bairro.



Sentar na calçada, único espaço público disponível para o encontro. (Foto: Acervo Pessoal)

Para definir o programa, recorreu-se, ademais da observação e estudo acerca dessa tipologia, a uma dinâmica com alguns moradores. Consistia em entregar uma folha com o terreno e solicitar que fosse desenhada ali uma praça, com tudo que se tem normalmente em uma. Isso foi feito a fim de discernir o que os moradores, de diferentes idades, compreendem que é uma praça, para poder atendê-los em seus desejos.

Desses desenhos foram dados alguns norte para constituição do programa propriamente dito. Notadamente: a relevância de canteiros e vegetação; academia ao ar livre; parque infantil; quadra; mesas e cadeiras para sentar e jogar; etc.

Conforme discutido no segundo capítulo deste trabalho, há dois princípios de projetos referentes à sua forma de proposição:

- **Amenização o problema urbano a partir de desenho.**
- **Utilização de uma boa acupuntura urbana - menores intervenções, maiores melhorias.**

Para mais desses dois princípios, adicionam-se outros referentes ao projeto em si:

- **Valorização da escala humana e do desenho universal.**
- **Preferência por espécies vegetais nativas ou bem adaptadas, xerófilas ou rústicas.**
- **Diversificação dos micro-espacos - como forma de potencializar os lugares de encontro.**

3.1 Escolha do Terreno e Justificativas

3.2 Princípios e Objetivos de Projeto

3.3 Projeto Urbano

Expostos esses princípios, consolidam-se os objetivos, baseados, sobretudo, no panorama geral do bairro explicado no capítulo 1.

- **Constituir de um n.º. conforme Lynch.**
- **Atender da necessidade de espacos livres.**
- **Propor de um modelo de paisagem urbana para o bairro.**

3.1 Escolha do Terreno e Justificativas

3.2 Princípios e Objetivos de Projeto

3.3 Projeto Urbano

Antes de abordarmos especificamente o projeto da praça, veremos como através dela se pode constituir um nó¹ de mobilidade e de pessoas e, como a proposição de um modelo de paisagem urbana para o bairro gerou, de certa forma, também uma região², colaborando de forma efetiva para legibilidade do espaco urbano e, consequentemente, para a identidade do Tauape.

1 e 2. Sempre referentes à Análise Cognitiva de Kevin Lynch, conforme explicado no capítulo 1.

Mobilidade

A fim de tornar a praça um nó de mobilidade, e contribuir assim também para a mobilidade do bairro, propõe-se duas medidas principais: indicar os melhores lugares para instalação de estações de bicicletas compartilhadas; e redesenhar as linhas de ônibus que atualmente circulam pelo bairro.



Estação de Bicicleta Compartilhada Existente



Estação de Bicicleta Compartilhada Proposta







Estação de VLT Prevista

Atualmente, não há nenhuma estação de bicicleta compartilhada no bairro, e as mais próximas estão demasiado distantes para serem usadas com eficiência. No mapa a seguir, indica-se as existentes e as propostas, além de indicar onde será construída a estação de VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), equipamento relevante para a distribuição das estações de bicicleta. Propõe-se estações - da esquerda para direita e de cima para baixo - na praça João Távora, no cruzamento da av. Pontes Vieira com rua Osvaldo Cruz, na praça proposta, na paróquia, no cruzamento da rua Paulo Firmeza com rua Escrivão Pinheiro, próximo à estação do VLT.

Mapa de Estações de Bicicleta Compartilhadas.



Sobre as linhas de ônibus, três circulam pelo bairro: 602 Parque Pio XII/Ana Gonçalves - a mais antiga linha em operação; 069 Lagoa/Papicu/Via Expressa; e 503 Av. 13 de Maio/Rodoviária. Nos mapas, estão indicados os itinerários atuais, os propostos e os trechos que deixariam de existir, para que todas as 3 linhas parassem em pelo menos uma das duas paradas de ônibus da praça.

-  Itinerário Existente
-  Desvio Proposto
-  Trechos que deixariam de Existir
-  Terreno da Praça



O ônibus do bairro. (Foto: Pedro Santos)

602 - Parque Pio XII / Ana Gonçalves



503 - Av. 13 de Maio / Rodoviária



O69 - Lagoa / Papicu / Via Expressa



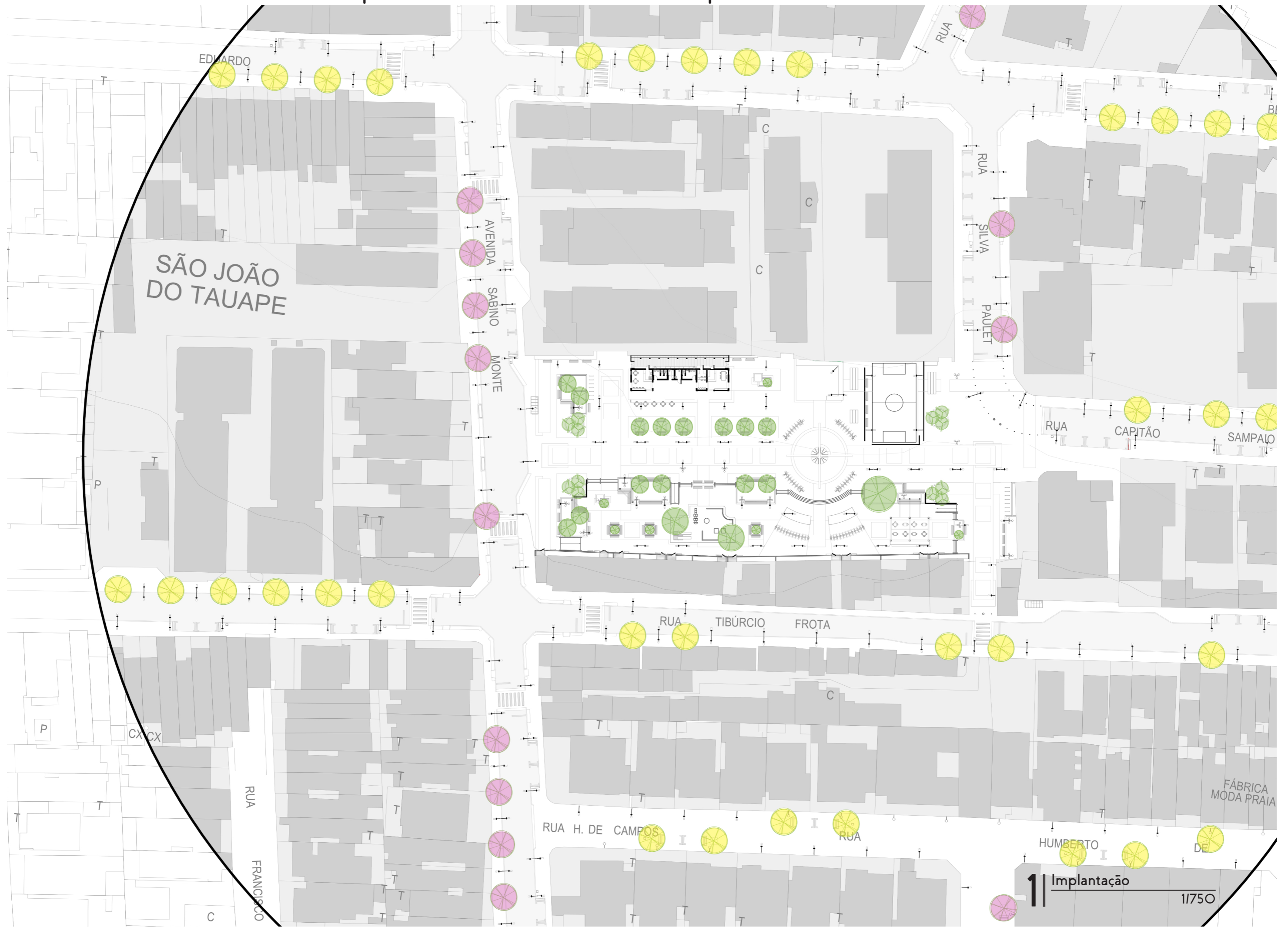
Zona 30

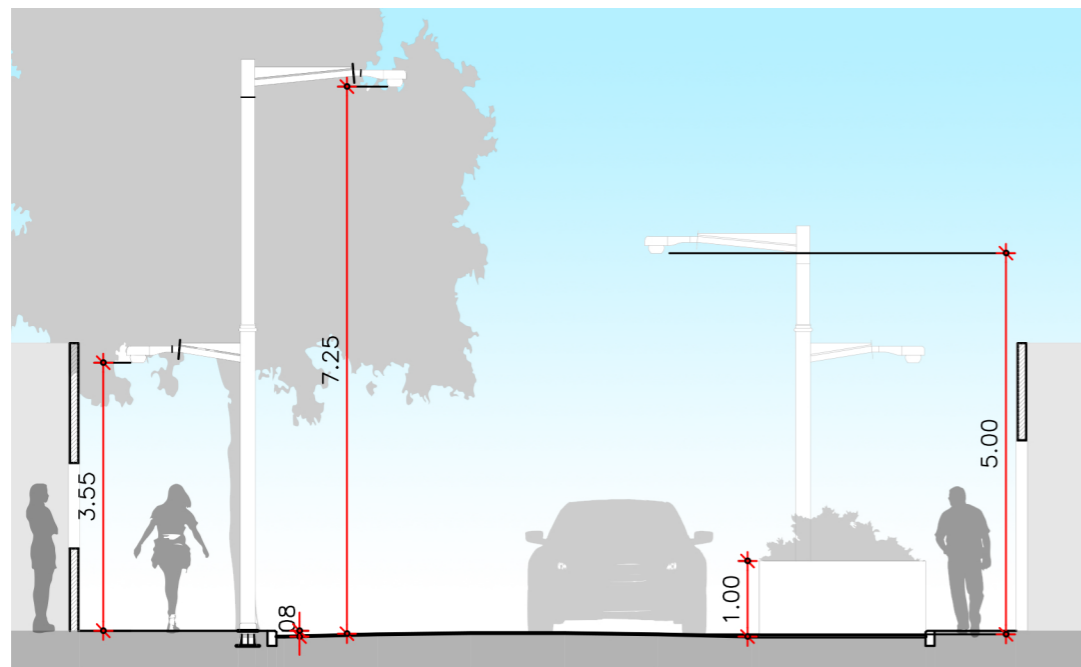
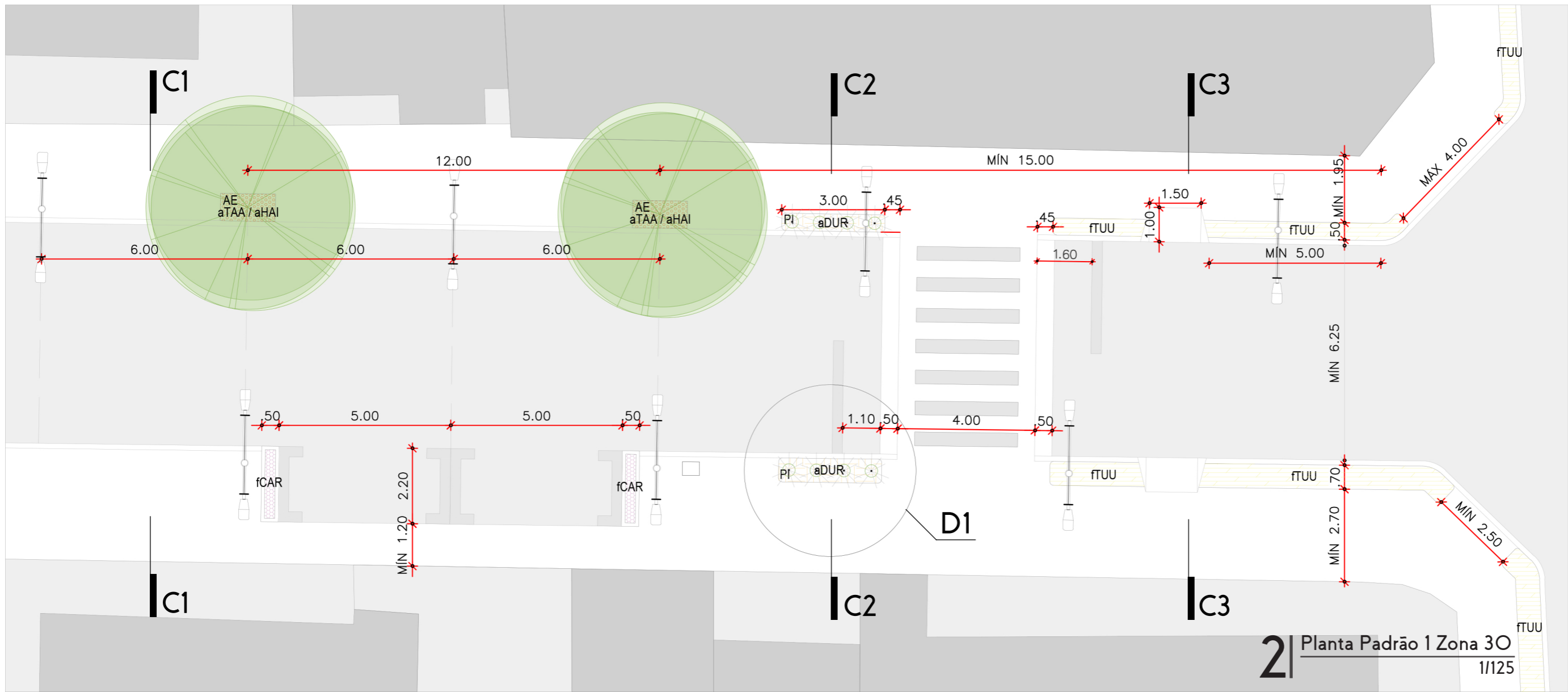
Como forma de propor um modelo de **paisagem urbana** para o bairro, que respeitasse e valorizasse os pedestres, trouxesse maior qualidade de espaço público, tornando a rua também um lugar de encontro e de vivência urbana, criou-se uma Zona 30 em torno da praça. Nesta zona, que abrange **12ha** - ou em outras palavras, um quarteirão antes e depois do quarteirão da praça - a velocidade máxima para os automóveis é de 30km/h.

Sendo, portanto, **ruas de tráfego calmo**, onde o trânsito de bicicleta pode ser feito em segurança no leito carroçável. Foram **aumentadas as calçadas** e delimitadas **vagas de estacionamento pagas** por meio de parquímetro, a serem cobradas de acordo com a procura e o dinheiro revestido no mantimento da própria zona. Uma parte dessa zona, onde não era possível aumentar as calçadas, as **ruas se tornaram compartilhadas**.

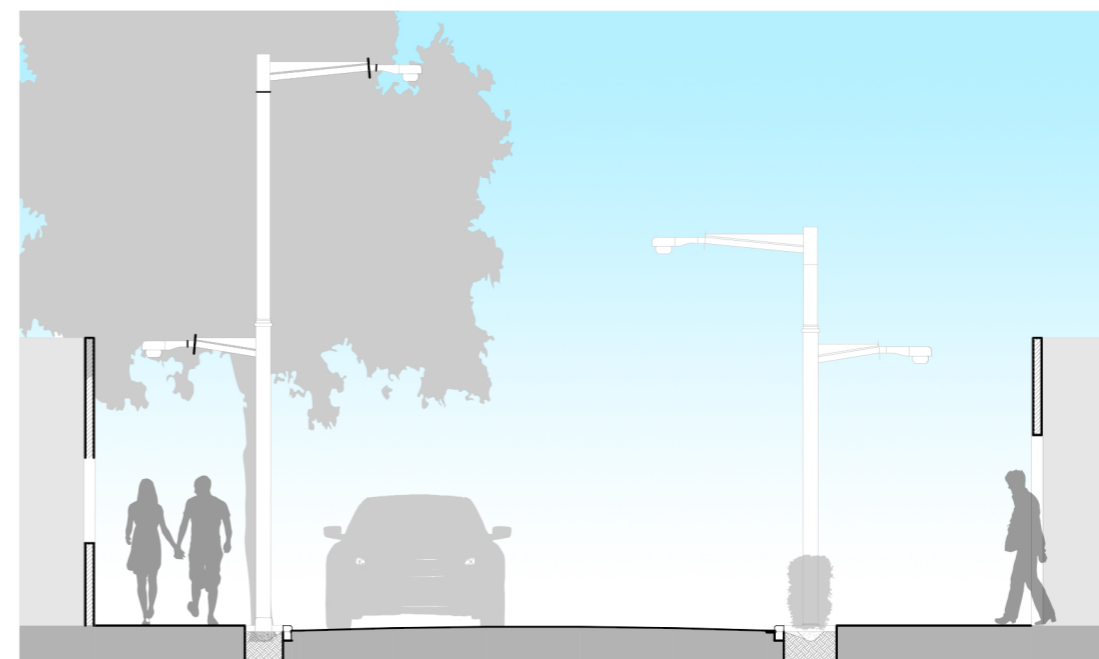
Mapa Zona 30







3 | Corte 1: Rua de Tráf. Calmo
1/100

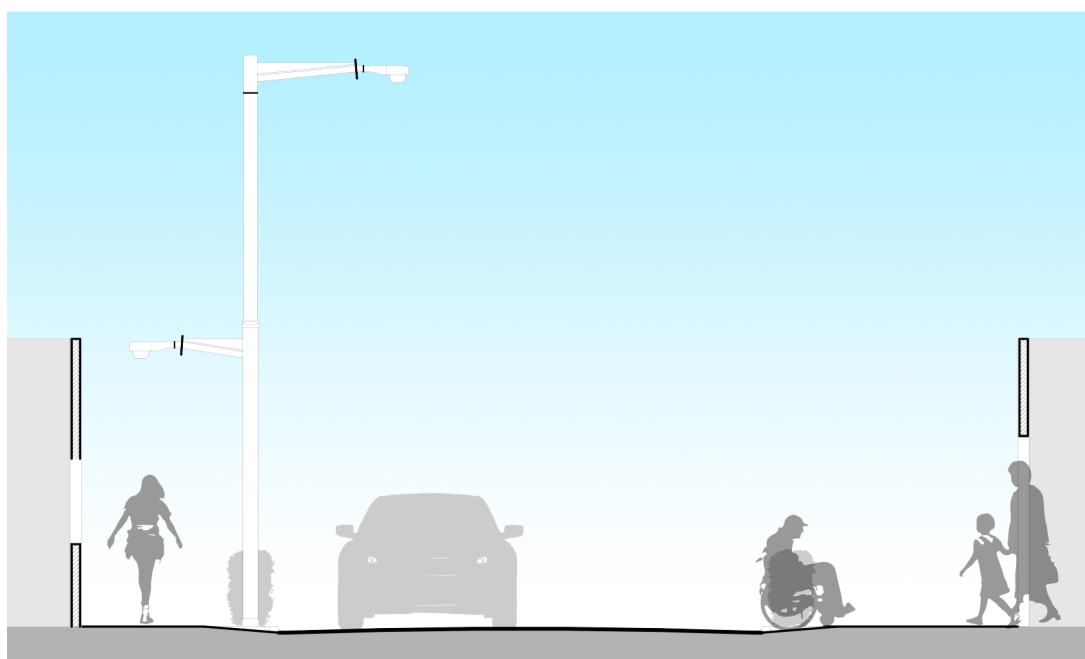


4 | Corte 2: Rua de Tráf. Calmo
1/100

Nesta zona, as **faixas de pedestres** são todas **elevadas**, criando um **passeio ininterrupto e acessível**, além de existirem rampas para acesso às calçadas. Buscando facilitar a legibilidade do espaço urbano, propõe-se que as espécies de arborização urbana auxiliem nesse processo. **Dois espécies suficientemente distintas**³ para serem reconhecidas como diferentes seriam plantadas, uma nas ruas de **direção norte-sul**, outra nas ruas de **direção leste-oeste**, simplificando de modo sutil a **compreensão do espaço**.

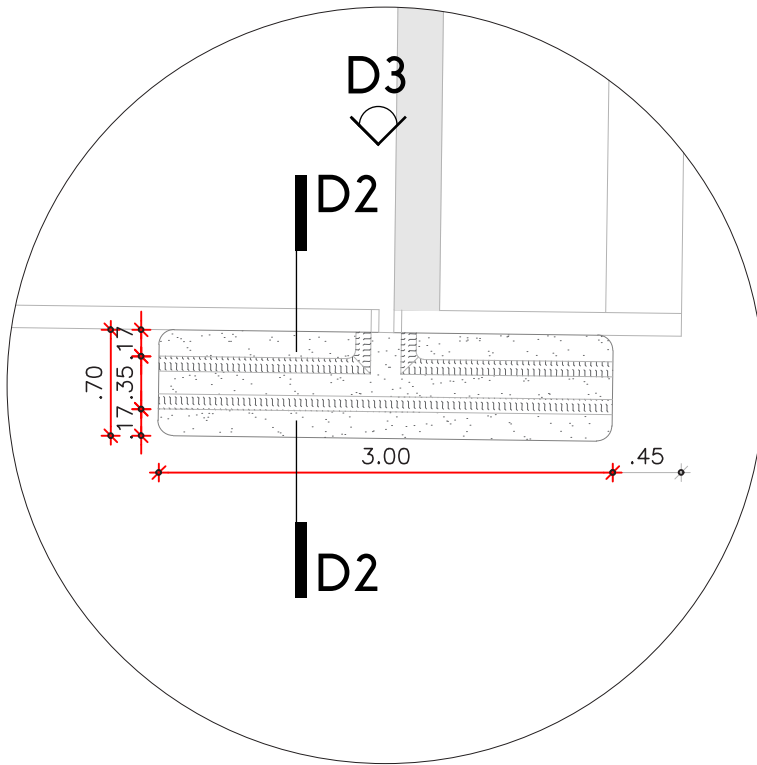
Além disso, **jardineiras e canteiros** compo-riam a paisagem, auxiliando no problema de **drenagem** existente no bairro que, ao menor sinal de chuva, sofre pequenos alagamentos em pontos específicos. Isso serviria especialmente como um **estímulo à proposições** posteriores de **infraestrutura verde**.

Essa zona, devido ao seu projeto urbano-paisagístico, acabaria por se constituir como uma região dentro do bairro; auxiliando, como um todo, a compreensão do espaço urbano.

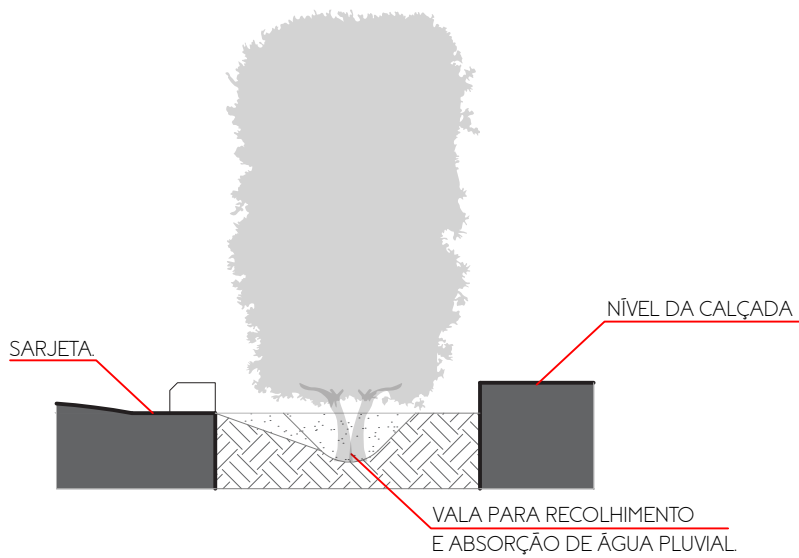


5 | **Corte 3: Rua de Tráf. Calmo**
1/100

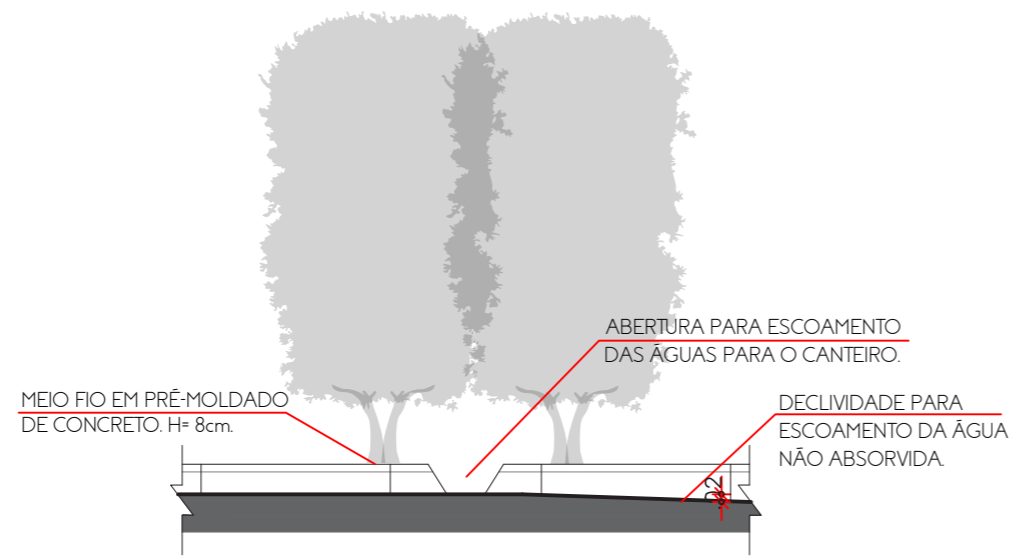
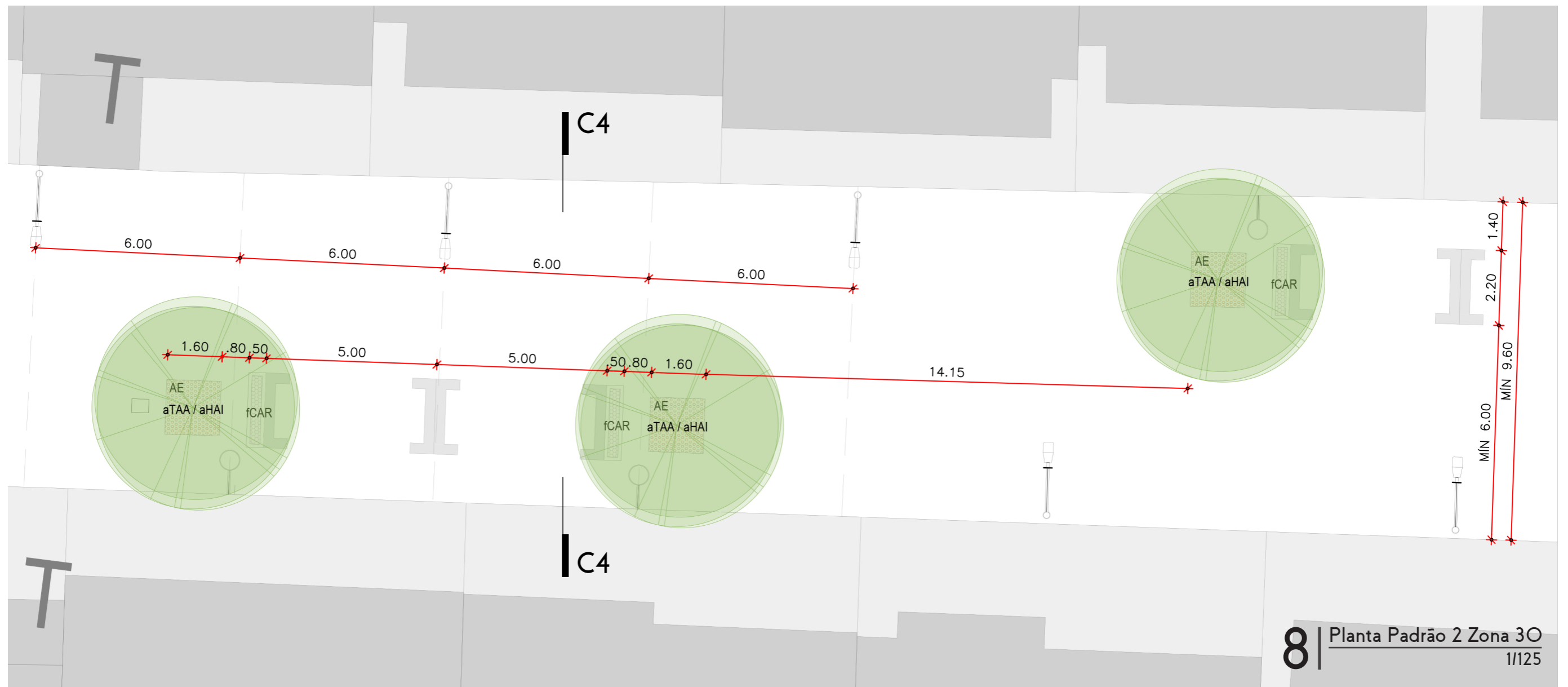
3. Sobre as espécies ver a sessão 'Escolha das Espécies', pág. 83.



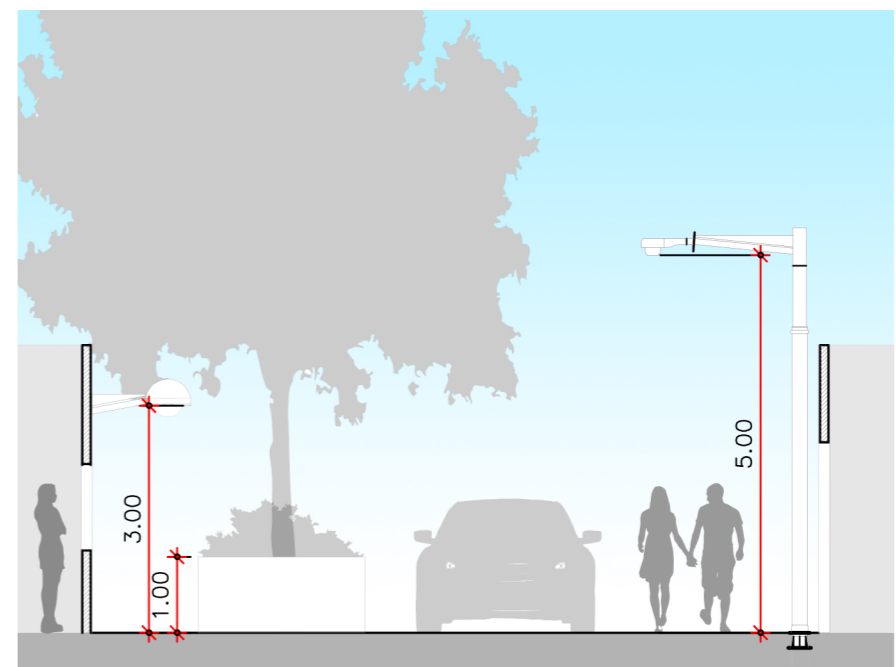
6 | Det. 1: Planta Canteiro
1/50



7 | Det. 2: Corte Canteiro
1/20



9 | Det. 3: Vista Canteiro
1/20



10 | Corte 4: Rua Compartilhada
1/20












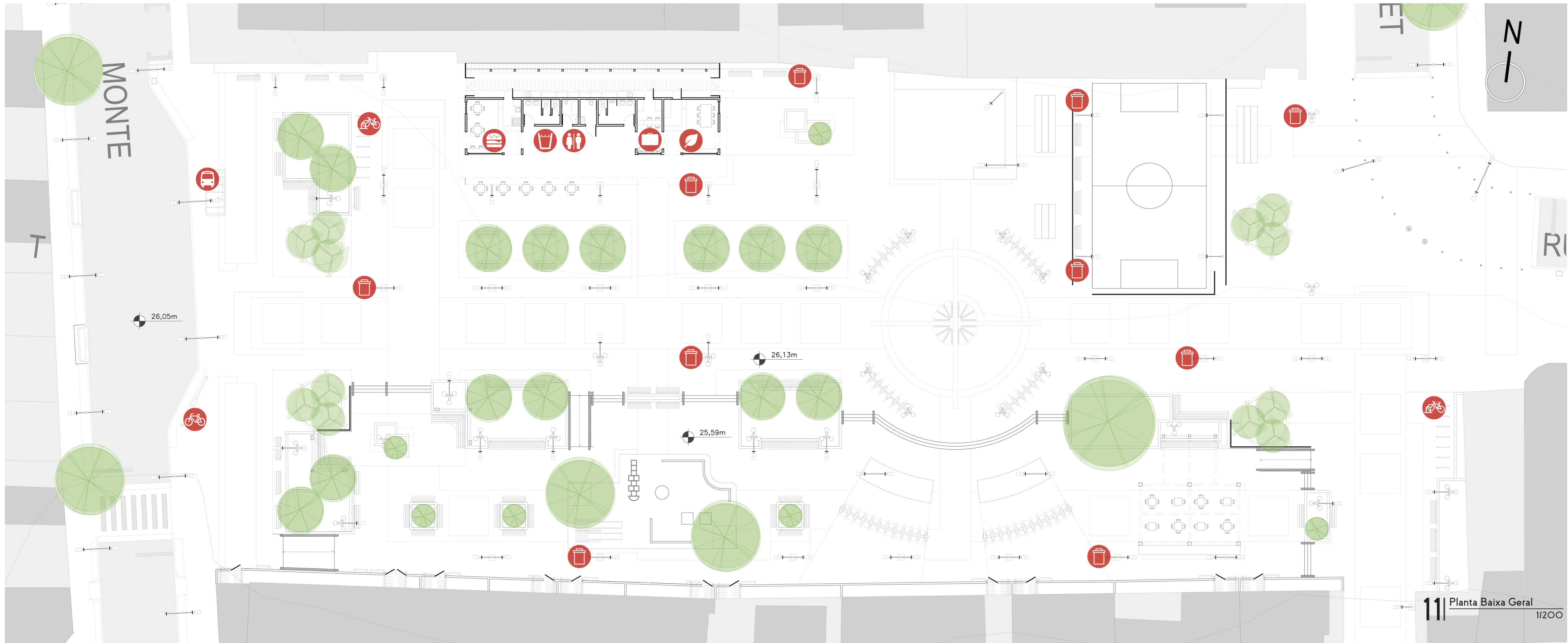
A Praça do Tauape

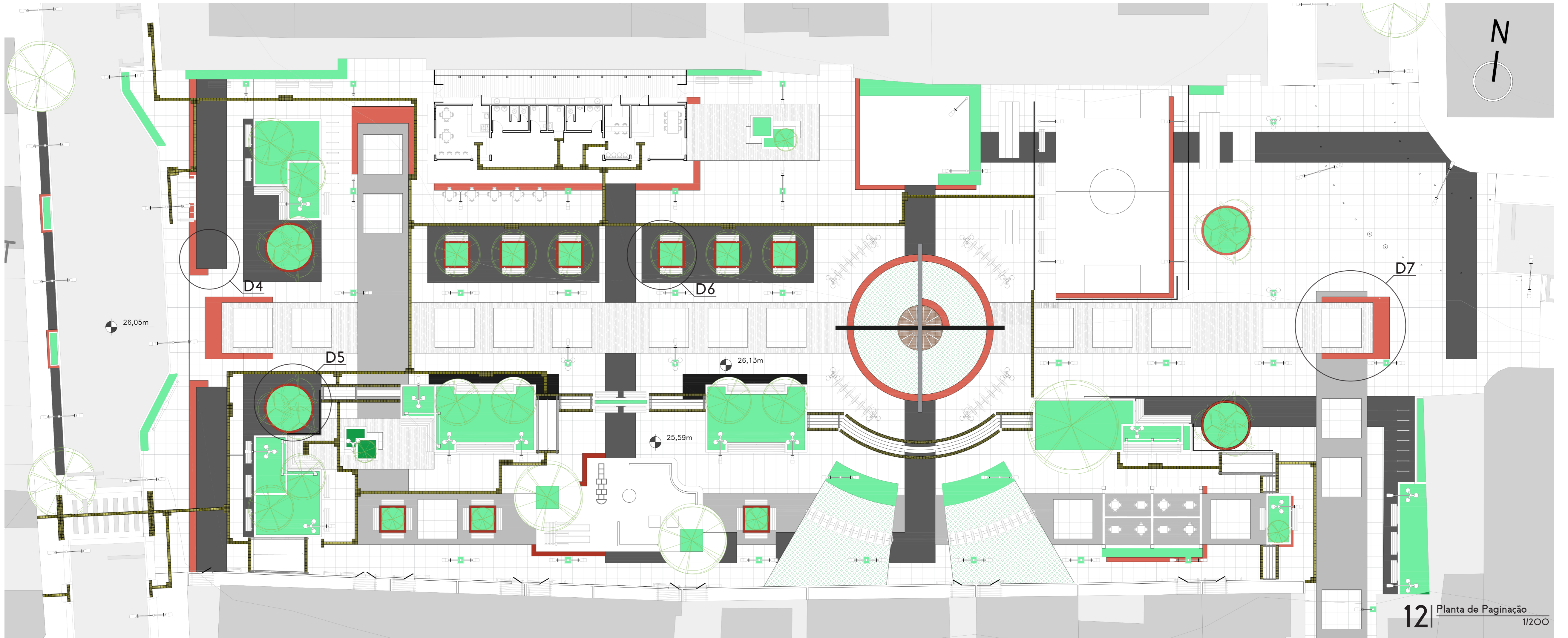
Panorama Geral

Os moradores do São João do Tauape anseiam por uma praça há 35 anos. Atualmente, não há no bairro nenhum espaço livre que permita o encontro e a vivência urbana decorrente disso. Optando por não dar passos maiores que as pernas, o projeto aqui apresentado prima por **ater-se a propor uma praça**, sem grandes equipamentos geradores de pólos de atração. Limita-se e esforça-se por **propor um projeto para os moradores**, mas capaz de estruturar o espaço urbano também para os transeuntes.

A praça apresenta **dois níveis**, que de modo geral **distinguem os espaços de lazeres ativos e lazeres contemplativos**. No nível mais alto, +26,13m, encontram-se os equipamentos de mobilidade urbana, a edificação de apoio - com serviços importantes para que os visitantes se demorem na praça -, a fonte, a academia ao ar livre e a quadra de esportes. No nível mais baixo, +25,59m, estão as áreas de lazer contemplativo - com muitos bancos e pergolados -, o parque infantil e o espaço da melhor idade. Longe de apenas divisão arbitrária, essas duas áreas distintas da praça se **relacionam intimamente com os lotes lindeiros**: o lazer ativo é contínuo aos lotes de residências multifamiliares, já o lazer contemplativo é contíguo aos lotes de residência unifamiliares, mais afeitas à tranquilidade e aos costumes interioranos de sentar na calçada para ver o movimento.

-  Ponto de Ônibus
-  Bicicletas Compartilhadas
-  Bicicletário
-  Lixeira
-  Lanchonete
-  Bebedouro
-  Banheiros
-  Administração
-  Floricultura e Jardinagem





Paginação

A praça é marcada por eixos que se sobrepõem e são sobrepostos, percorrendo todos os micro-espços existentes. O eixo principal, em concreto cinza natural escovado, estrutura a praça e serve de acesso a todos os micro-espços, sejam de lazer ativo ou contemplativo. O eixo secundário, em concreto cinza natural, liga lazer ativo e contemplativo, costurando-os um ao outro, e serve de estruturação para entrada da praça pela rua Tibúrcio Cavalcante (ver desenho 1, pág. X e desenho Y, pág. Z). Esses dois eixos são marcados por quadrados vazados que sutilmente marcam o ritmo do espço.

Como eixo terciário e delimitador de espços, a paginação em concreto cor tabaco zigue-zagueia completando a costura iniciada pelo eixo secundário. Os blocos intertravados em cor terracota funcionam como bordaduras e coroamentos. O fundo é em concreto cor platina, mais claro que a cor natural do concreto. No centro da praça, uma rosa dos ventos marca a centralidade mais importante com pisograma e uma fonte singela em placas de aço corten.



Concreto Cor Cinza Natural
(Foto: braston.com.br)



**Concreto Escovado
Cor Cinza Natural**
(Foto: braston.com.br)



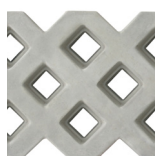
Concreto Cor Platina
(Foto: braston.com.br)



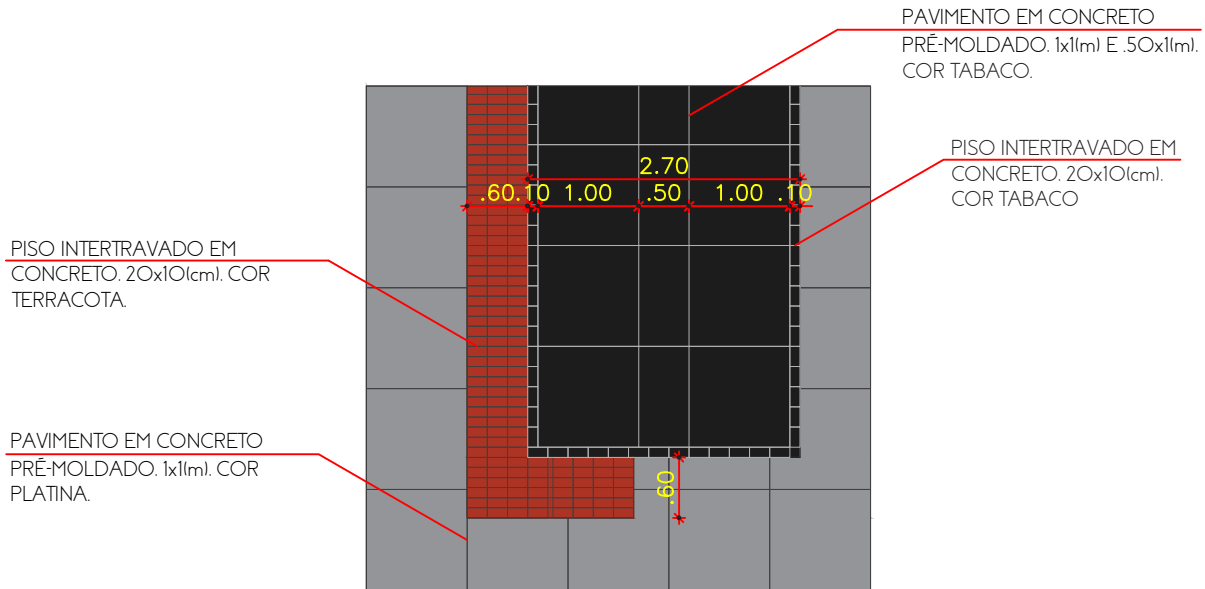
**Blocos Intertravados
Cor Terracota**
(Foto: braston.com.br)



Concreto Cor Tabaco
(Foto: braston.com.br)

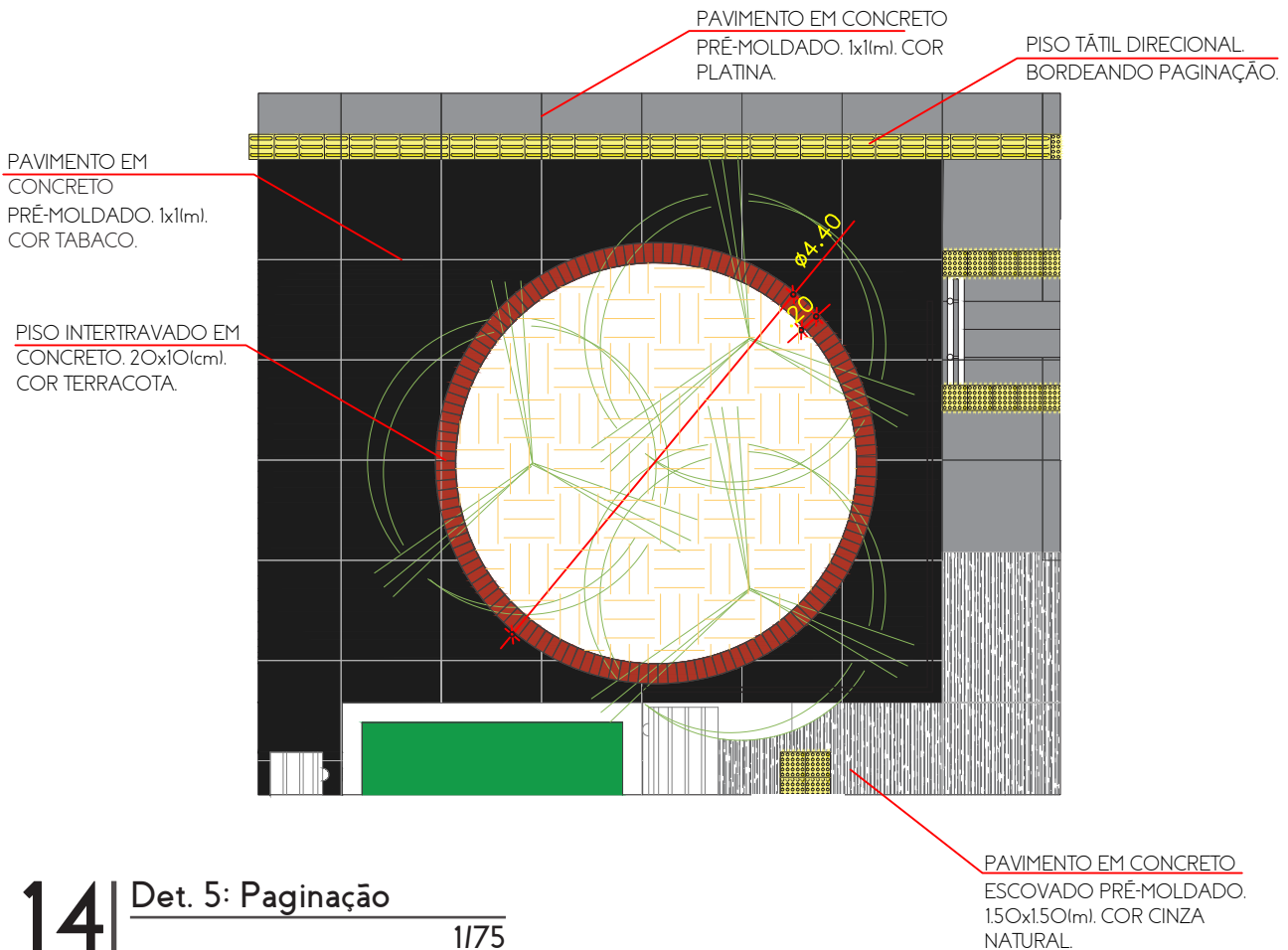


Pisograma
(Foto: braston.com.br)



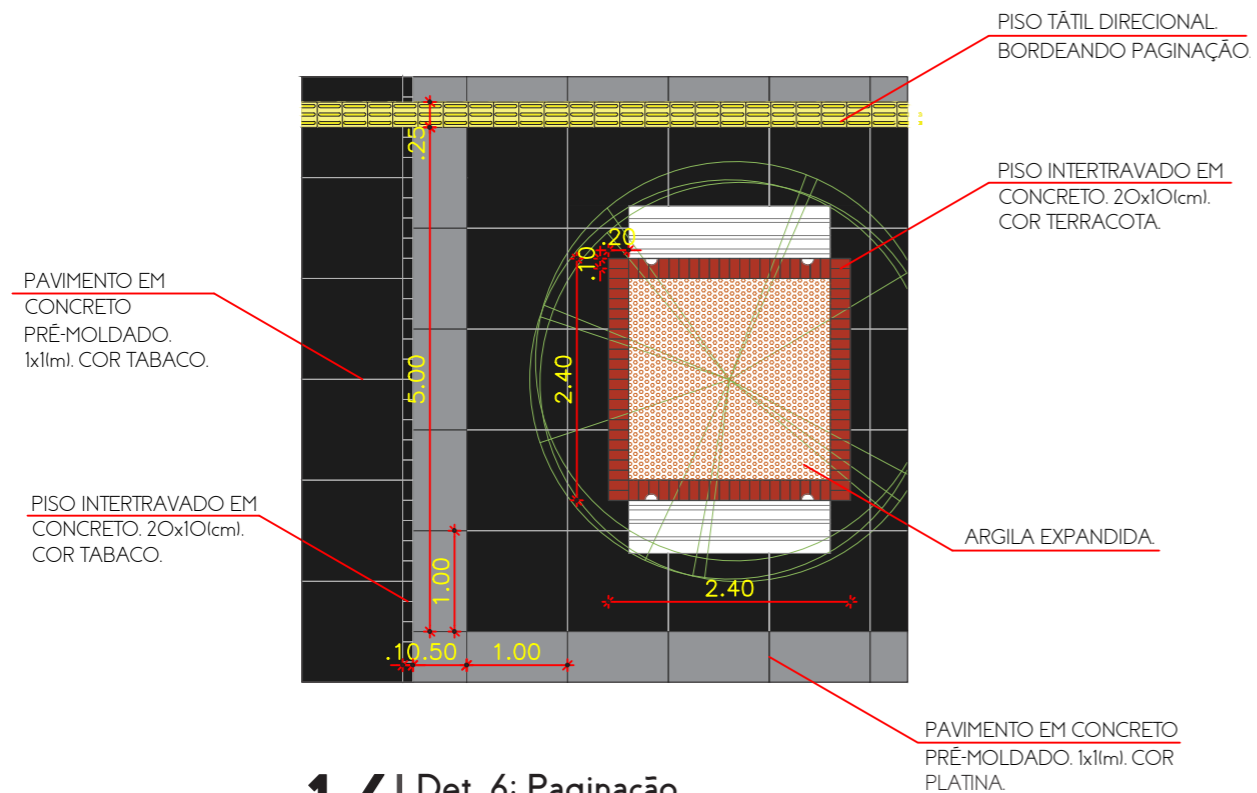
13 | Det. 4: Paginação

1/75



14 | Det. 5: Paginação

1/75



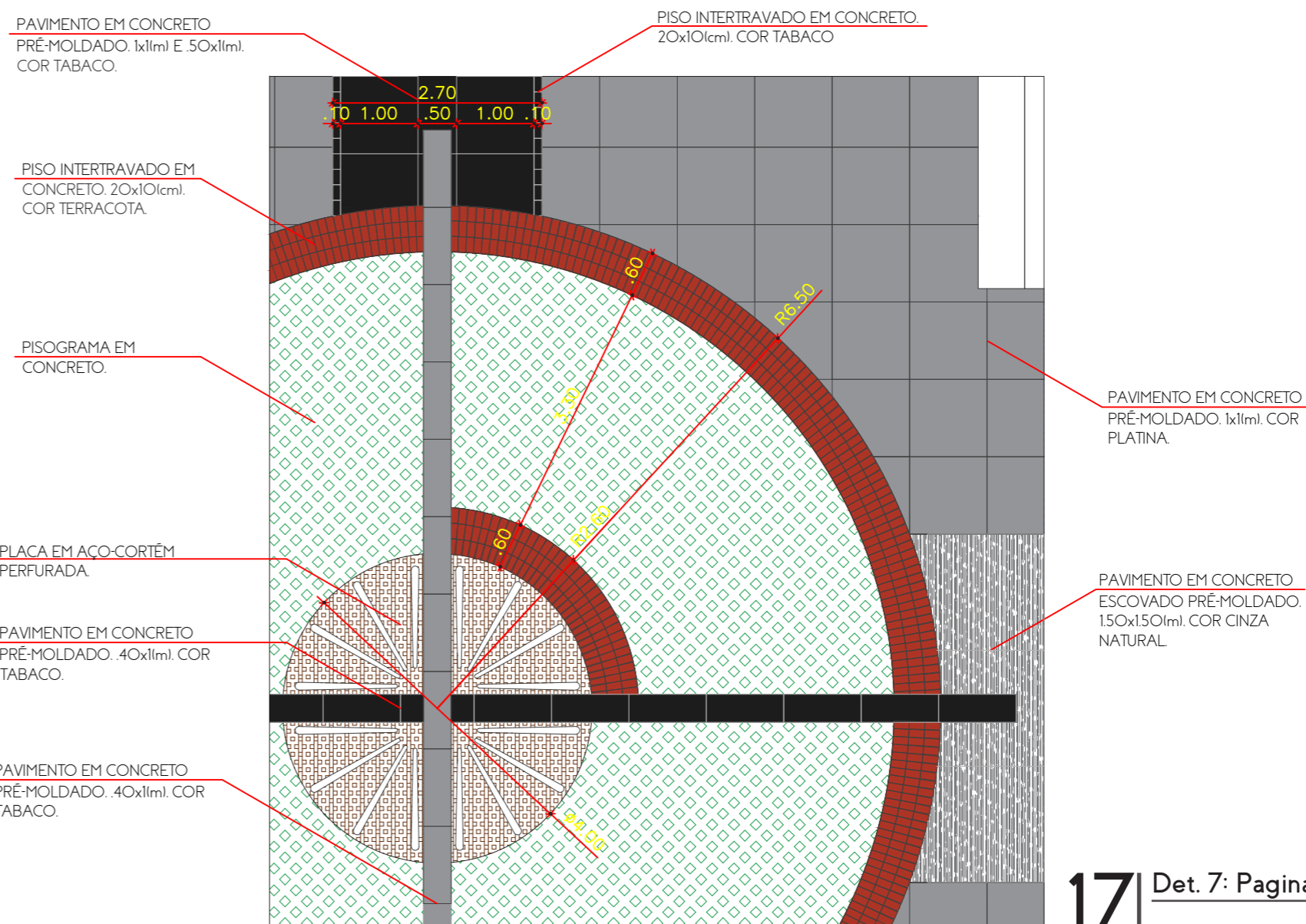
16 | Det. 6: Paginação 1/75

Toda a paginação será feita em placas pré-moldadas de concreto, segundo os tamanhos indicados nos detalhes, sendo elas todas removíveis, por questões de facilidade de execução e de substituição uma vez danificadas. Preocupando-se também com a questão de permeabilidade, designou-se que o nível mais baixo da praça, +25,59, fosse revestido por placas permeáveis, que permitem a passagem da água. Por ser o nível mais baixo e respeitar a declividade natural do terreno, naturalmente as águas escoarão para lá e serão drenadas.

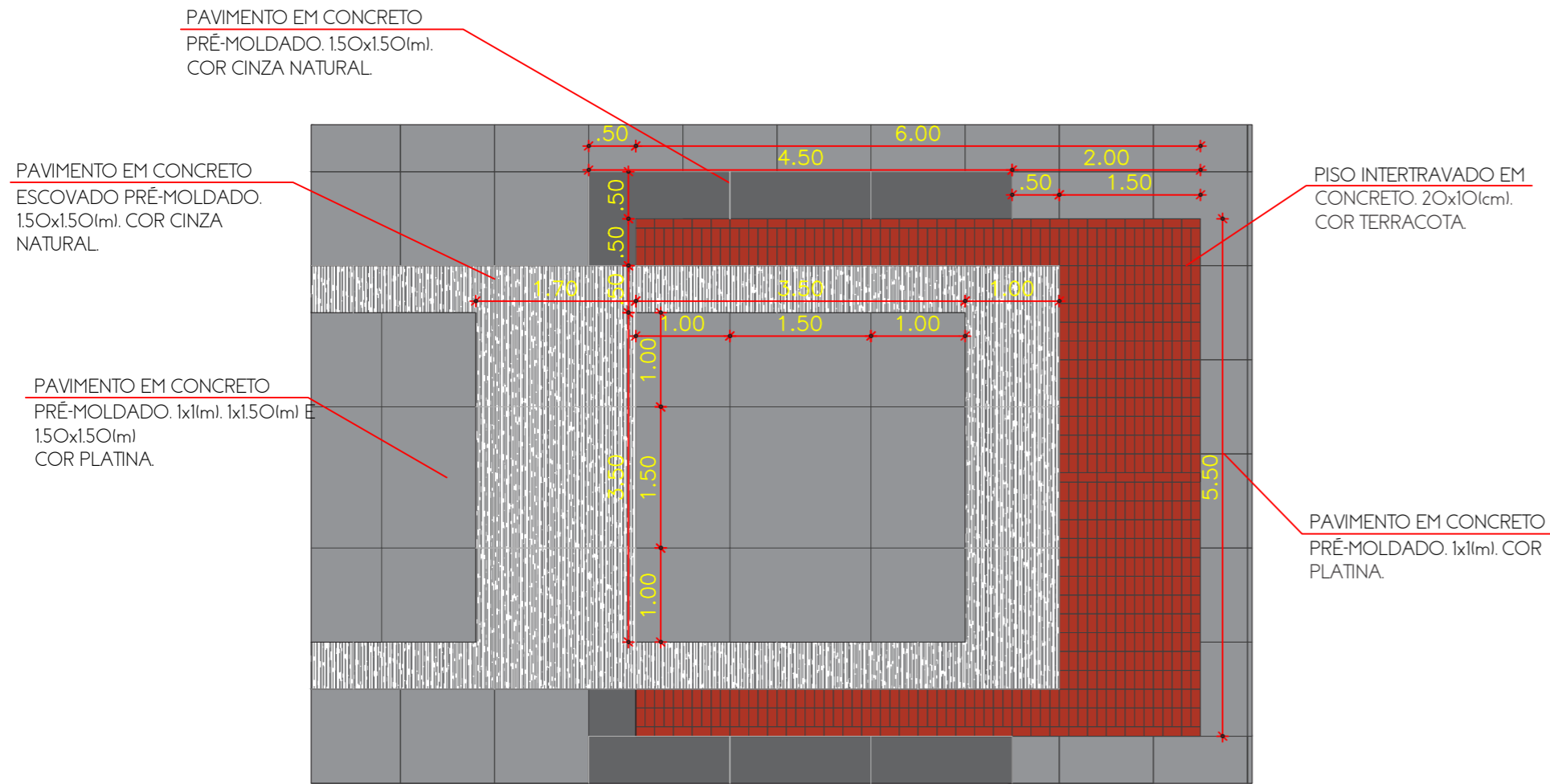
A fonte é simplesmente placas de aço corten perfuradas, de onde jorra água verticalmente. Buscou-se dessa forma criar uma fonte que não se tornasse um obstáculo e que pudesse ser mais interativa que contemplativa, tornando-se 'fonte' de diversão principalmente para crianças e cachorros.



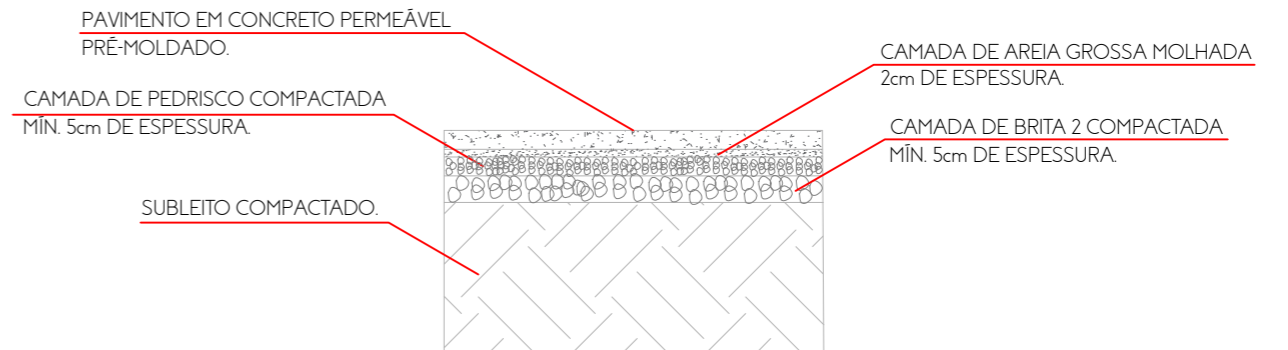
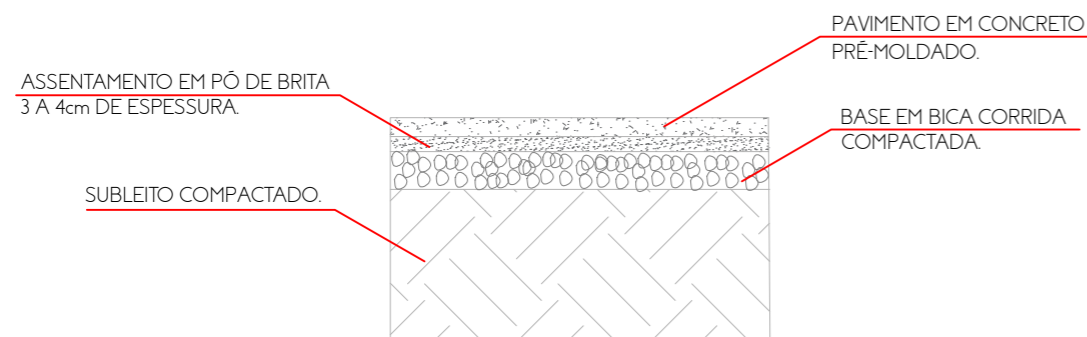
Perspectiva da rosa dos ventos e sua ligação à área de lazer contemplativo.



17 | Det. 7: Paginação 1/75



Vista do eixo principal em direção a av. Sabino Monte.



Acessibilidade

Um dos principais esforços dentro do projeto foi torná-lo **acessível**, de forma **eficiente e discreta**, fazendo do desenho universal parte integrante do processo e não um projeto *a posteriori* como usualmente se tem feito. A preocupação com a acessibilidade inicia-se na **escolha da pavimentação** da praça, feita em placas pré-moldadas, mais fáceis de garantir o nivelamento para o trânsito de cadeirantes. Mesmo as placas drenantes não apresentam dificuldades para cadeirantes.

Para a **rota acessível**, buscou-se primeiramente **integrá-la à paginação** da praça, fazendo com que ela a tangenciasse os eixos e delimitações. Desta forma, evitou-se que a rota se tornasse algo alienígena à paginação, correndo com naturalidade por entre os micro-espacos e perfazendo os percursos mais relevantes. A rota também dá **opções de chegadas** aos deficientes visuais, seja de ônibus, de carro, a pé, pelo acesso na avenida Sabino Monte ou na rua Tibúrcio Frota. Três mapas táteis são dispostos na praça, dois nos acessos já citados e um na edificação de apoio. A edificação de apoio também é sinalizada, levando o deficiente até os balcões de atendimento ou à vista de um atendente. Alguns trechos não possuem piso tátil direcional pois os equipamentos proveem **guias** mais eficientes, essas também devidamente sinalizadas e indicadas nos mapas.



Mapa Tátil



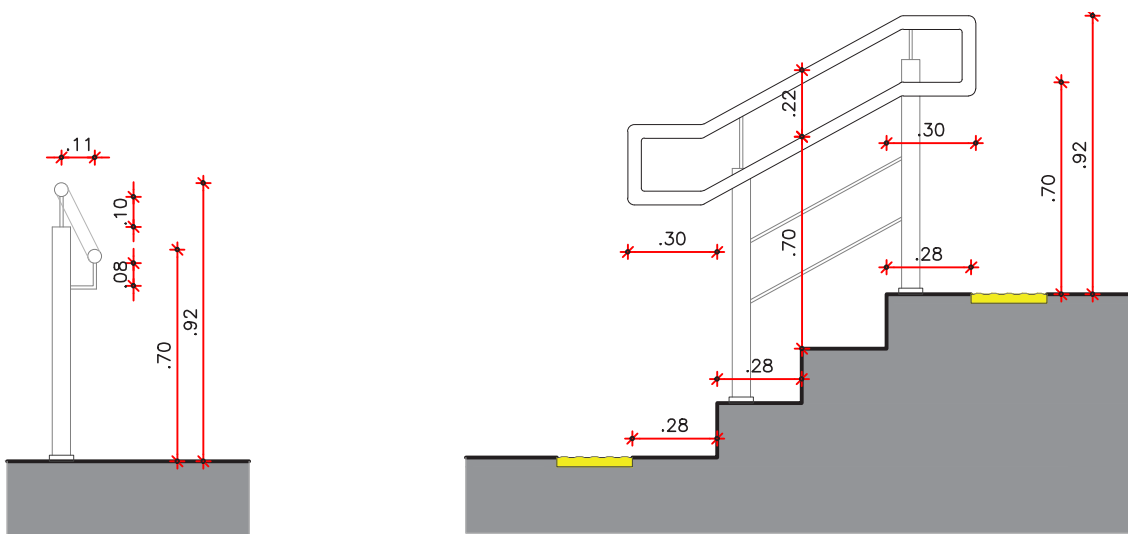
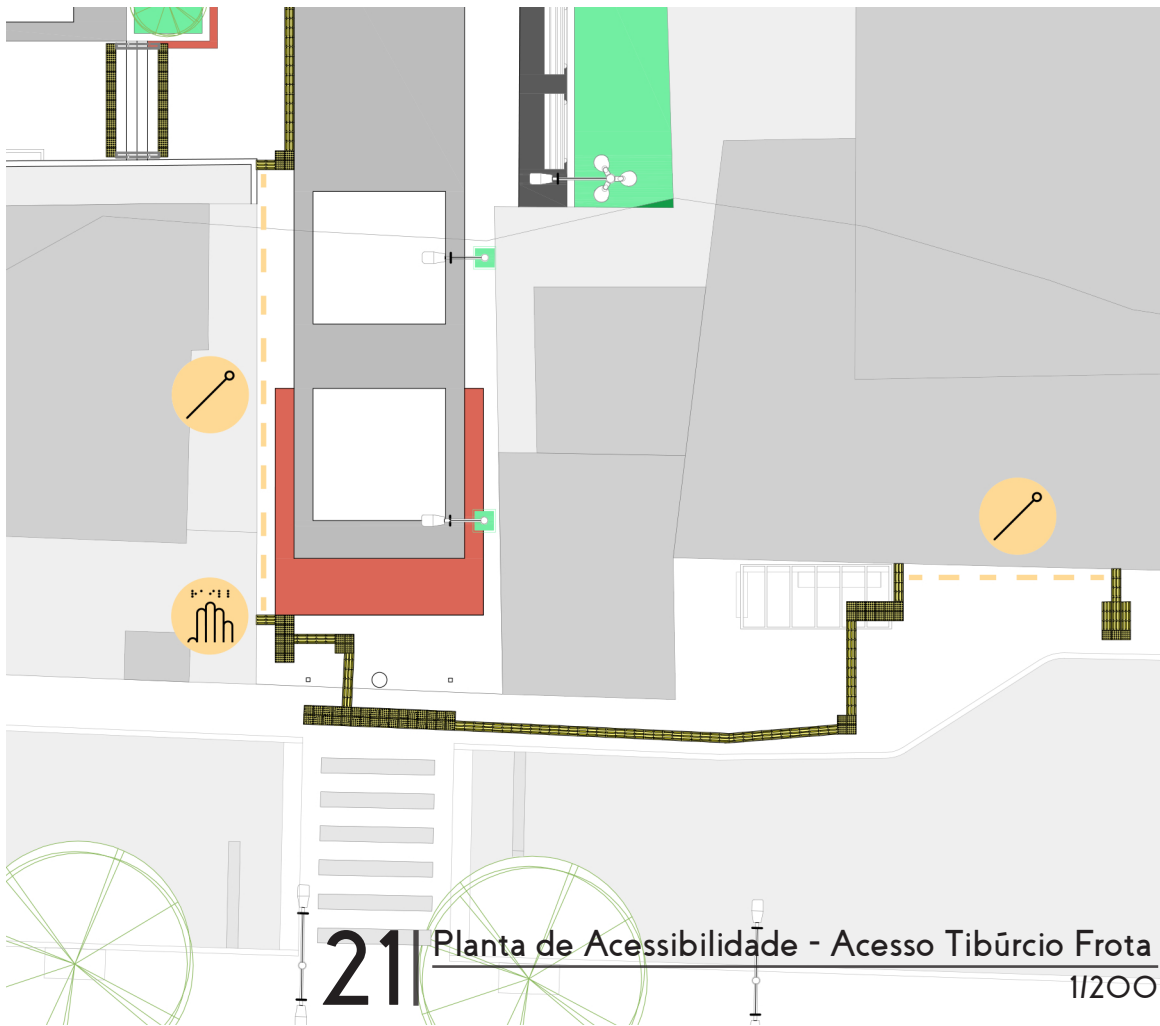
Guia

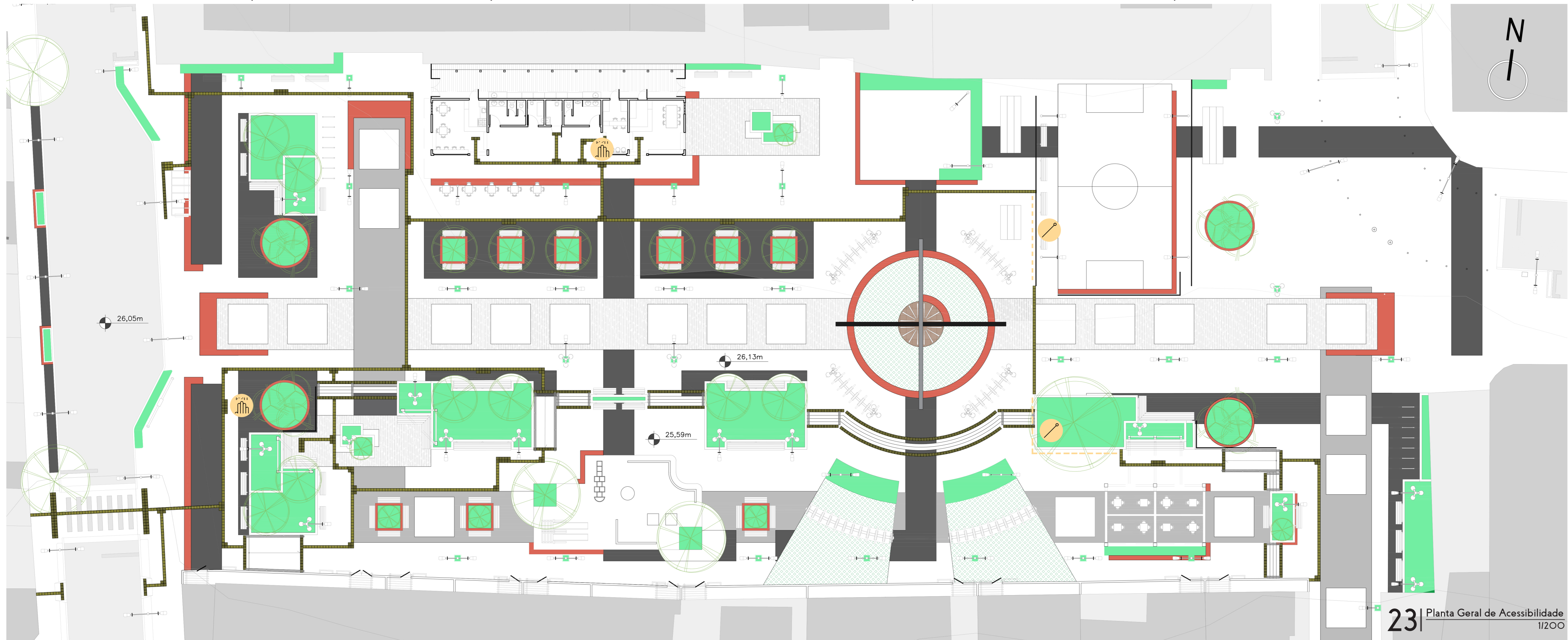


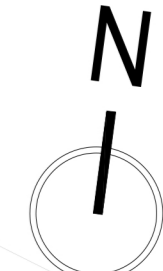
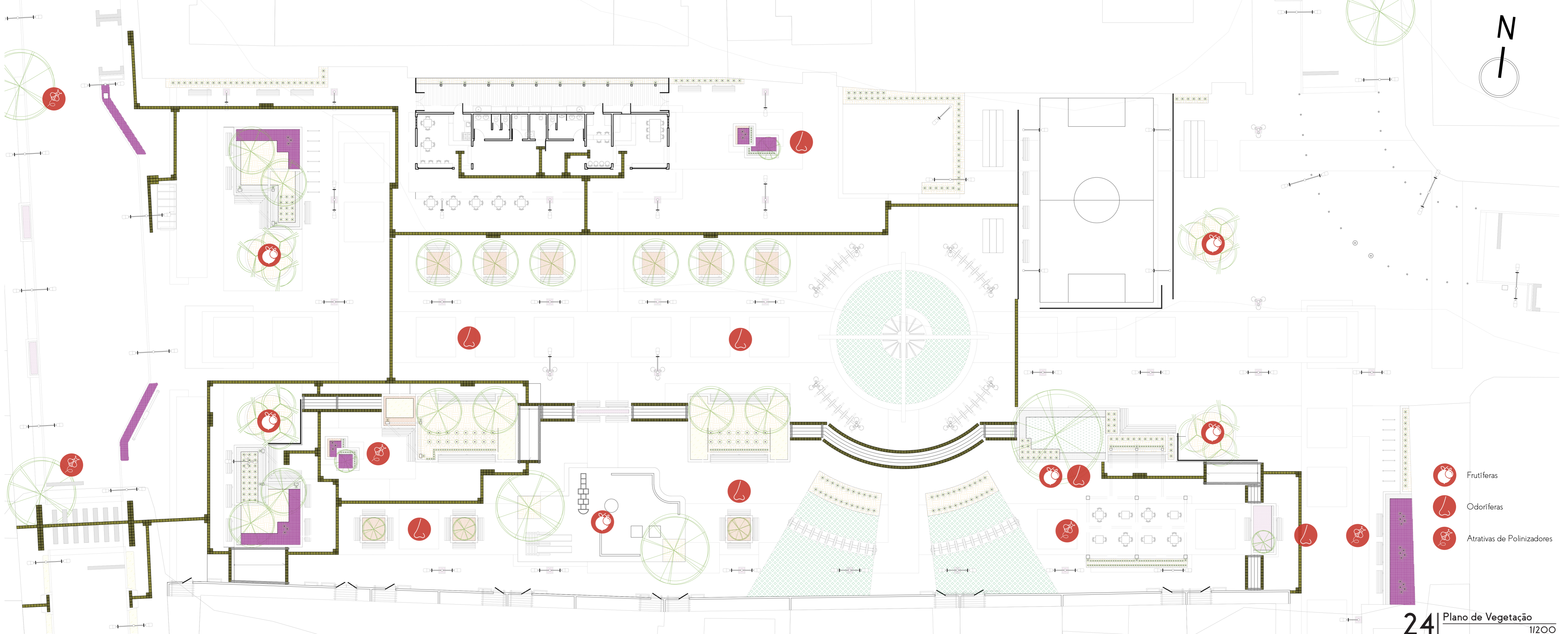
Percuso da Guia

Ademais, toda rampa e escada, mesmo que não acessíveis pela rota, são sinalizadas com piso tátil de alerta, como indica da **NBR 16 537**. Toda rampa e escada da praça têm dimensões e corrimãos dentro das normas da **NBR 9050**.

Porém, não restringindo o desenho universal a uma série de normas a serem seguidas, buscou-se, na escolha das espécies vegetais da praça, outros **estímulos sensoriais**. De forma que **espécies odoríferas, frutíferas e atrativa de polinizadores** pudessem criar espaços diferenciados para os deficientes visuais. **Sonoramente**, a praça também **se distingue de lugar a lugar**: mais próximo ou mais longe do tráfego de carros, na área de lazer ativo ou contemplativo, perto do parque infantil ou do espaço da melhor idade, tudo isso torna a praça **acessível não só no sentido de 'chegar lá'**, mas de **tomar parte do espaço urbano**.







-  Frutíferas
-  Odoríferas
-  Atrativas de Polinizadores

Escolha das Espécies

Foram escolhidas para praça 20 **espécies vegetais** para composição paisagística das jardineiras e canteiros e uma espécie específica para as ruas da Zona 20, totalizando 21. Buscou-se dar espaços especialmente para **árvores nativas** e **espécies xerófilas**, resistentes à escassez de água. As árvores todas são **adequadas à arborização urbana**, o que quer dizer que não tem raízes agressivas que poderiam danificar passeios e pavimentações.

Muito esmero foi empregado na composição das jardineiras, especialmente no seu **colorido**, havendo espécies de **florações** amarelas, azuis, vermelhas, brancas, lilases, etc. Outros sentidos também hão de ser estimulados com as espécies **frutíferas**, **odoríferas** e **atrativas de polinizadores**. Serão apresentadas as espécies indicando nome científico, nome popular, sigla e rápidas informações sobre elas, a fim de ilustrar cada uma delas e favorecer a compreensão dos desenhos técnicos.



Seixo Rolado Médio



Piçarra



Argila Expandida



fTRZ



fTUU



Arbusto



Árvore



Palmeira



fCAR



fZOJ



aZAP

Árvores de Grande Porte



(Foto: panoramio.com)

Cajueiro

Anacardium occidentale (aANO)

Nativa, Xerófila,
Frutífera.

Pau d' Arco Roxo

Handroanthus impetiginosus (aHAI)

Nativa,
Atrai Polinizadores,
Medicinal, Zona 30.



(Foto: Maurício Mercadante)



(Foto: sobasombradasarvores.wordpress.com)

Monguba

Pachira aquatica
(aPAA)

Odorífera, Frutífera.

Caraúba

Tabebuia aurea
(aTAA)

Nativa,
Medicinal, Zona 30.



(Foto: Acervo Pessoal)

Árvores de Médio Porte



(Foto: blogdaprofmary.blogspot.com.br)

Pau Branco

Auxemma onco-calyx (aAUO)

Nativa, Xerófila,
Odorífera, Medicinal.

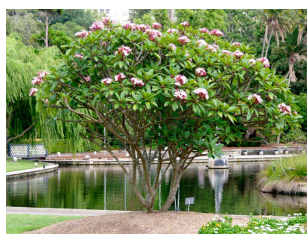
Cássia Imperial

Cassia fistula
(aCAF)

Xerófila, Medicinal,
Venenosa.



(Foto: Acervo Pessoal)



(Foto: gardensonline.com.au)

Jasmim-Manga

Plumeria Rubra
(aPLR)

Odorífera,
Venenosa.

Palmeiras

Carnaúba

Copernicia prunifera (pCOP)

Nativa, Xerófila,
Frutífera.



(Foto: Liza Gabriele)

Escandentes



(Foto: plantlust.com)

Bougainville

Bougainvillea glabra (tBOG)

Xerófila, Rústica.

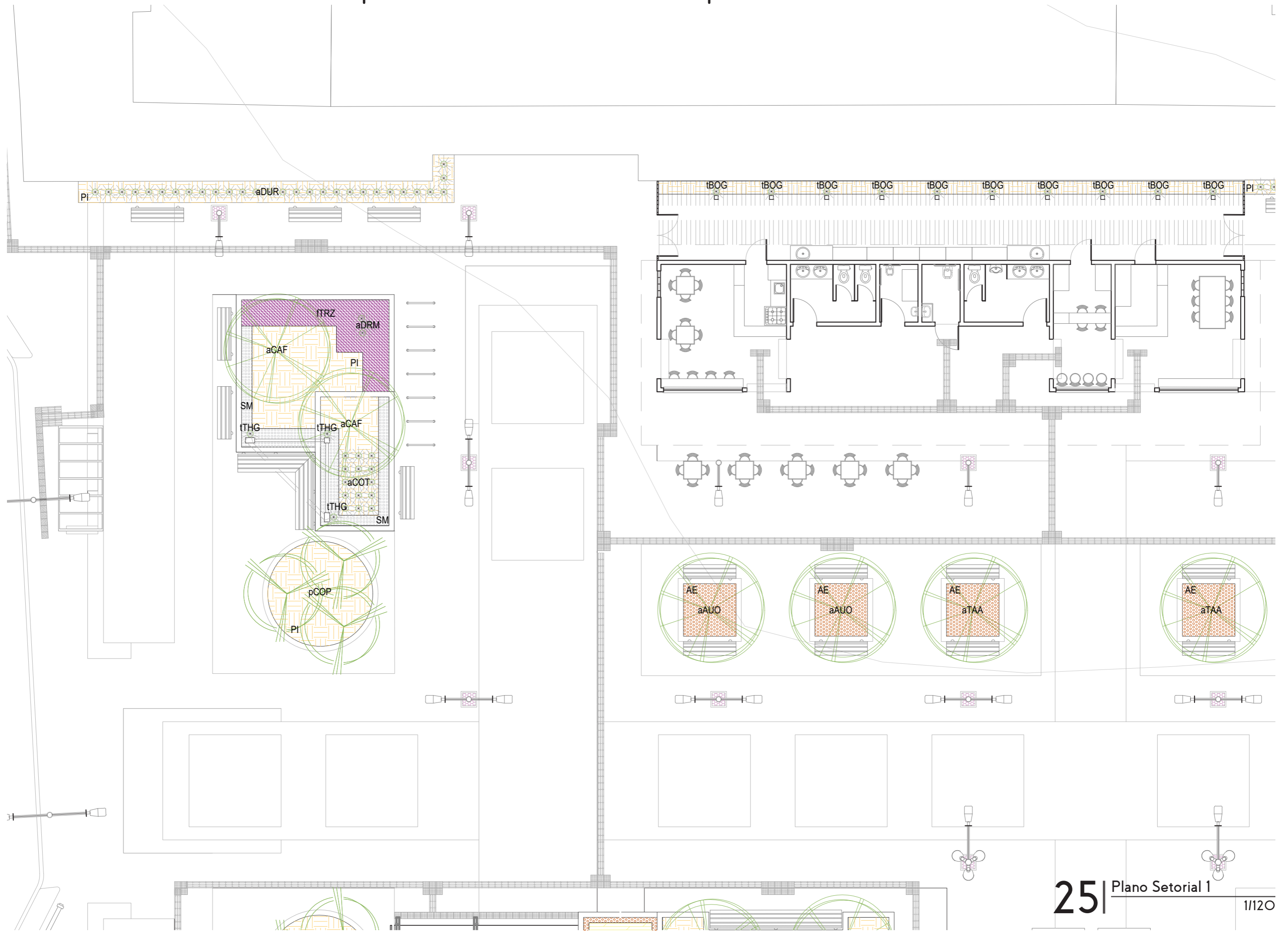
Tumbêrgia-Azul

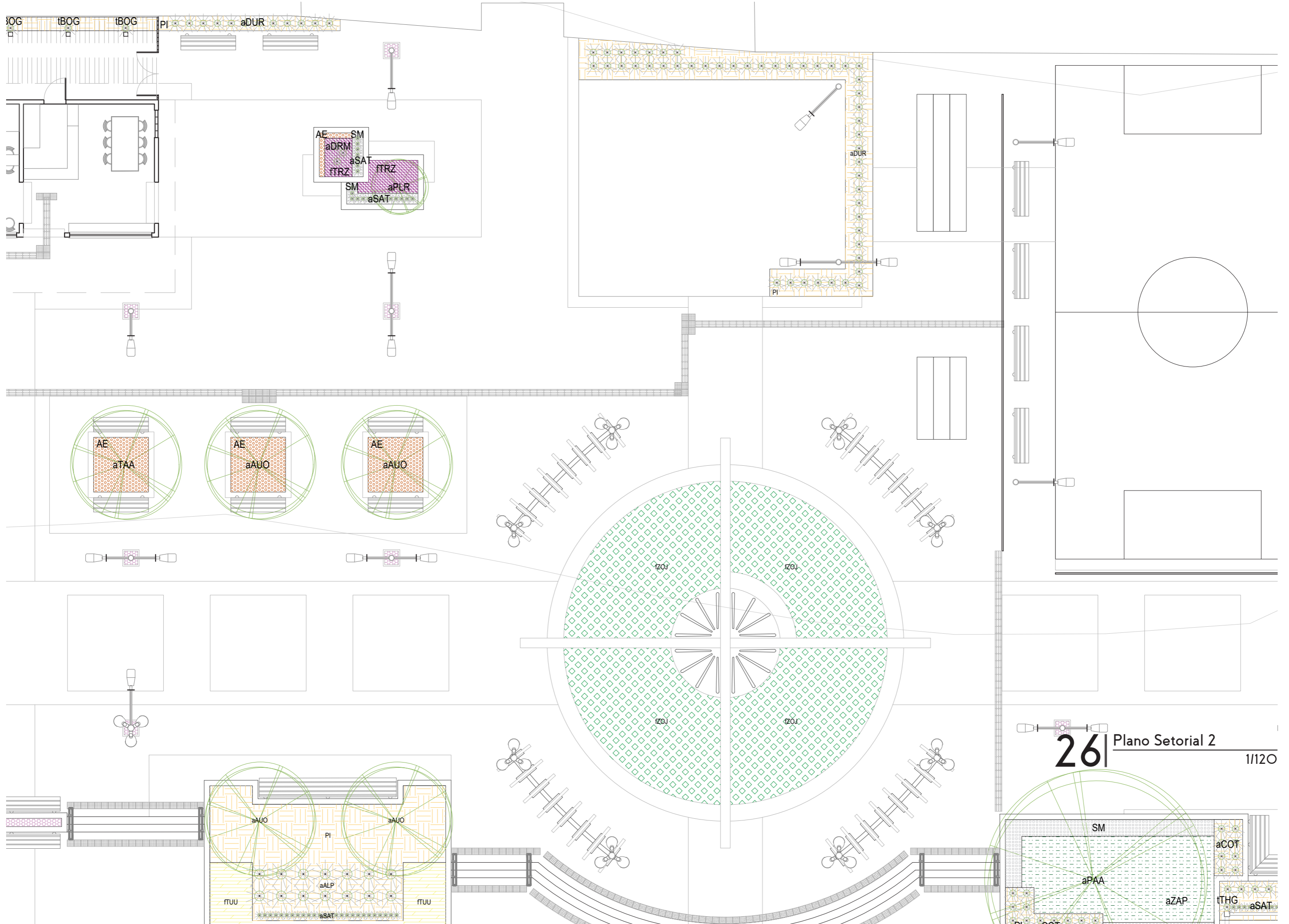
Thunbergia grandiflora (tTHG)

Atrai Polinizadores,
Rústica.



(Foto: 1005klahanie.wordpress.com)





Arbustos



(Foto: latin-wife.com)

Alpínia
Alpinia purpurata
(aALP)

Xerófila.

Cordilíne
Cordyline terminalis (aCOT)



(Foto: modosdeolhar.blogspot.com.br)



(Foto: garden.org)

Pingo d' Ouro
Duranta repens
'aurea' (aDUR)

Dracena Verde e Amarela
Dracaena fragrans
(aDRF)

Atrai Polinizadores,
Venenosa.



(Foto: luirig.altervista.org)



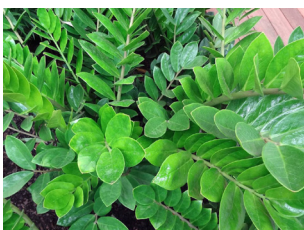
(Foto: Tara Bomhof)

Dracena Coqueirinho
Dracaena marginata (aDRM)

Espada de São Jorge
Sansevieria trifasciata (aSAT)



(Foto: plantsrescue.com)



(Foto: Cristina Braga)

Zamioculca
Zamioculcas zamiifolia (aZAP)

Venenosa.

Forrações

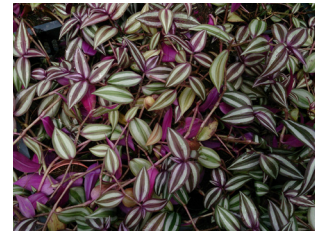


Boa-Noite
Catharanthus roseus (fCAR)

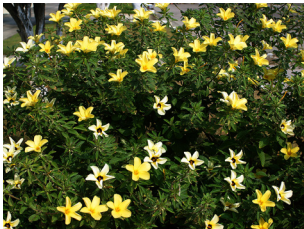
Crescimento espontâneo.

(Foto: gardensonline.com.au)

Zebrina
Tradescantia zebrina (fTRZ)



(Foto: commons.wikimedia.org)



Chanana
Turnera ulmifolia (fTUU)

Crescimento espontâneo.

(Foto: latin-wife.com)

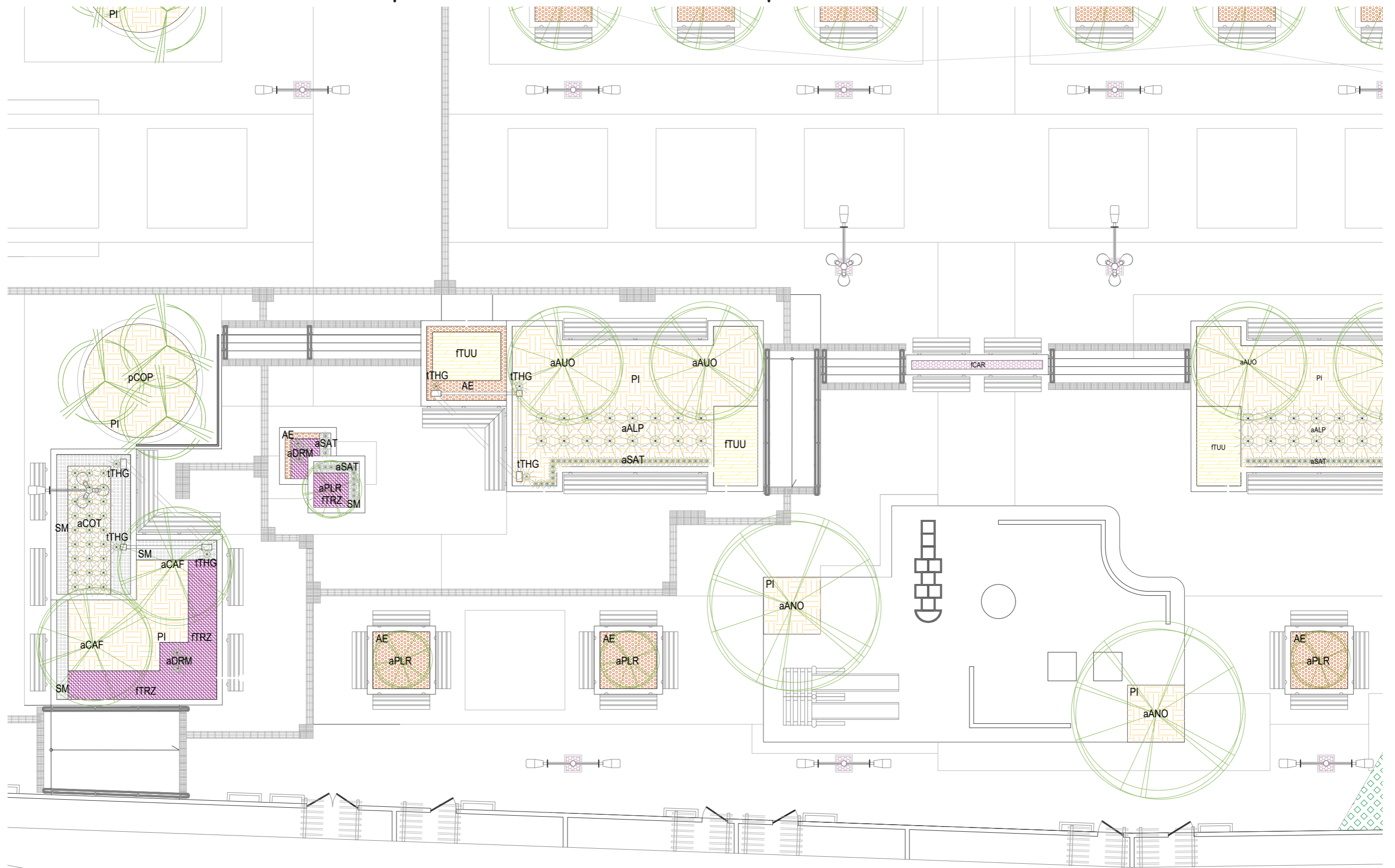
Grama Esmeralda
Zoysia japonica (fZOJ)

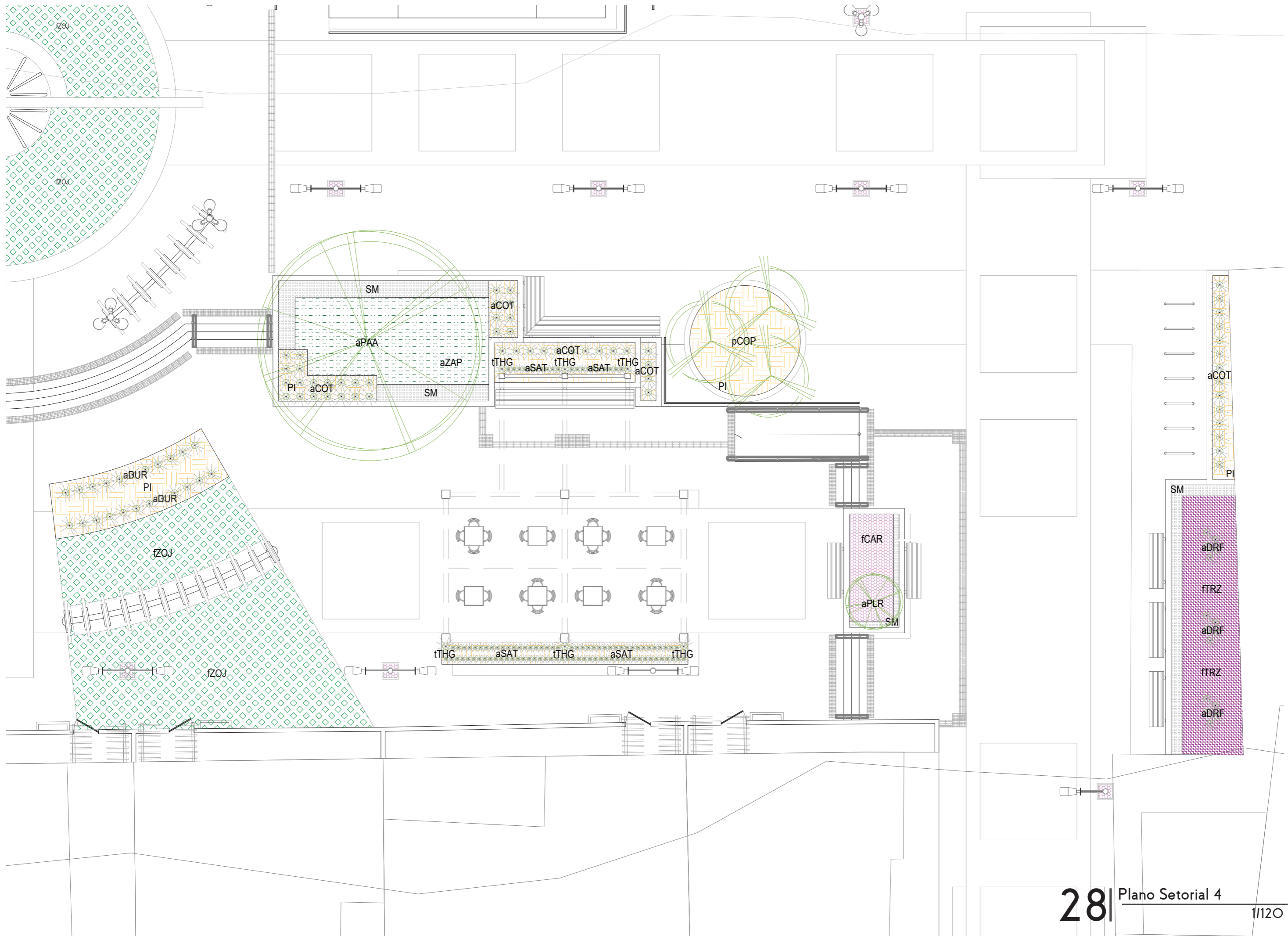


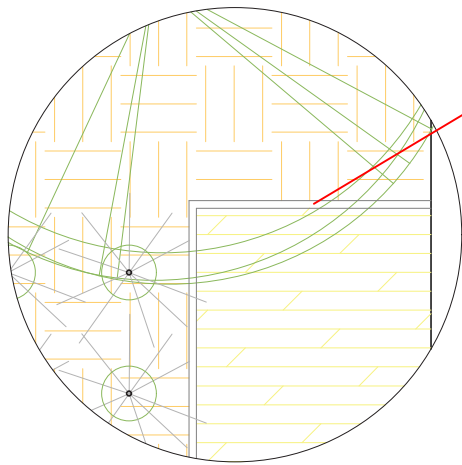
(Foto: v-ter.com)



Jardineira vista desde a área de lazer contemplativo.



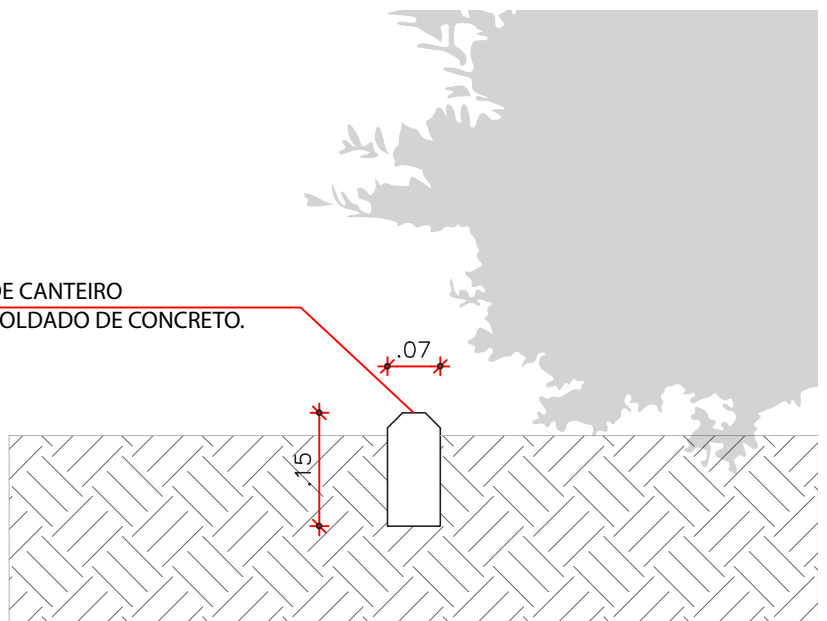




DIVISOR DE CANTEIRO
PRÉ-MOLDADO EM CONCRETO.

29 | Det. 10: Divisor de Canteiro
1/25

DIVISOR DE CANTEIRO
EM PRÉ-MOLDADO DE CONCRETO.



30 | Det. 11: Corte Divisor de Canteiro
1/25

Micro-espços

Para que a praça não fosse simplesmente um espao livre genérico, foram projetados micro-espços, capazes de trazer consigo uma **identidade prpria** e de **compor a identidade da praça** como um todo. Esses espços geram **pontos de encontro especficos** dentro da rea da praça e tornam a praça em si mais rica, por ser mais diversificada.

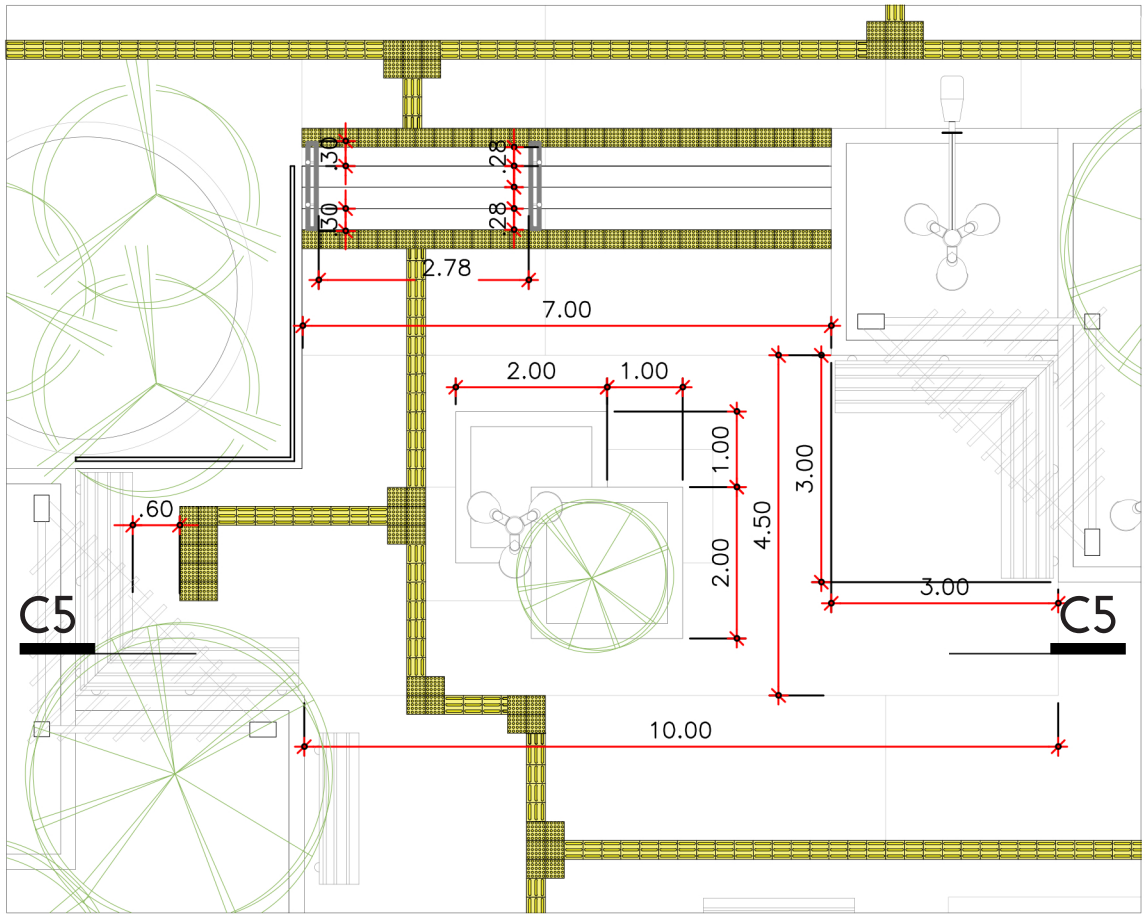
Detalharemos com mais esmero quatro desses micro-espços: o lazer contemplativo, o espao da melhor idade, o parque infantil e a edificao de apoio.

Lazer Contemplativo

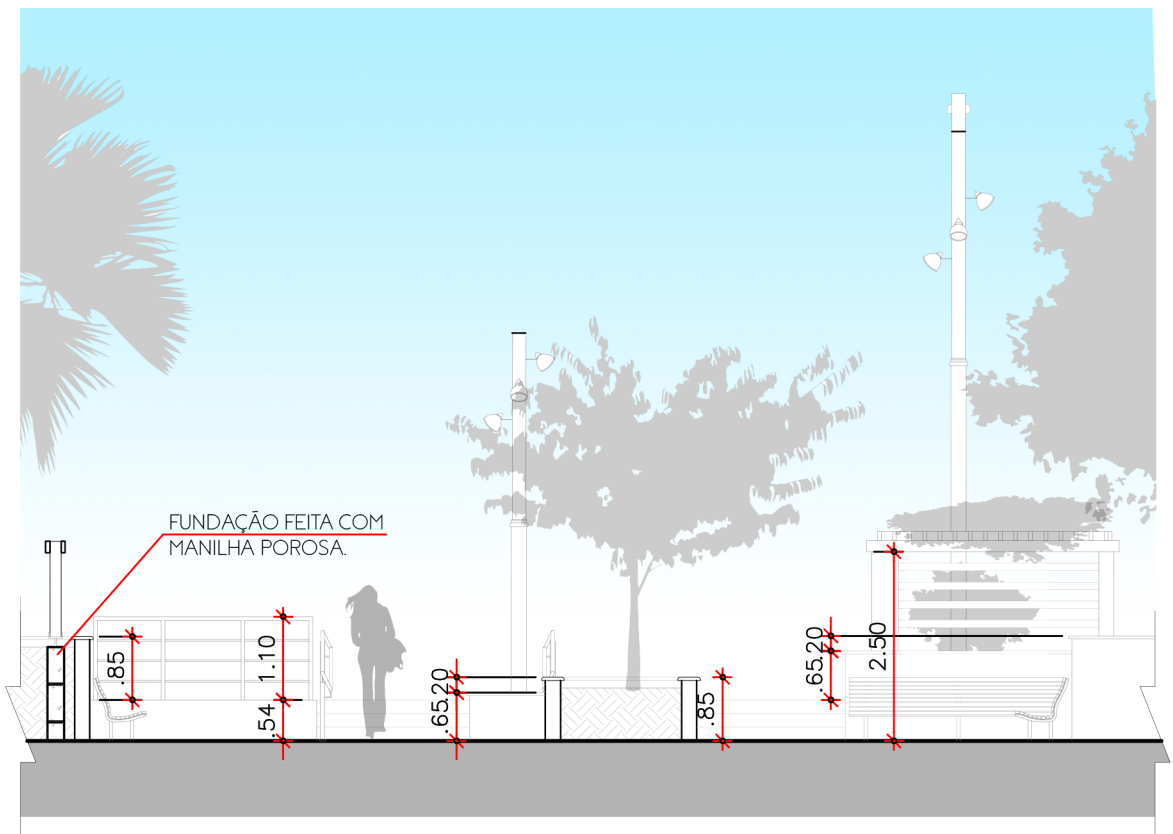
Esse micro-espao se repete com o mesmo padro uma vez mais na praça, contguo a edificao de apoio. Trata-se de um espao com bancos e uma jardineira central, demarcado pela paginao. Seu intuito e ser um local de **espera agradvel**, podendo naturalmente tambm ser local de permanncia, pois seus bancos em L permitem o encontro de pequenos grupos. O olhar e direcionado para a jardineira central como foco contemplativo.



Lazer Contemplativo entre pergolados.



31 | Planta Lazer Contemplativo
1/100



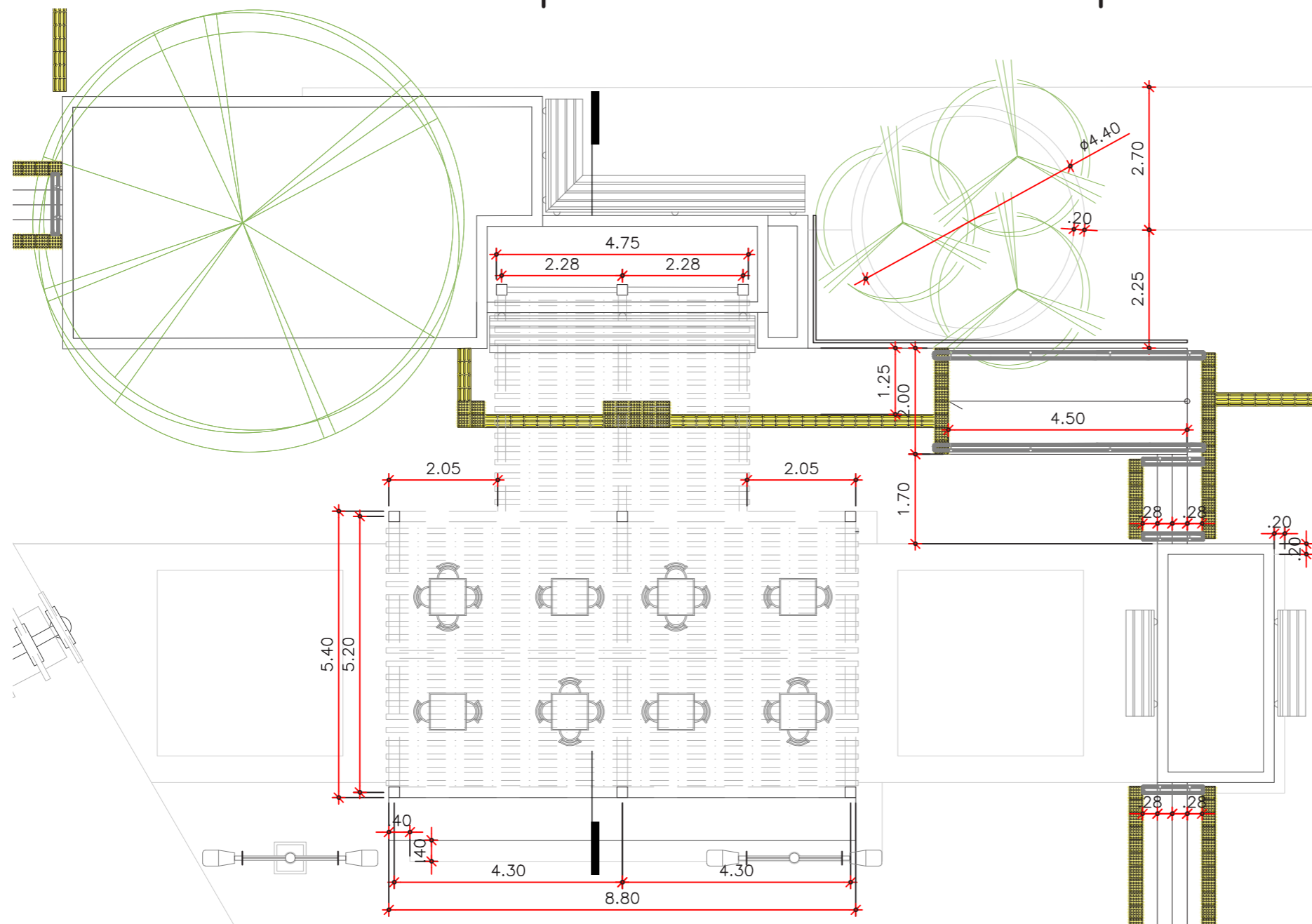
32 | Corte 5: Lazer Contemplativo
1/100

Espaço da Melhor Idade

Como mostrado no capítulo 1, quando foi falado sobre os dados demográficos do bairro (pág. 32) e de acordo com as entrevistas feitas antes do início do projeto, o bairro está envelhecendo. Urgia, portanto, criar um micro-espço próprio e agradável para os mais idosos, sem contudo, segregá-los do resto da praça. O pergolado e a sombra da monguba criam um microclima agradável, propiciando a permanência e o 'jogar de conversa fora' tão apreciado por pessoas dessa idade.



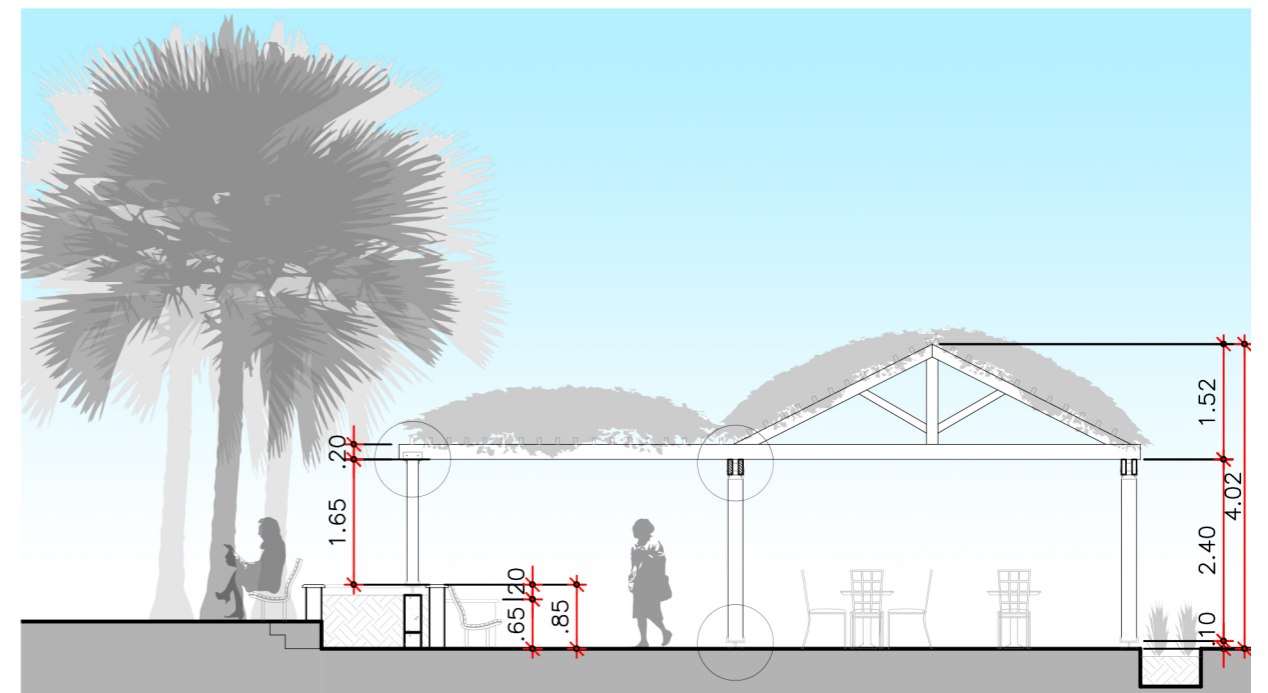
Sombra do pergolado às 14h no Espaço da Melhor Idade.

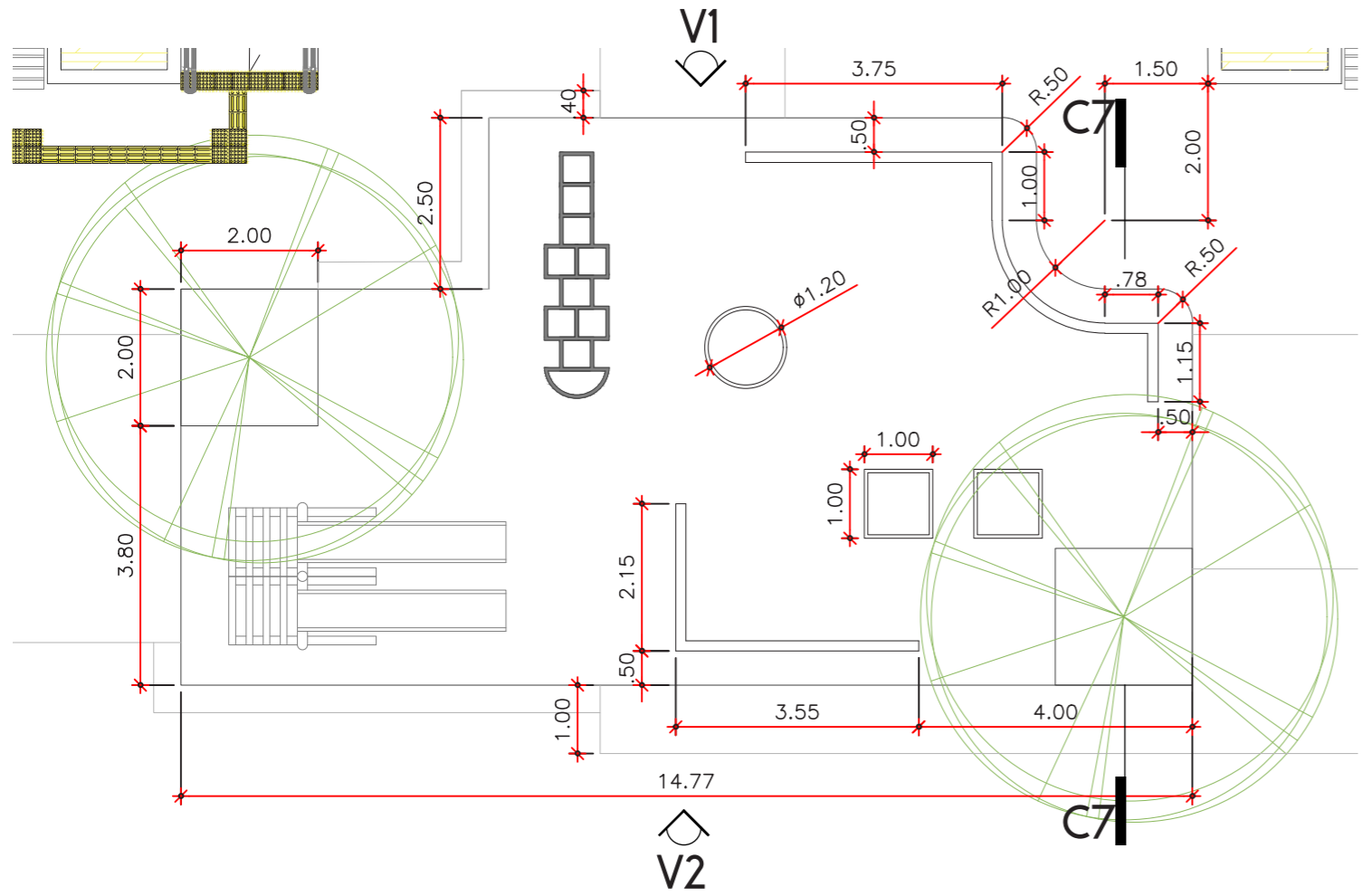


Espaço da melhor idade, acessibilidade facilitada.

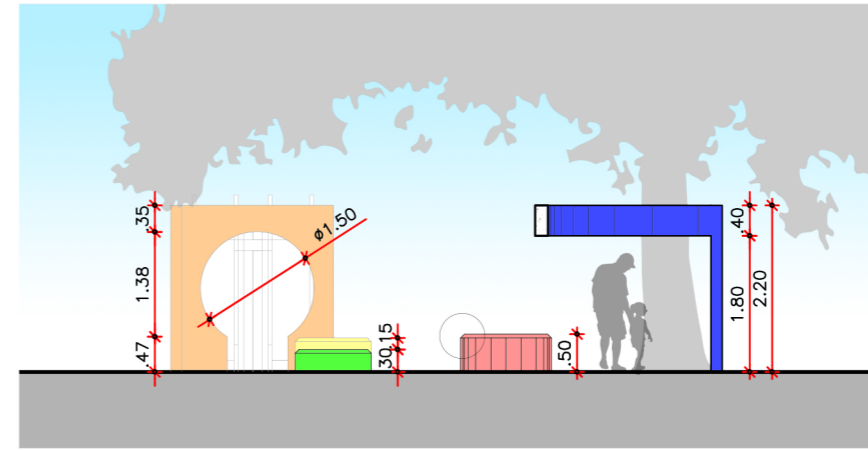
33 | Planta Esp. da Melhor Idade
1/100

34 | Corte 6: Esp. da Melhor Idade
1/100

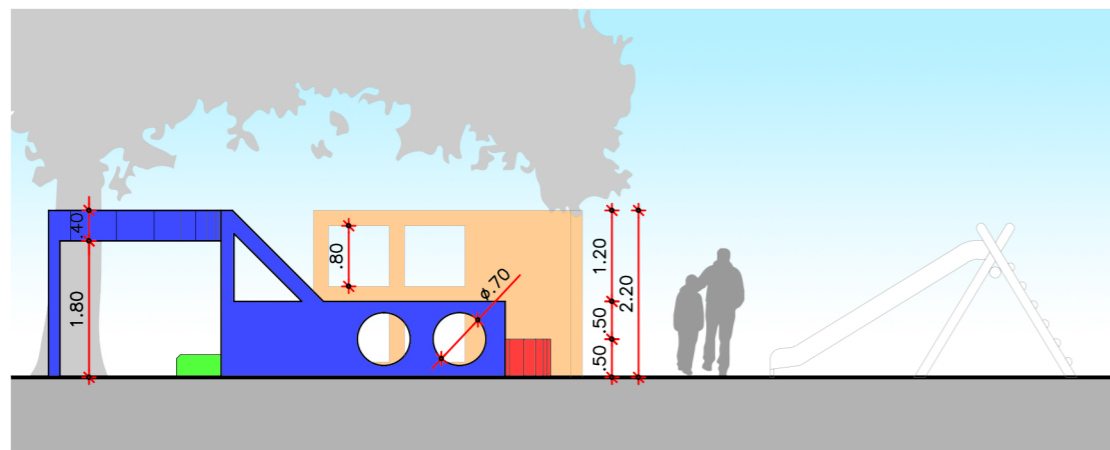




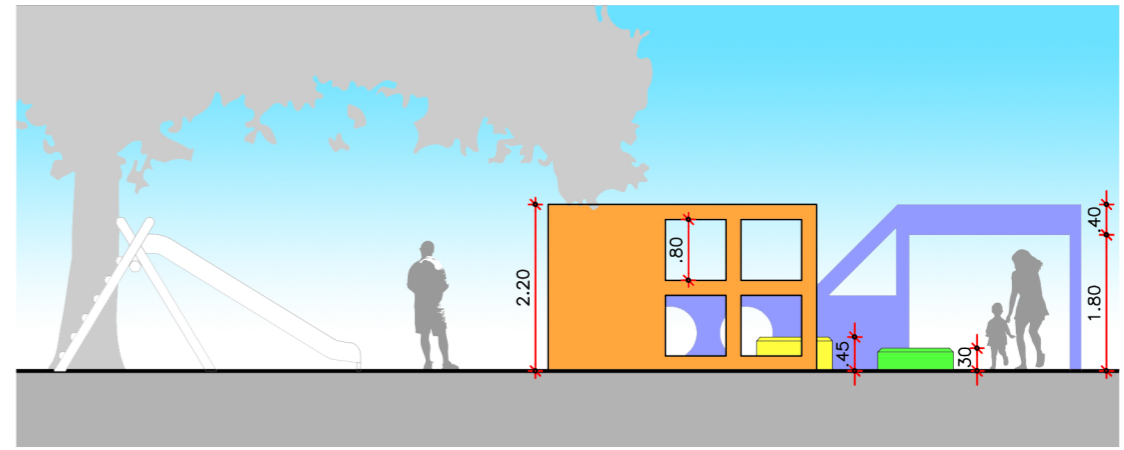
35 | Planta Parque Infantil
1/100



36 | Corte 7: Parque Infantil
1/100



37 | Vista 1: Parque Infantil
1/100



38 | Vista 2: Parque Infantil
1/100

Parque Infantil

Uma das coisas citadas na reportagem de 1981 era a falta de um Parque Infantil, de forma que esse micro-espço não poderia ficar fora do programa da praça. Optou-se por trabalhar mais com formas lúdicas do que com equipamentos padrões de parquinhos. Uma tentativa de incentivar a inventividade e imaginação infantil, transformando as paredes vazadas e plataformas em castelo, muralha, portal, o que quer que as pequenas mentes forem capazes de pensar. A simplicidade desses 'brinquedos' permitiria mesmo que crianças cadeirantes pudessem tomar parte da brincadeira, deixando mesmo o parquinho acessível.



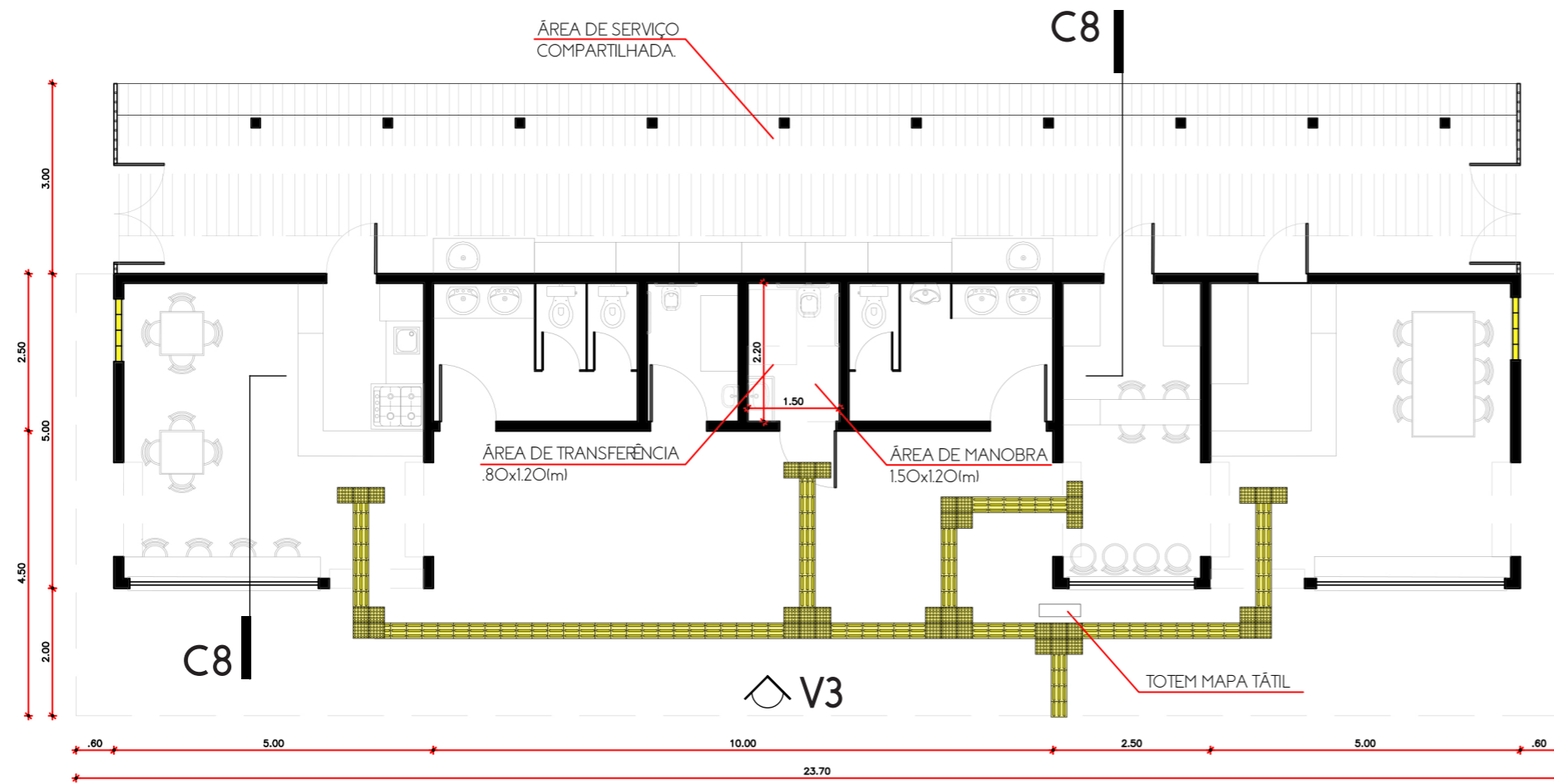
Parque Infantil à sombra dos cajueiros.

Edificação de Apoio

Esta edificação reúne alguns serviços que estimulam sobretudo a visita e a permanência na praça. Além de banheiros e bebedouros e uma pequena 'administração', onde poderiam ser solicitadas bolas para uso na quadra e onde se guardariam as cadeiras móveis para uso no espaço de lazer contemplativo contíguo, lanchonete e uma loja de jardinagem seriam atrativos singelos para a praça. Todos esses equipamentos dividem uma área de serviço compartilhada, coberta por bougainvilles, que eventualmente seriam visíveis desde a fachada principal. As caixas d'água verticalizam um pouco a edificação e auxiliariam na leitura do espaço.



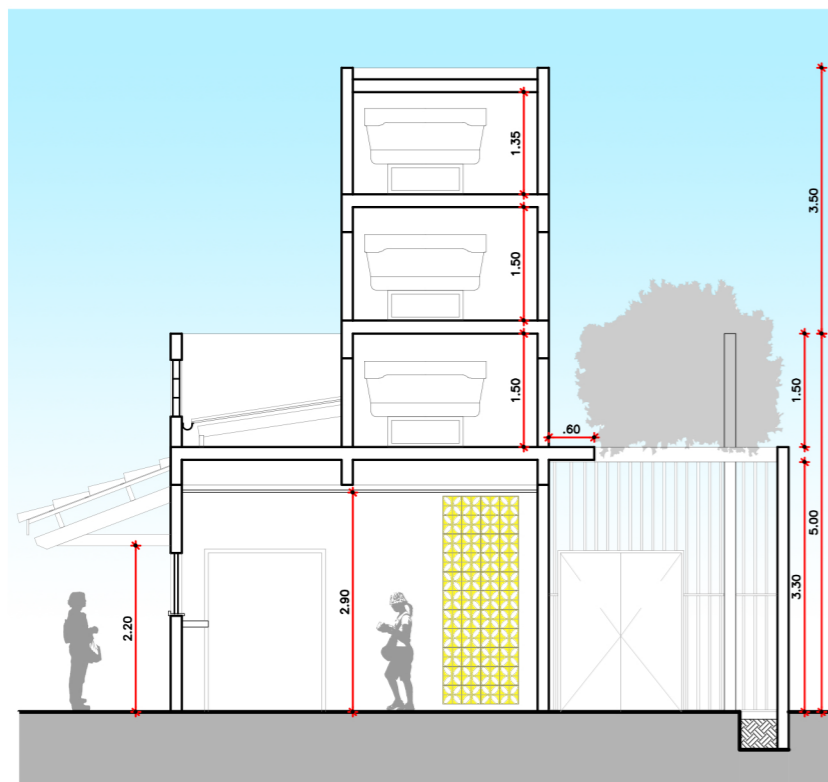
Chegada à edificação de apoio através da rota acessível.



39 | Planta Edificação de Apoio
1/100



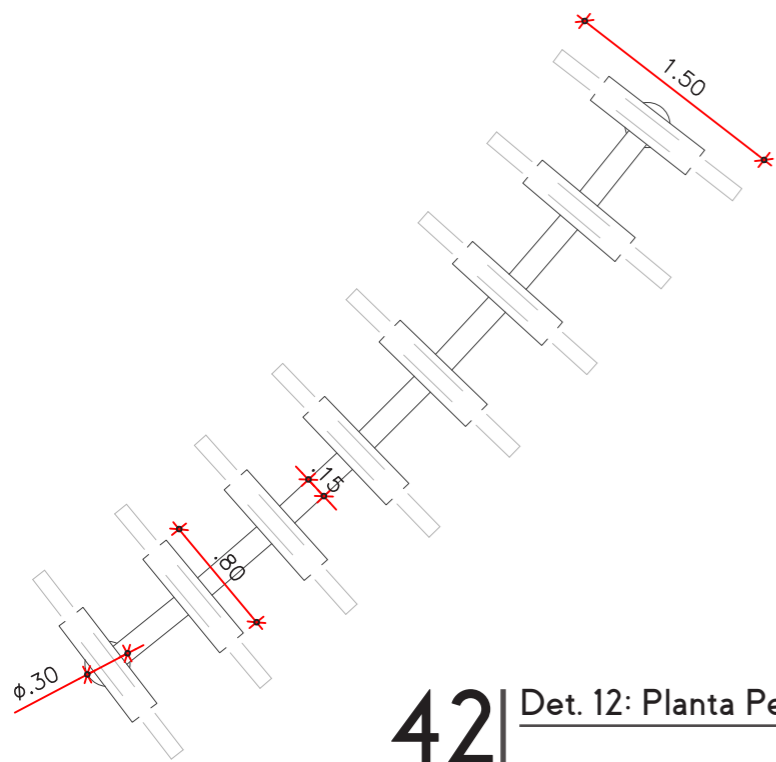
Espaço contemplativo ao lado da edificação de apoio, propício ao uso de mobiliário móvel.



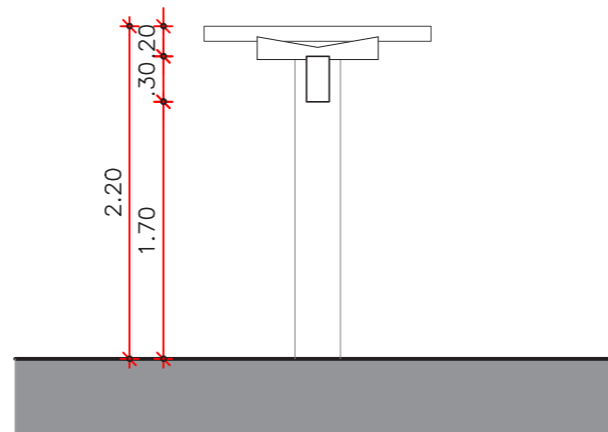
40 | Corte 8: Edif. de Apoio
1/100



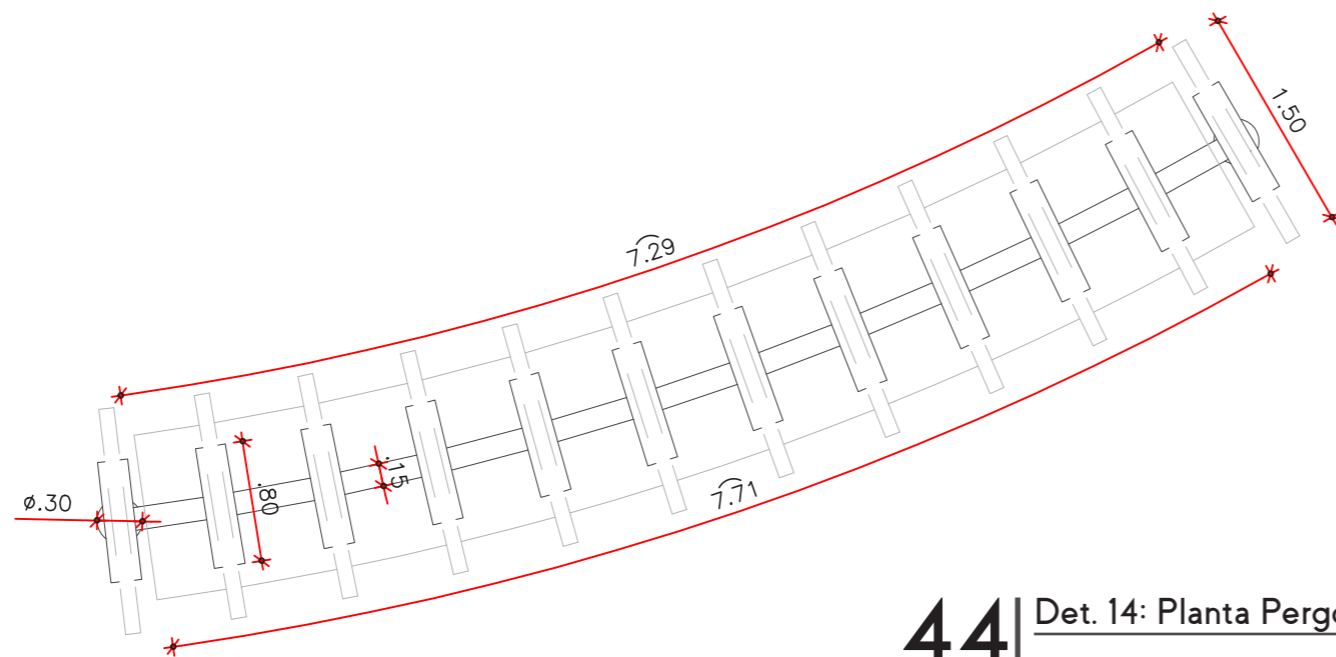
41 | Vista 3: Edif. de Apoio
1/100



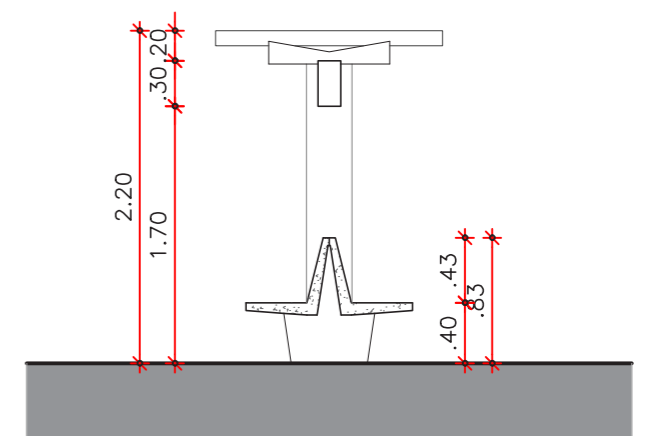
42 | Det. 12: Planta Pergolado 1
1/50



43 | Det. 13: Corte Pergolado 1
1/50



44 | Det. 14: Planta Pergolado 2
1/50



45 | Det. 15: Corte Pergolado 2
1/50

Outros Detalhes

Além desses quatro micro-espços já mostrados, serão apresentados também pequenos arremates que completam os desenhos da praça.

Pergolados em Concreto

A rosa dos ventos no centro da praça é delimitada por pergolados em concreto que acompanham a curva da paginação, isso cria também um micro-espço diferenciado. A força desse traço na praça se expande da área de lazer ativo para área de lazer contemplativo, marcada também pelo pergolado, este com bancos, reforçando que faz parte da parte contemplativa e de permanência.



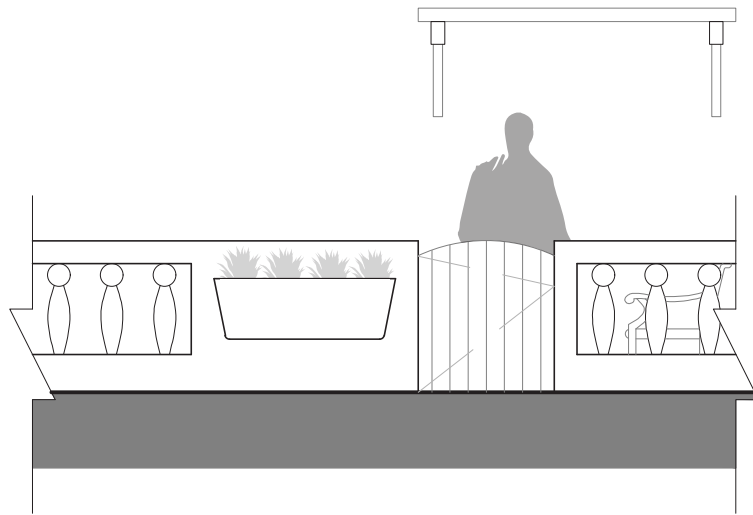
Perspectiva dos pergolados da rosa dos ventos desde a área de lazer contemplativo.

Interface Praça-Lote

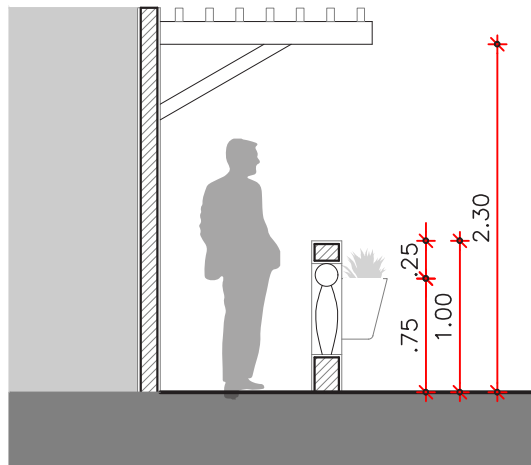
No lado sul, onde está o lazer contemplativo, a praça termina nos fundos dos lotes que tem frente na rua Tibúrcio Frota. Propõe-se que esses lotes virem-se também para a praça e como incentivo para tal, uma faixa de 1,20m do terreno da praça foi cedida aos lotes, a fim de executar essa interface proposta. Os desenhos mostram o comprimento mínimo da interface, feita basicamente com uma meia parede, balaustradas - que são comuns no bairro, reforçando assim a pertença a ele -, pergolados em madeira, e pequenas jardineiras - para que cada morador pudesse personalizar sua nova entrada com as espécies de sua preferência.



Interface entre a praça e os lotes lindeiros.



46 | Det. 16: Vista Interface
1/50



47 | Det. 17: Corte Interface
1/50



Chegada desde a av. Sabino Monte. Pórtico de carnaúbas.



Perspectiva do eixo cetral, pórtico de entrada e renque de paus-branco.



Chegada desde a av. Sabino Monte. Pórtico de carnaúbas.



Perspectiva do eixo central, pórtico de entrada e renque de paus-branco.



Proximidade entre parque infantil e a edificação de apoio.



Quadra de esportes e bancos de reserva.



Banco em L, propiciador do encontro, entre a quadra e o espaço da melhor idade. Proximidade.



Sombra da monguba no banco em L, proximidade da fonte e da quadra.



Fonte no centro da praça, compondo a rosa dos ventos.



Perspectiva do eixo principal, bancos sombreados.



Pórtico secundário de caraúbas, presentes em toda zona 30.



Bicicletário e eixo secundário da chegada na rua Tibúrcio Frota.

Conclusão

Considerações Finais e Referências



Encerra-se aqui esse trabalho que buscou através de um programa há muito desejado pela população, resolver problemas mais profundos do bairro, tratando seu espaço urbano e tornando-o mais legível aos seus moradores e visitantes. Tentou-se ao máximo trazer informações e reflexões novas ao leitor acerca do bairro e da prática do desenho urbano, principalmente. Os muitos estudos sobre a paisagem, a tipologia de praça, a escala humana, o desenho universal, estão todos condensados e apresentados no projeto em si. Foi proposta uma praça genérica, para fazer tudo - esportes, refeições, se locomover - e para fazer nada. Sobretudo, nada. Jogar conversa fora, namorar, contemplar, ver o tempo passar vagaroso como ele passa pelo Tauape. Interessante notar que o projeto, de alguma forma, resgatou a tipologia de praça como espaço negativo, entre outros lotes, resguardado do tráfego, onde a pessoa é o ator principal. Sendo essas pessoas, que moram, que passam, que visitam o São João do Tauape, as contempladas primordialmente nesse projeto.

Referências Bibliográficas

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. 2.ed. São Paulo, SP: Senac São Paulo, 2006.

ABNT NBR 9050. **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Terceira edição, 2015.

ABNT NBR 16537. **Acessibilidade – Sinalização tátil no piso: Diretrizes para elaboração de projetos instalação, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Primeira edição, 2016

ALEX, Sun. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. São Paulo, SP: Senac São Paulo, 2008.

BRASIL, Glaurícia et al. **Cartografia da Criminalidade e da Violência na Cidade de Fortaleza**. Fortaleza, 2010.

GEHL, Jan. **Cidade para Pessoas**. São Paulo, SP. Perspectiva, 2013.

GRUB, Hermann. **Ajardinamientos urbanos: límites; plazas y caminos; pérgolas; emparrados y cenadores; agua; animales; juegos; zonas multifuncionales; huertas; plantas; vegetación en fachad**. Barcelona: Gustavo Gili, 1986.

HAYEK, Frederich. **O uso do conhecimento na sociedade**, 2013. Disponível em:
<<http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=1665>>. Acesso em 06 de Dezembro de 2016.

IPECE. **Informe No 66: Caracterização Espacial dos Homicídios Dolosos em Fortaleza**. Fortaleza, 2013

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo, SP. Martins Fontes, 2000.

LABVIDA-UECE. **Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza: Perfil da SER II.** Fortaleza, 2011.

LERNER, Jaime. **Acupuntura Urbana.** Rio de Janeiro, RJ. Ed. Record, 2011.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade.** Sao Paulo: Liv. Martins Fontes, 1997.

MONTENEGRO, Nadja G.S. Dutra; SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto; SOUSA, Valdemice Costa de. **Guia de Acessibilidade: Espaço Público e Edificações.** 1 ed. Fortaleza: SEINFRA-CE, 2009.

OPOVO, Jornal. **Acervo do Jornal OPovo.**

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Desenvolvimento Urbano por Bairro. em Fortaleza.** Fortaleza, 2013.

SERRA, Josep Ma. **Elementos urbanos: mobiliario y microarquitectura = Urban elements : furniture and microarchitecture.** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1996.

SILVA, Adriana Gerônimo Viera. **Movimento Popular na Comunidade do Lagamar: trajetória de lutas vivas no presente e na memória.** Fortaleza, 2015.

TEIXEIRA, Maria. **Conceitos Contemporâneos sobre Planejamento Urbano. Desenho Urbano e sua Relação.** Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, v.20, n.26, 1º sem. 2013

Referências Fotográficas

Vila Olímpica Rio 2016 (Foto: André Motta/brasil2016.gov.br). Disponível em: <<http://www.brasil2016.gov.br/pt-br/olimpiadas/instalacoes/vila-olimpica>> Acesso em nov. 2016.

Battery Park City (Foto: freshindependence.com). Disponível em: <<http://freshindependence.com/riley-etheridge-jr-battery-park-city-new-york/>> Acesso em nov. 2016.

BRT Curitiba (Foto: museumofthecity.org). Disponível em: <<http://www.museumofthecity.org/liinha-verde-brt-curitiba-est-marechal-floriano/>> Acesso em nov. 2016.

Friedrich Hayek (Foto: newstatesman.com). Disponível em: <<http://www.newstatesman.com/politics/2015/07/john-gray-friedrich-hayek-i-knew-and-what-he-got-right-and-wrong>> Acesso em nov. 2016.

Jane Jacobs (Foto: newyorker.com). Disponível em: <<http://www.newyorker.com/magazine/2016/09/26/jane-jacobs-street-smarts>> Acesso em nov. 2016.

Jaime Lerner (Foto: jaimelerner.com). Disponível em: <<http://www.jaimelerner.com/bio.html>> Acesso em dez. 2016

Cinza Natural (Foto: braston.com.br). Disponível em: <<http://braston.com.br/produtos/megadreno/>> Acesso em nov. 2016

Platina (Foto: braston.com.br). Disponível em: <<http://braston.com.br/produtos/megadreno/>> Acesso em nov. 2016

Tabaco (Foto: braston.com.br). Disponível em: <<http://braston.com.br/produtos/megadreno/>> Acesso em nov. 2016

Terracota (Foto: pavimentiblocos.com.br). Disponível em: <<http://www.pavimentiblocos.com.br/Produtos/paver-permeavel.aspx>> Acesso em nov. 2016

Concreto Escovado (Foto: depositphotos.com.pt). Disponível em: <<http://pt.depositphotos.com/16852731/stock-photo-brushed-concrete-texture-background.html>> Acesso em nov. 2016

Pisograma (Foto: braston.com.br). Disponível em: <<http://braston.com.br/produtos/pisograma>> Acesso em nov. 2016

Cajueiro (Foto: panoramio.com). Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/87576393>> Acesso em nov. 2016

Pau d` Arco Roxo (Foto: Maurício Mercadante). Disponível em: <<http://www.flickrriver.com/photos/mercadanteweb/4146614017/>> Acesso em nov. 2016

Monguba (Foto: sobasombradasarvores.wordpress.com). Disponível em: < <https://sobasombradasarvores.wordpress.com/pau-brasil/monguba-pachira->> Acesso nov. 2016

Pau Branco (Foto: blogdaprofmary.blogspot.com.br). Disponível em: < <https://blogdaprofmary.blogspot.com.br/2015/04/arvores-da-caatinga.html>> Acesso nov. 2016

Jasmim-Manga (Foto: gardensonline.com.au). Disponível em: < http://www.gardensonline.com.au/GardenShed/PlantFinder/Show_1597.aspx> Acesso nov. 2016

Carnaúba (Foto: Liza Gabriele). Disponível em: < <http://olhares.sapo.pt/a-carnauba-copernicia-prunifera-agreste-potiguar-foto7077561.html>> Acesso nov. 2016

Bougainville (Foto: plantlust.com). Disponível em: < <http://plantlust.com/plants/6142/bougainvillea-glabra/>> Acesso nov. 2016

Tumbérgia-Azul (Foto: 1005klahanie.wordpress.com). Disponível em < <https://1005klahanie.wordpress.com/2013/08/19/vines-and-trees-in-mexican-village-spring-2013/>> Acesso nov. 2016

Alpínia (Foto: latin-wife.com). Disponível em < <http://www.latin-wife.com/blog/colombia/alpinia-purpurata/>> Acesso dez. 2016

Cordilíne (Foto: modosdeolhar.blogspot.com.br). Disponível em < <http://modosdeolhar.blogspot.com.br/2015/09/dracena-vermelha-coqueiro-de-venus.html>> Acesso nov. 2016

Pingo d' Ouro (Foto: garden.org). Disponível em < <http://garden.org/plants/view/165006/Golden-Dew-Drop-Duranta-erecta-Aurea/>> Acesso dez. 2016

Dracena Verde e Amarela (Foto: luirig.altervista.org). Disponível em < <http://luirig.altervista.org/schedenam/fnam.php?taxon=Dracaena+fragrans>> Acesso dez. 2016

Dracena Coqueirinho (Foto: Tara Bomhof). Disponível em < <https://fr.pinterest.com/pin/566961040568163548/>> Acesso dez. 2016

Espada de São Jorge (Foto: plantsrescue.com). Disponível em < <http://www.plantsrescue.com/sansevieria-trifasciata-laurentii/>> Acesso dez. 2016

Zamioculca (Foto: Cristina Braga). Disponível em < <http://www.floresefolhagens.com.br/zamioculca-zamioculcas-zamiifolia/>> Acesso dez. 2016

Boa-Noite (Foto: gardensonline.com.au). Disponível em: < http://www.gardensonline.com.au/GardenShed/PlantFinder/Show_2762.aspx> Acesso dez. 2016

Zebrina (Foto: commons.wikimedia.org). Disponível em: < [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Silvery_Wandering_Jew_\(Tradescantia_zebrina\)_5.jpg>](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Silvery_Wandering_Jew_(Tradescantia_zebrina)_5.jpg>) Acesso dez. 2016

Chanana (Foto: latin-wife.com). Disponível em < <http://www.latin-wife.com/blog/colombia/turnera-ulmifolia/>> Acesso dez. 2016

Grama Esmeralda (Foto: v-ter.com). Disponível em < <http://www.v-ter.com/produccion-plantas/zoysia.html>> Acesso dez. 2016



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

